

FABIANA FELIX DO AMARAL E SILVA

**IDENTIDADE CULTURAL, CULTURAS SUBALTERNAS E  
O PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: A EXPERIÊNCIA DE  
SÃO LUIZ DO PARAITINGA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Profª Drª Maria Nazareth Ferreira.

**SÃO PAULO**

**2006**

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Silva, Fabiana Felix do Amaral e  
Identidade cultural, culturas subalternas e o patrimônio arquitetônico: a experiência de  
São Luiz do Paraitinga.  
Fabiana Felix do Amaral e Silva – São Paulo -2006  
175p.  
Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo.  
Área de concentração: Interfaces Sociais da Comunicação  
Orientadora: Profª Drª Maria Nazareth Ferreira.

---

Palavras – Chave: Identidade Cultural, Culturas Subalternas, Patrimônio Arquitetônico,  
Festas, Turismo Emancipador, São Luiz do Paraitinga.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

**À família**

**À memória da “vó” Júlia, minha fortaleza espiritual.**

**À Cidinha, minha mãe, meu alento incondicional.**

**Ao Fábio, meu pai, meu irmão.**

**Ao Luciano, meu irmão, meu pai.**

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

**Agradeço:**

**À Profª Drª Maria Nazareth Ferreira, mestra e amiga, presença marcante em minha trajetória acadêmica, que com acolhimento, confronto e exigência possibilitou-me a descoberta de uma leitura crítica da realidade e a descoberta de mim mesma.**

**À amiga Soledad, pela vibração e alegria com que me incentivou nessa jornada.**

**Aos amigos do Celacc pela partilha de conhecimentos e experiências.**

**À comunidade de São Luiz do Paraitinga, pela disponibilidade em compartilhar sua história.**

**A CAPES, pelo incentivo financeiro.**

**Comissão Julgadora**

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## RESUMO

O presente trabalho tratou das relações estabelecidas entre a comunidade de São Luiz do Paraitinga e o patrimônio arquitetônico, tendo em vista as possibilidades de formação de uma espacialidade de manifestações culturais locais frente à expansão mercadológica do turismo, que vinha sendo promovido para a cidade.

Esta pesquisa teve como finalidade propor um novo olhar para a questão do patrimônio arquitetônico ao considerar seus usos sociais, não a partir de uma mera atitude defensiva, mas como uma visão mais complexa de como a sociedade se apropria de sua história.

Ao investigar as relações do patrimônio arquitetônico com a comunidade local e suas manifestações culturais, tais como a Festa do Divino e o Carnaval, este trabalho apresentou novas contribuições para a Teoria da Comunicação, com enfoque especial nas culturas subalternas e as possibilidades de resistência de seus valores identitários frente à ameaça do turismo massificador.

## PALAVRAS – CHAVE

Identidade Cultural, Culturas Subalternas, Patrimônio Arquitetônico, Festas, Turismo Emancipador, São Luiz do Paraitinga.

## ABSTRACT

The present work treated the relations established between the community of “São Luiz do Paraitinga” and the architectural patrimonial, having in view the possibilities of the formation of a spaciousness of local cultural manifestations before the tourism market expansion.

This research had as finality to propose a new look towards the question of the architectural patrimonial when considering its social usages , not from a mere defensive attitude, but as a more complex view of how the society appropriates of its history.

When searching the relations between the architectural patrimonial with the local community and its cultural manifestations , such as : The party of the Divine (“ A festa do Divino”) and the Carnival, this work presented a new contribution to the Communication Theory, with a special focus on the subaltern cultures and the possibilities of the resistance of its identity values before the threat of the massive tourism.

## KEY WORDS

Cultural Identity, Subaltern Culture, Architectural Patrimonial, Party, Emancipation Tourism ,  
São Luiz do Paraitinga.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | <b>01</b>  |
| <b>1. A GLOBALIZAÇÃO CULTURAL E O TURISMO</b>   | <b>12</b>  |
| <b>2. IDENTIDADE CULTURAL E RESISTÊNCIA: AS POSSIBILIDADES DAS CULTURAS SUBALTERNAS.</b>                        | <b>26</b>  |
| 2.1 Os usos e a gestão do Patrimônio Arquitetônico  | 26         |
| 2.2 Patrimônio Arquitetônico sua essência hegemônica e as possibilidades contra-hegemônicas.                    | 38         |
| 2.3 Festas, Identidade Cultural e Patrimônio Arquitetônico  | 46         |
| <b>3. SÃO LUIZ DO PARAITINGA NO CONTEXTO DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA.</b>                                       | <b>53</b>  |
| 3.1 Historia, Cultura e Turismo.  | 53         |
| 3.2 A gestão do Patrimônio Arquitetônico de São Luiz do Paraitinga no âmbito das políticas públicas do Turismo. | 73         |
| <b>4. PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: O CENÁRIO EM MOVIMENTO.</b>   | <b>99</b>  |
| 4.1 O patrimônio arquitetônico no processo comunicacional das manifestações culturais subalternas.              | 102        |
| 4.1.1 O Carnaval de São Luiz do Paraitinga: cor e movimento.  | 102        |
| 4.1.2 São Luiz do Paraitinga e a fé no Divino.  | 126        |
| 4.2 Ação Participativa.   | 141        |
| 4.3 O Carnaval e a Festa do Divino: diferenças e similitudes.   | 146        |
| 4.4 Os turistas e suas “impressões”.  | 154        |
| <b>CONCLUSÕES PRELIMINARES.</b>   | <b>166</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>   | <b>171</b> |
| <b>ANEXOS</b>   | <b>175</b> |

**LISTA DE TABELAS**

|   |            |
|---|------------|
| <b>TABELA I - Demografia São Luiz do Paraitinga</b>                                   | <b>57</b>  |
| <b>TABELA II – Espacialidade I – comunidade</b>                                       | <b>118</b> |
| <b>TABELA III - Conscientização e gestão do patrimônio arquitetônico – comunidade</b> | <b>120</b> |
| <b>TABELA IV – Espacialidade II – comunidade</b>                                      | <b>121</b> |
| <b>TABELA V – Espacialidade III – comunidade</b>                                      | <b>122</b> |
| <b>TABELA VI – Conscientização- turismo I- comunidade</b>                             | <b>142</b> |
| <b>TABELA VII – Conscientização- turismo II- comunidade</b>                           | <b>143</b> |
| <b>TABELA VIII - Conscientização cultural I – comunidade</b>                          | <b>144</b> |
| <b>TABELA IX – Grau de participação nas festas – comunidade</b>                       | <b>147</b> |
| <b>TABELA X – Espacialidade – turistas</b>  | <b>154</b> |
| <b>TABELA XI – Divulgação – turistas</b>  | <b>156</b> |
| <b>TABELA XII – Hospedagem – turistas</b>   | <b>157</b> |
| <b>TABELA XIII – Grau de participação nas festas – turistas</b>                       | <b>157</b> |
| <b>TABELA XIV – Conscientização – turismo I – turistas</b>                            | <b>159</b> |
| <b>TABELA XV –Conscientização - turismo II –Turistas</b>                              | <b>159</b> |
| <b>TABELA XVI –Conscientização - turismo III –Turistas</b>                            | <b>160</b> |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata das relações estabelecidas entre a comunidade de São Luiz do Paraitinga e o patrimônio arquitetônico, tendo em vista as possibilidades de formação de uma espacialidade de manifestações culturais locais frente à expansão mercadológica do turismo, que vem sendo promovido para a cidade.

A cidade de São Luiz do Paraitinga, localizada no Vale do Paraíba Paulista, vem sofrendo um processo de estímulo ao desenvolvimento do Turismo Regional desde os anos 70 e 80 do Século XX. Neste processo, as cidades estão redescobrimo suas potencialidades históricas, culturais e ambientais, que têm sido referenciadas como produtos a serem consumidos.

São Luiz do Paraitinga tem sido referência no calendário turístico do Vale do Paraíba, tendo seus pontos-altos na Festa do Divino e no Carnaval. Porém, é palco de manifestações culturais durante o ano todo, as quais atualmente começam a projetar-se no circuito do Turismo Cultural Brasileiro.

Possui um passado colonial rico de tradições das classes subalternas, identificado nas festas populares laicas e religiosas como a Festa do Divino - famosa em toda a região. Como todo o Vale do Paraíba, São Luiz do Paraitinga também possui uma tradição de danças populares (o Moçambique e o Jongo) de profundas raízes na cultura local.

Berço de grandes músicos, tem na música um dos seus mais expressivos patrimônios culturais manifestado também no Carnaval que, inclusive, é

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

estruturado na cultura do povo luziense, por meio dos mitos, das lendas e da tradição na construção de bonecos gigantes e também no resgate de poetas e músicos da história da cidade.

Cidade de passado colonial possui um sugestivo conjunto arquitetônico muito bem conservado. A cidade, ao lado das ricas tradições de festas populares laicas e religiosas, tem, juntamente com seu artesanato, suas riquezas arquitetônicas e musicais, valores que estão sendo evidenciados na motivação para o turismo cultural.

O atual quadro do Turismo Cultural está relacionado com a transferência de responsabilidade sobre as políticas públicas do governo central para as instâncias subnacionais, em particular para os municípios, desde a década de 80 do século XX.

De acordo com esta política, os gestores municipais, para alcançarem os investimentos necessários para o desenvolvimento local, buscam ressaltar suas potencialidades e peculiaridades, muitas vezes com a idéia de criar uma nova “imagem”. Nesse processo, os atributos ambientais, culturais e históricos das cidades são aqueles que, de modo privilegiado, têm sido utilizados como bases das especificidades locais. Dessa forma, as áreas urbanas antigas, de grande qualidade arquitetônica, têm assumido papel importante e, muitas vezes, vital na construção de políticas locais de desenvolvimento. Essas áreas urbanas são, em geral, deprimidas, subutilizadas ou abandonadas em vista da perda de sua vitalidade econômica, mas possuidoras de grande qualidade arquitetônica e principalmente de grande significado simbólico para a população local, regional ou

mesmo nacional e que neste contexto é palco de adaptações à demanda do turismo mercadológico.

O projeto acadêmico “As espacialidades das culturas subalternas e o Turismo Emancipador”<sup>1</sup> classificou este turismo como massificador<sup>2</sup> ao interferir na perda de identidade cultural das classes subalternas:

É caracterizado como um tipo de turismo realizado de forma nociva para com as comunidades e os espaços envolvidos, sem equilíbrio e sem a preocupação com a capacidade de carga do território, com o limite de tolerabilidade ao desenvolvimento, ou seja, ultrapassando parâmetros condizentes com uma adequada utilização dos recursos envolvidos. Nesse tipo de turismo, os visitantes agem de forma impositiva sobre os receptores em geral.<sup>3</sup>

As manifestações culturais típicas das regiões e localidades são prejudicadas pela falta de cuidado ou mesmo pela banalização por parte dos visitantes. Esse tipo de atitude, muitas vezes, está atrelada à conivência das autoridades locais, isso por não disporem de qualquer orientação no sentido de integrar esses visitantes à realidade específica da comunidade, não observando, portanto, a integração harmônica com seu foco principal de preocupação.<sup>4</sup>

Artesãos localizados em determinado ponto do país, com uma produção circunscrita a suas necessidades diretas, a partir da presença de um atravessador, interligado ao mercado externo, disposto a comprar o seu produto, acaba direcionando a sua

---

<sup>1</sup> Maria Nazareth **FERREIRA**, Coordenadora. Projeto desenvolvido pelo Celacc/ECA/USP, com término previsto para março de 2006, CNPq.

<sup>2</sup> Ibid., p.09.

<sup>3</sup> Maria Nazareth **FERREIRA**, Coordenadora. Projeto: “As espacialidades das culturas subalternas e o Turismo Emancipador”. Op.cit., p.11.

<sup>4</sup> Ibid., p.11.

atividade de acordo com os interesses desse elemento estranho, e não mais de acordo com suas próprias demandas, afetando tanto a qualidade da produção quanto à definição do que produzir e quando produzir.<sup>5</sup>

Esse tipo de ocorrência acaba por descaracterizar acentuadamente o produto gerado por aquele processo anterior de produção e, sem dúvida, o atrativo primeiro do mercado, o trabalho artesanal encarnando a sua própria originalidade. A mesma descaracterização pode acontecer no âmbito de produções simbólicas, como a música, as danças e as festas populares.

Como consequência deste tipo de turismo, pode-se observar que além de uma radical modificação nas manifestações culturais no sentido de "adaptá-las" ao gosto médio dos turistas, interferem também no ambiente destas localidades, principalmente no patrimônio arquitetônico quando estes são adequados à demanda do turismo. Os espaços destas localidades são transformados em lugares de espetáculo, perdendo a sua essência simbólica e seus usos cotidianos.

Ao abordar a problemática patrimonial algumas pesquisas do campo das ciências urbanas já têm se ocupado de questões de como preservar, restaurar e proteger um patrimônio, o que não deixa de ter sua importância. Porém, este trabalho busca extrapolar essas questões ao compreender os diferentes usos desse patrimônio pela coletividade nas espacialidades do cotidiano e de suas manifestações culturais.

---

<sup>5</sup> Ibid., p.14.

O presente trabalho analisou o processo de duas festas da cidade: o Carnaval e a Festa do Divino, em suas fases de preparação e de execução como também a ideologia presente <sup>6</sup>. Ao investigar as relações do patrimônio arquitetônico com a comunidade local e suas manifestações culturais, tais como a Festa do Divino e o Carnaval, este trabalho optou pela dialética como uma metodologia de pesquisa capaz de ensejar novas contribuições para a Teoria da Comunicação, com enfoque especial nas culturas subalternas e as possibilidades de resistência de seus valores identitários frente à ameaça do turismo massificador.

Essa realidade foi observada a partir da experiência desta pesquisadora na participação dos projetos e das atividades do CELACC – Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação – <sup>7</sup>, trabalhando na linha de pesquisa Turismo, Identidade e Resistência Cultural. <sup>8</sup> Diante das transformações impostas às culturas subalternas pelo processo de globalização, esta linha de pesquisa vem discutindo a situação em que se encontram as culturas subalternas, ao serem submetidas a modos hegemônicos de gestão, encadeando a descaracterização dessas enquanto manifestações identitárias, perdendo a

<sup>6</sup>Maria Nazareth **FERREIRA**. *As festas populares na expansão do turismo: a experiência Italiana*. São Paulo: Arte e Ciência, 2001.

<sup>7</sup>Centro de Pesquisa fundado em 1996 e vinculado à ECA-Escola de Comunicações e Artes e à Universidade de São Paulo, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup> Maria Nazareth Ferreira. Desde 2002 é integrante do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil - CNPq.

<sup>8</sup>Esta pesquisadora está vinculada ao quadros de pesquisadores do Celacc, desde de agosto de 2000, trabalhando na linha de pesquisa “Turismo, Identidade e Resistência Cultural”. Já participou dos seguintes projetos de pesquisa desenvolvidos pelo centro: “Identidade Cultural e Cidadania: o potencial das cidades históricas para o turismo; finalizado em 2002 e, “As espacialidades das culturas subalternas e o Turismo Emancipador”, em processo de finalização previsto para março de 2006.

capacidade de se constituir em um pólo de resistência à cultura transnacional. Dessa forma, o grupo de pesquisadores do CELACC busca, em seus projetos, encontrar aspectos que evidenciem as possibilidades de resistência das classes subalternas frente aos processos desestabilizadores de identidades culturais, impostos pela realidade neoliberal, sob a perspectiva da dialética como metodologia de pesquisa.

Desta forma, este trabalho optou pela dialética, por esta constituir-se como metodologia de pesquisa necessária para a produção de conhecimento, assim como a sua possibilidade de transformação social, ao contrapor-se aos referenciais teóricos das ideologias dominantes, que reformulam conceitos anteriores em função da dominação.<sup>9</sup> O caráter motivador desta pesquisa reside na necessidade de apropriação do real com o objetivo de transformar a realidade. Desta forma, buscaram-se neste trabalho formas de apropriação que possibilitassem o conhecimento e o questionamento, apresentando a preocupação com a forma de estabelecimento das relações sociais, que podem ser aniquiladas no decorrer dos processos históricos, justamente pela presença de formas de apropriação propostas por teorias<sup>10</sup> que não se propõem à transformação.

---

<sup>9</sup>Não é objetivo desta pesquisa analisar os processo nos quais se estabelecem as teorias da comunicação; contudo indica-se a dialética como metodologia de pesquisa utilizada pelos estudos das culturas subalternas, precisamente os estudos desenvolvidos por Maria Nazareth Ferreira e Nestor Garcia Canclini na realidade da América Latina, em contraponto às teorias hegemônicas; tais como as Teorias Funcionalistas e Teorias Estruturalistas.

<sup>10</sup>Conforme explicado na nota anterior, este trabalho não centra sua pesquisa nas análises sobre as Teorias da Comunicação. Desta forma, as Teorias que não se propõem à transformação correspondem às Teorias Funcionalistas e às Teorias Estruturalistas.

Para a compreensão desta opção, faz-se necessário pontuar alguns dos seus pressupostos metodológicos, tais como, os procedimentos de análise e a relação entre sujeito e objeto. Para a dialética, o objeto de conhecimento consiste na compreensão e no entendimento da ação social: “Conhecer para transformar”.<sup>11</sup>

A dialética propicia a conscientização do momento social, em que o objeto de estudo está relacionado com outras partes, ocorrendo a interação no contexto social: a síntese entre a totalidade e a especificidade. Portanto, não existiria um ato social isolado, diferentemente de como as outras tratam o objeto de estudo.<sup>12</sup>

Analisar os conflitos é a base para o conhecimento, pois propõe a transformação: o germe do conhecimento é a tensão, que proporciona o desencadeamento da curiosidade sobre o conflito e a compreensão do real concreto.

Diante do fato de que há sempre transformações, devido ao dinamismo das práticas sociais, as pesquisas devem investigar o real em seu movimento e dinamismo inter-relacionados.<sup>13</sup>

Assim, nesta pesquisa a relação entre sujeito e objeto foi tratada dialeticamente, onde o sujeito – pesquisador - imbuído das bases teóricas alicerçadas na historicidade dos fatos, representou o mediador para uma

---

<sup>11</sup>Maria Nazareth **FERREIRA** in Curso “Alternativas do Conhecimento Científico em Cultura e Comunicação Social” . CCA-ECA-USP, primeiro semestre de 2000.

<sup>12</sup>Ibid.

<sup>13</sup>Ibid.

transformação social, pois, ocorreram momentos em que o objeto é que mostrou o caminho que a pesquisa deveria seguir.

A partir destas considerações metodológicas foram elaborados os objetivos provocadores deste trabalho:

- Analisar o processo histórico da formação do patrimônio arquitetônico para poder compreender a sua relação com o poder oficial ou o poder das elites.
- Analisar as ações das políticas públicas em São Luiz do Paraitinga que interferem direta ou indiretamente no patrimônio arquitetônico para propor ações que contemplem a participação da coletividade neste processo.
- Analisar junto à comunidade local como vêm ocorrendo as revitalizações e intervenções no Patrimônio Arquitetônico, para examinar a conscientização de sua responsabilidade como cidadão na fiscalização das gestões oficiais sobre os mesmos.
- Analisar o entendimento da comunidade sobre as ações do turismo massificador em sua cidade, para poder compreender os diferentes graus de hegemonia que se estabelecem no processo emissor (turismo massificador) e receptor (comunidade).
- Analisar os usos do patrimônio arquitetônico pela comunidade para poder compreender o processo de formação de uma possível espacialidade.

Os métodos e técnicas consistiram na aplicação de questionários junto à comunidade e aos turistas, assim como entrevistas com agentes culturais -

organizadores das festas, prefeito, secretaria municipal de Cultura, líderes religiosos etc.

Outro posicionamento metodológico adotado neste trabalho foi a opção em não desenvolver um capítulo de discussão teórica, pois essas discussões estão expostas no decorrer dos capítulos apresentados a seguir:

No primeiro capítulo – **A GLOBALIZAÇÃO CULTURAL E O TURISMO** - pretendeu-se analisar os processos estabelecidos no campo cultural, considerando-o como o lugar da manifestação dos conflitos e das disputas simbólicas e comunicacionais, em que coexistem a dominação e a resistência. De um lado, os efeitos da globalização no campo cultural, que por meio da ação dos *media*, descaracterizam os conteúdos simbólicos das classes subalternas; e de outro, as suas possibilidades de resistência frente à atualidade globalizante ao encontrarem práticas adaptativas de participação segundo os estudos de Maria Nazareth Ferreira e Nestor Garcia Canclini.

O segundo capítulo - **IDENTIDADE CULTURAL E RESISTÊNCIA: AS POSSIBILIDADES DAS CULTURAS SUBALTERNAS** - ao buscar relacionar o patrimônio arquitetônico como elemento de comunicação social está subdividido nos seguintes itens: **Os usos e a gestão do Patrimônio Arquitetônico**, em que pretendeu-se relacionar os aspectos históricos e conceituais das diferentes relações que a questão do patrimônio histórico abarca, desde o surgimento da idéia de monumento histórico até as atuais perspectivas no contexto da busca de identidade cultural, isto é, as noções dos “novos patrimônios”, apoiando-se nas obras de Françoise Choay e Carlos Lemos e de Henri-Pierre Jeudy e Nestor

Garcia Canclini. No segundo item: **Patrimônio Arquitetônico: sua essência hegemônica e as possibilidades contra-hegemônicas**, com objetivo de analisar o Patrimônio Arquitetônico como um dos elementos de comunicação das classes subalternas. Para tanto, foram consideradas duas vertentes de análise: uma delas se refere às Teorias da Memória do Social, apontada nos estudos de Henri-Pierre Jeudy, bem como a análise dos processos de formação e produção do espaço patrimonial e, a outra, à possibilidade do entendimento do processo de transformação do espaço urbano na atualidade, abordadas nos estudos de Henri Lefebvre. No último item deste capítulo; **Festas, Identidade Cultural e Patrimônio Arquitetônico**, a intenção foi de aprofundar os estudos sobre as manifestações das culturas subalternas, por meio da análise da festa enquanto objeto de estudo.

O terceiro capítulo - **SÃO LUIZ DO PARAITINGA NO CONTEXTO DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA** - está dividido em dois itens. No primeiro - **História, Cultura e Turismo** - pretendeu-se compreender a região na qual se insere São Luiz do Paraitinga, apresentando um panorama da história de formação do Vale do Paraíba Paulista até os dias atuais: os seus ciclos econômicos foram determinantes no processo de ocupação do espaço e condicionantes na formação sócio-cultural. A análise do seu passado pode ser reveladora para compreensão do presente ao procurar ir além dos fatos históricos, entendendo-os como campo de conflitos dialógico e dinâmico. Esse item teve como apoio teórico as investigações de Leôncio Bausbam no que se refere ao processo evolutivo da História, como também os estudiosos da região do Vale do

Paraíba, entre eles Francisco Sodero Toledo e Nice Lecocq Muller. Apresenta também uma descrição das potencialidades da cidade de São Luiz do Paraitinga, tendo como apoio as pesquisas de Maria Nazareth Ferreira. No segundo item - **A experiência de São Luiz do Paraitinga** - buscou-se fundamentar as questões das políticas públicas que atuam em São Luiz do Paraitinga, com a finalidade de identificar três aspectos: as relações entre as diferentes esferas de atuação: parceria com outros órgãos públicos, a compatibilização da comunidade envolvida nas ações dessas políticas e seus reflexos nas práticas culturais da cidade. Contribuíram para esse item Néstor Garcia Canclini, Irleno Porto Benevides, João dos Santos Filho, entre outros.

No quarto capítulo - **PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: O CENÁRIO EM MOVIMENTO** - destacaram-se os possíveis processos comunicacionais do patrimônio arquitetônico no contexto do turismo massificador, ao relacioná-los com as práticas culturais das classes subalternas.

Sobretudo, propõe-se compreender o patrimônio arquitetônico com um novo olhar, considerando seus usos sociais, não a partir de uma mera atitude defensiva, mas como uma visão mais complexa de como a sociedade se apropria de sua história; apontando alternativas de análise sobre os patrimônios arquitetônicos na realidade do turismo.

## CAPÍTULO 1

### A GLOBALIZAÇÃO CULTURAL E TURISMO

Cada época resguarda certos discursos que expressam as suas intenções e ideologias e, de certa forma, delimitam suas fronteiras, podendo mostrar o panorama de intenção e de pensamento de um determinado momento histórico. O que é comum a esses discursos é o fato de marcarem uma época, pois, no entendimento de Wilson Gomes<sup>14</sup>, são aglutinadores e norteadores de uma identidade epocal em construção.

O atual estágio do processo neoliberal tem configurado uma nova realidade, desencadeando discussões que põem em evidência a problemática da identidade cultural.

---

<sup>14</sup>Wilson **GOMES**, "A pergunta e o discurso sobre o real na crise da modernidade" In: Antônio Albino Canelas **RUBIN** (org). *Idade Mídia*. Salvador: **Comunicação**. 1995, p.15.

Uma das conseqüências mais controvertidas da expansão neoliberal é o despertar das identidades. Se na década de 70, deixou-se de pensar as classes sociais para, nos anos 80, pensar os atores sociais, na década atual, a grande problemática é a discussão das identidades nacional, social e cultural.<sup>15</sup>

A atualidade vivencia um momento de inquietações acerca do rumo da sociabilidade. Os processos político, social e cultural sofrem transformações geradas pelos avanços das tecnologias da comunicação e da informação que alteram o espaço público, tratado aqui como *locus* da prática social, estabelecendo novas formas de relação entre o indivíduo e a cidade.

Dentro desse contexto, é característico o movimento de apropriação do passado na tentativa de compreender e resistir a uma realidade que tem perdido seus referenciais históricos pela banalização de suas vivências. Em todos os campos das pesquisas acadêmicas, passando pelos processos das políticas públicas até o surgimento de organizações não-governamentais, há nos discursos a preocupação com a preservação cultural e ambiental, identificada em ações que evidenciam os argumentos do desenvolvimento sustentável <sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup>Maria Nazareth FERREIRA. "Identidade e Resistência Cultural na América Latina" In: FERREIRA, Maria Nazareth (org.) *Globalização e Identidade Cultural na América Latina*. São Paulo: CEBELA, 1995.p. 63.

<sup>16</sup>No Relatório de Brundtland, em 1987, o conceito de Desenvolvimento Sustentável começa a ser consolidado: "aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades". Já na realização da Cnumad no Rio de Janeiro, em 1992, o conceito de desenvolvimento sustentável se consagrou e teve seu uso amplamente disseminado.

Sempre com os argumentos do desenvolvimento sustentável e da preocupação com as identidades culturais, essas práticas ganham credibilidade, porém a realidade nem sempre é aquela definida nos discursos.

As palavras 'patrimônio' 'memória coletiva' ou 'identidade cultural' perdem seu poder conceitual, tornando-se expressões vagas que acabam designando o próprio esvaziamento do seu sentido. Elas aparecem como 'palavras de ordem' para programas sócio-culturais cada vez mais repetitivos e equivalentes entre si. Mas a mobilização social que presumivelmente eles ocasionariam continua a se ampliar: nas regiões de todos os países do mundo, a busca da identidade cultural acaba motivando e dinamizando as práticas e políticas de conservação.<sup>17</sup>

Ferreira, ao estabelecer alguns parâmetros dessa nova realidade, alerta para os efeitos da globalização no campo cultural, considerando-o como o lugar em que esse novo discurso legitima-se por meio da atuação dos *media*.

O projeto de globalização em desenvolvimento está sendo absolutamente eficaz e veloz graças ao avanço planetário dos sistemas comunicacionais, os quais atuam num campo privilegiado, o campo cultural.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup>Henri-Pierre **JEUDY**. *Memórias do Social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.1990, p.14

<sup>18</sup>Maria Nazareth **FERREIRA**. *Globalização e Identidade Cultural na América Latina*.Op. cit. p.31.

Esse movimento pode ser justificado na definição da cultura, por Néstor Garcia Canclini: “o conjunto de processos simbólicos por meio dos quais se compreende, reproduz e transforma a estrutura social”<sup>19</sup>

E, se a comunicação é entendida como mediação social, só pode ser entendida se relacionada com os fenômenos da cultura. É no espaço da cultura, da cotidianidade, portanto, que se desenvolvem as relações conflituosas dentro de uma sociedade e interagem com os diferentes sistemas comunicacionais.<sup>20</sup>

O campo cultural é o lugar da manifestação dos conflitos e das disputas simbólicas e comunicacionais, coexistindo a dominação e a resistência: de um lado, os efeitos da globalização no campo cultural, por meio da ação dos *media*, descaracterizam os conteúdos simbólicos das classes subalternas e, de outro, as suas possibilidades de resistência frente à atualidade globalizante ao encontrarem práticas adaptativas de participação.

Para Ferreira, é na análise da cotidianidade das culturas das classes subalternas<sup>21</sup> que a pesquisa em comunicação agregará conhecimento, pois conforme analisa: “é no espaço cultural, na cotidianidade, portanto, que são das relações das classes subalternas com o mundo material e com as classes

---

<sup>19</sup>Ibid., p. 32.

<sup>20</sup>Ibid., p. 32.

<sup>21</sup>Ibid., “O termo cultura subalterna ou culturas das classes subalternas tem origem gramsciana. O pensador italiano Antonio Gramsci, ao criar a expressão, emprega-a no sentido de diferenciar o patrimônio cultural do povo da cultura oficial”., p. 23.

hegemônicas (...) nesse espaço conflitivo e adaptativo, as culturas subalternas refuncionalizam as mensagens recebidas, adaptando-as ao seu cotidiano”.<sup>22</sup>

Este trabalho analisou a conjuntura do processo do turismo no contexto neoliberal ao considerá-lo como um de seus reflexos, pois, em seu processo estão inseridos, tanto a globalização cultural que atua sob interferência dos *media*, quanto as possibilidades de resistência presentes nas vivências das culturas subalternas.<sup>23</sup>

O turismo é uma das atividades econômicas que mais vem crescendo nesses últimos anos no mundo, tanto em termos de volume de recursos gerados, quanto em número de turistas. As atividades turísticas estão se constituindo em importantes fontes de receita de municípios, estados e países. Além dos gastos diretos efetuados pelos turistas durante sua permanência nos locais, esse aporte de dinheiro reflete-se em outras áreas da economia local, como por exemplo, no aumento da urbanização, no incremento de atividades correlatas<sup>24</sup>, com evidentes reflexos positivos na arrecadação tributária, constituindo uma não desprezível fonte de recursos, sem contar os benefícios indiretos que podem ser levados às

---

<sup>22</sup>Ibid., p. 23

<sup>23</sup>A utilização deste conceito foi uma opção consciente. Primeiro, devido à grande confusão criada em torno do termo *cultura popular*, confusão de difícil solução, pois são muito diversas as teorias nas quais se baseia este termo; segundo, porque este trabalho de pesquisa está inserido nas premissas teóricas e metodológicas das pesquisas do Celacc- Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação - nas quais, os objetos de estudos se referem à realidade das classes subalternas, assim como nesta pesquisa.

<sup>24</sup>Transportes, alojamento e hospedagem, alimentação (restaurantes, bares, lanchonetes, produção e fornecimento de alimentos), comércio (farmácias, postos de serviço), artesanatos, serviços que dependam de mão-de-obra especializada (informática, tradução) etc.

populações, principalmente durante períodos de intensificação do desemprego e dos seus efeitos negativos sobre todos os aspectos da vida social.

Em geral, os argumentos evocados pelo poder são sempre os mesmos, tais como a geração de empregos para população, a captação de divisas para o município e os lucros para o setor de serviços. No entanto, pouco se tem perguntado se esse desenvolvimento promove a distribuição de renda mais eqüitativa, ou seja, melhoria nas condições de vida da população como um todo, e não apenas de uma parcela. Por outro lado, em que pesem os benefícios econômicos do turismo, muitos estudos e pesquisas têm mostrado que essa atividade provoca impactos negativos, como a degradação ambiental e sócio-cultural, utilizando-se de uma forma não sustentável até o esgotamento de suas fontes, ocasião em que se transfere a atividade para outro local. São impactos que incidem, tanto no meio natural (vegetação, rios, praias, mangues, montanhas, etc), quanto no patrimônio histórico cultural e nos modos de vida dos habitantes locais.

Esta proposta tomou corpo a partir da observação de dois conjuntos de análises: a primeira, uma experiência de pesquisa acadêmica<sup>25</sup> - desenvolvida nos últimos dez anos - sobre os efeitos da expansão do turismo nas culturas subalternas em algumas cidades brasileiras, e a segunda uma análise direcionada às interferências no Patrimônio Arquitetônico no quadro geral das políticas públicas relacionadas ao turismo no Brasil.

---

<sup>25</sup>Maria Nazareth **FERREIRA**, (coordenadora). Projeto: "Identidade Cultural e Cidadania: O potencial das cidades históricas para o Turismo" Relatório apresentado para FAPESP e para o CNPq em 2002.

Na primeira verificou-se como principal problema enfrentado pelas diferentes iniciativas tomadas pelas autoridades – no sentido de adequar suas cidades às necessidades do turismo - a questão da gestão de projetos culturais.

Esta gestão – que, na maioria dos casos, está relegada a plano secundário ou é inexistente – tem trazido, conforme conclusões preliminares, grandes transtornos às culturas subalternas locais devido à imprevidência e até mesmo à falta de instrumentos que permitam identificar qual o papel que esta modalidade de cultura pode significar para o turismo emancipador e autônomo.<sup>26</sup>

Ao lado destas constatações, coloca-se também a observação de que não foi possível identificar sensíveis resultados na implementação do PNMT<sup>27</sup> e o do PAB<sup>28</sup> nessas cidades analisadas e também que esses programas não atingiram todas as cidades brasileiras e, quando atingidas, muitas das críticas recaem sobre a descentralização do poder e a incapacidade de gestão, por falta de instrumentos para adequado planejamento e para a captação de recursos financeiros por parte da municipalidade.<sup>29</sup>

A segunda é a análise do quadro de referência que baliza as discussões acadêmicas na área do planejamento urbano, o qual se ocupa em questionar as

---

<sup>26</sup>Ibid., p.15.

<sup>27</sup>O PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo, criado em 1995 pela EMBRATUR, tinha como objetivo desenvolver nos municípios de pequeno e médio porte (o programa não engloba capitais) o potencial turístico latente.

<sup>28</sup>O PAB – Programa de Artesanato Brasileiro – também criado pela EMBRATUR em 1995, mas em parceria com o Ministério da Indústria, Comércio e Turismo.

<sup>29</sup>Irleno Porto **BENEVIDES**. “Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local”. In **RODRIGUES**, Adyr A. B., (org.) *Turismo e Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec. 1997, p. 27

políticas públicas de intervenções no espaço destas localidades, pontuando a questão da regionalização e das revitalizações dos patrimônios arquitetônicos.<sup>30</sup>

A presente pesquisa relacionou estes dois posicionamentos, ao considerar o patrimônio arquitetônico como referencial de memória coletiva por constituir-se como um dos elementos do imaginário da coletividade local, portanto, na dinâmica da espacialidade das culturas subalternas.

Dentro deste contexto, foi estabelecida uma análise das ações de preservação e revitalização do patrimônio arquitetônico inseridos no processo de expansão do turismo massificador que vem ameaçando a existência das identidades culturais.

Algumas dessas ações de preservação e revitalização têm caráter autoritário e elitista, pois as intervenções são pautadas por interesses de poucos, acabando por definir e por decidir o destino de áreas de interesse histórico-cultural, principalmente para a comunidade local que é a gestora de origem.

A relevância desta pesquisa fundamentou-se em agregar outras maneiras de abordar a questão do patrimônio arquitetônico, apoiadas na compreensão das possibilidades de resistência identificadas nas espacialidades das culturas subalternas, num movimento contra-hegemônico. A espacialidade das culturas subalternas no seu cotidiano e nas suas festas é primordial para se pensar e

---

<sup>30</sup>Esta análise está problematizada no decorrer do texto, especificamente no Capítulo 2 (item: 2.1. Os usos e a gestão do Patrimônio Arquitetônico) e no Capítulo 3 (item: 3.2. A gestão do Patrimônio Arquitetônico de São Luiz do Paraitinga no âmbito das políticas públicas do Turismo).

entender as questões dos patrimônios arquitetônicos com atores sociais. O patrimônio arquitetônico é protagonista da história da cidade, elemento dinâmico, atuante e vivo, presente em prédios privados e públicos, vias públicas, mobiliário, nas relações de trabalho, nas festas e costumes da comunidade, na culinária, nos jogos, brincadeiras e todas as demais manifestações culturais.

Retomando a pesquisa acadêmica anteriormente citada<sup>31</sup>, já se analisou o aspecto do turismo desestabilizador das identidades culturais, caracterizando-o como *massificador*, isto é, um tipo de turismo praticado de forma nociva para com as comunidades e para com os espaços envolvidos, sem equilíbrio e sem preocupação com a "capacidade de carga do território" e com o "limite de tolerabilidade ao desenvolvimento", ou seja, ultrapassando parâmetros condizentes com uma adequada utilização dos recursos envolvidos.<sup>32</sup>

Em relação ao patrimônio cultural, o turismo massificador age descaracterizando-o e devastando-o. As manifestações culturais típicas das regiões e localidades são prejudicadas pela falta de cuidado ou mesmo pela banalização por parte dos visitantes. As classes subalternas e seu cotidiano ficam expostos a um arrastão cultural, uma varredura de seus costumes com a presença do visitante. Uma determinada atividade da cultura popular local pode se transformar no sentido de adequar-se a uma demanda externa à sua realidade,

---

<sup>31</sup>Maria Nazareth **FERREIRA**, (coordenadora). Projeto: "As espacialidades das culturas subalternas e o Turismo Emancipador"., com término previsto para março de 2006.

<sup>32</sup>Ibid., p.12.

desvinculando-se radicalmente de suas origens sociais e históricas, ou seja, de seu mais significativo bem.

Assim, a apropriação das manifestações culturais é alvo recorrente do turismo massificador, que aniquila seu real significado. Desta forma, essas manifestações perdem sua legitimidade. “(...) não se reconhece qualquer autonomia às culturas populares, ao inseri-las na realidade da indústria cultural”.<sup>33</sup> Essas situações podem ser visualizadas no contexto das cidades brasileiras em que o turismo já vem atuando de maneira devastadora e niveladora de significados. Como exemplo, pode-se citar o artesanato - que nesse contexto ganha novas formas de produzir - pois os significados reais transformam-se em significado transnacional e as suas produções deixam de ser autênticas para se adequarem aos produtos ditos universais, perdendo assim, a sua identidade cultural.

As ações dos *media* - um dos principais instrumentos de expansão e de integração do neoliberalismo - que atuam no campo da mediação social, transformam as concepções de vida, os valores éticos, estéticos, artísticos e religiosos de toda a sociedade, e através dos mecanismos de consenso criam sistemas de simulacros que mascaram as diferentes formas de apropriação e dominação.

---

<sup>33</sup>Maria Nazareth FERREIRA. *A Cultura Subalterna e o Neoliberalismo: a encruzilhada da América Latina*. São Paulo: CELACC/ECA/USP. 1997, p. 34.

Para compreender a situação em que se configura a questão da identidade cultural é primordial considerar a análise do processo de construção da identidade nacional pelo Estado autoritário que, respaldado pela ideologia nacional, constrói uma suposta idéia de integração que não tem sido reflexo das experiências e das práticas da comunidade que é seu gestor de origem. Como aponta Ferreira, a identidade cultural (nacional), na atualidade, está desintegrada, violentada, fragmentada, pela ação dos *media*. Sem condições de resistir a esse dilaceramento por si só, ela necessita de suporte de uma nova configuração cultural para poder se construir como verdadeira expressão da sociedade, nação ou povo que representa.<sup>34</sup>

A identidade de um sujeito individual ou coletivo é o compasso, a bússola que o orienta através da história. É por isso que qualquer projeto de dominação utiliza-se do controle psicológico do submetido. A destruição da identidade é o primeiro passo em qualquer tentativa de dominação: a colonização da personalidade.<sup>35</sup>

As pesquisas de Garcia Canclini referentes às possibilidades das classes subalternas e a sua capacidade em ressignificar os signos impostos pelas classes hegemônicas, representam uma maneira de se pensar e de se diagnosticar as possibilidades de resistência cultural:

---

<sup>34</sup> Maria Nazareth **FERREIRA**. *Globalização e Identidade Cultural na América Latina*. Op. Cit, p. 56.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 58.

(...) de um lado, o popular como memória de outra realidade, tanto política como simbólica, como memória de outra matriz cultural amordaçada, negada, como resistência e réplica ao discurso hegemônico; de outro, como a oposição ao discurso hegemônico que a nega e frente ao qual desenrola uma luta desigual que remonta ao conflito de classes, ao conflito entre a realidade da abstração mercantil e a do intercâmbio simbólico”.<sup>36</sup>

O mesmo autor considera que a resistência das culturas subalternas está nas formas adaptativas de recriação das mensagens que recebem das classes hegemônicas, conseguindo preservar-se por meio de formas peculiares de participar do mundo:

O repertório de bens e mensagens oferecidos pela cultura hegemônica condiciona as opções dos setores subalternos, porém estes selecionam e combinam os materiais recebidos - na percepção, na memória e no uso-e constroem com eles outros sistemas que nunca são eco automático da oferta hegemônica.<sup>37</sup>

Assim, Garcia Canclini enfatiza a cultura como uma possibilidade de transformação social, ao considerar o espaço cultural como o lugar de manifestações de conflitos, pois para ele: "Cultura é um processo que se conserva e renova-se permanentemente somente na prática social".<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup>Nestor Garcia **CANCLINI**. "Cultura Transnacional y Culturas Populares", In: **GARCIA CANCLINI** Nestor **RONCAGLIOLO**, R. *Cultura transnacional y culturas populares*. Lima: IPAL. 1998, p.48.

<sup>37</sup>Ibid., p.52

<sup>38</sup>Ibid., p.51

Segundo Maria Nazareth Ferreira<sup>39</sup>, ao investigar as possibilidades de transgressão, a problemática localiza-se na forma como os indivíduos e a coletividade vêm buscando seus referenciais e suportes para sua memória histórica. Destaca, assim, que a busca da identidade e de referências históricas só pode existir entrelaçada às práticas cotidianas, e, portanto, à possibilidade de transformação reside na relação dialética entre elas.

No espaço de conflito do campo cultural é que se pretende discutir a importância da identidade cultural como resistência:

Pode-se afirmar que o grau de resistência de um sujeito individual ou coletivo é tão mais forte quanto maior for seu suporte histórico, fortalecido nas suas práticas cotidianas; da mesma forma, sua fragilidade estará baseada na ausência destes elementos. Do exposto decorre que identidade, resistência e dependência cultural são termos inter-relacionados, o que implica tratá-los em sua inter-relação e reciprocidade: quanto mais forte for a identidade cultural, existirá maior resistência, portanto, menor dependência: quanto mais frágil for a identidade cultural, maior será a dependência, pois não haverá resistência cultural.<sup>40</sup>

O presente trabalho teve como pressupostos teóricos e práticos as discussões<sup>41</sup> geradas a partir dessa nova realidade, que consideram

---

<sup>39</sup>Maria Nazareth **FERREIRA**. (org) *Globalização e Identidade Cultural na América Latina*. Op. Cit.

<sup>40</sup>Ibid., p.60.

<sup>41</sup>Refere-se às pesquisas efetuadas por Maria Nazareth Ferreira junto ao núcleo de pesquisa Celacc/ECA/USP – Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, tendo como exemplo de algumas obras: *Globalização e Identidade Cultural na América Latina*. São Paulo, CEBELA, 1995 e *A Cultura Subalterna e Neoliberalismo: a encruzilhada da América Latina*, São Paulo, CELACC-ECA-USP, 1997. O outro estudo

imprescindível para construção da identidade cultural de um povo no contexto da atuação dos *media*, a existência da memória histórica na elaboração cotidiana de vivências das classes subalternas, que têm se configurado como possibilidades de resistência cultural.

Pretendeu-se, portanto, discutir a questão da identidade cultural como possibilidade de resistência ao analisar o processo de restituição e ressignificação das culturas subalternas no contexto do turismo, tendo como discussão central as relações estabelecidas entre as culturas subalternas e o patrimônio arquitetônico.

---

relevante refere-se às pesquisas de Nestor Garcia Canclini, presentes na obra: *Cultura transnacional y culturas populares*. Lima, IPAL, 1998.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## **CAPÍTULO 2**

### **IDENTIDADE CULTURAL E RESISTÊNCIA: AS POSSIBILIDADES DAS CULTURAS SUBALTERNAS**

#### **2.1 Os usos e a gestão do Patrimônio Arquitetônico**

Este tópico aponta outros caminhos para a questão do patrimônio cultural ao abordá-lo como sistema de comunicação das classes subalternas, embasado na cultura como elemento formador da consciência política e social. Para compreensão deste processo discutem-se as questões dos usos dos patrimônios e as diferentes categorias de gestão dos mesmos na realidade do Turismo Cultural, para, ao compreender seus conflitos, indicar a importância que as classes subalternas têm na construção de um projeto histórico cultural democrático.

Patrimônio histórico, patrimônio cultural, monumento histórico, patrimônio arquitetônico, são diversas as terminologias relacionadas ao termo patrimônio que, no seu tempo, com a sua ideologia e seus conceitos, procuraram definir e demarcar seus ideais, através de propostas políticas, de ações preservacionistas e, principalmente, no imaginário cotidiano, e que coexistem até a atualidade.

Não é objetivo desta pesquisa descrever cronologicamente todo o processo de formação da idéia de patrimônio, mesmo porque, existem muitos trabalhos que já se propuseram a isso. Porém, busca-se, embasado na totalidade e historicidade dos fatos, estabelecer uma leitura problematizada da questão ao averiguar algumas vertentes e desdobramentos que esta aponta.

A idéia de patrimônio histórico surgiu na Europa de modo radical após a Revolução Francesa e a expansão napoleônica.<sup>42</sup> Toda a destruição e definição de conceitos fizeram com que os bens, os conceitos, as idéias e símbolos fossem totalmente alterados, muitas vezes, reinventados e, neste processo, despertaram o interesse pela preservação, essencialmente dos bens hegemônicos do clero e das oligarquias. É a partir dessas ações que surgem as legislações sobre a preservação.

---

<sup>42</sup>“As ações revolucionárias da *política do terror* instauradas pelos líderes jacobinos resultou na destruição e ruína de diversos bens eclesiásticos e aristocráticos da era monárquica absolutista (...) República Francesa desencadeia então um processo de criação de novos símbolos nacionais: inventam-se novas bandeiras, novos calendários, novos hinos, nova arquitetura, isto é, novos símbolos identitários nacionais. Este período de transformações inaugurou um debate em torno do que deveria ou não ser preservado do passado gótico, eclesiástico e monárquico francês e, por extensão, da comunidade européia”. Alexandre Fernandes **CORRÉA**. *Vilas, Parques, Bairros e Terreiros – Novos patrimônios na cena das políticas culturais em São Paulo e São Luis*. São Luis: EDUFMA. 2003, p. 19.

No Brasil a idéia tem forte influência das referências europeias, e no começo do século XX inicia-se um movimento de promoção da catalogação e preservação de bens históricos, tendo como incentivo o movimento de 1922<sup>43</sup>. Em 1936, com a direção de Mario de Andrade, começam a se estruturar os ideais da preservação, os quais agregavam outras preocupações - incluindo os bens e costumes das classes subalternas. Porém, foram interrompidos pelos interesses hegemônicos. Só na década de setenta com a criação do CNRC - Conselho Nacional de Referencia Cultural - pode iniciar-se um movimento neste sentido. Tem-se que as propostas de preservação agregavam os bens culturais como o folclore (sic) e os costumes do povo brasileiro. No entanto, eram iniciativas e propostas que não possuíam envolvimento e participação da comunidade envolvida, garantindo os ideais hegemônicos em detrimento dos interesses subalternos. Este tipo de análise é factual, contudo não revela as múltiplas relações históricas e sociais que permeiam essa questão.

Todo esse processo de instituição do patrimônio cultural no Brasil está atrelado às denominações acerca de um projeto de identidade nacional,

---

<sup>43</sup>A França continuava a ser o berço cultural das vanguardas europeias. O Brasil também foi influenciado pelas novas idéias artísticas que surgiram. A assimilação dessas propostas culminou, na década de 1920, com a busca de novas formas de expressão, integradas à temas brasileiros e à valorização das raízes populares, o que levou ao resgate da imagem do negro, do índio e do caipira, do folclore regional (sic), da cozinha típica, das crenças e músicas e à incorporação da fala “errada” do povo – mistura dos idiomas falados na Europa com o Português. Numa verdadeira cruzada cultural, um grupo de intelectuais, hoje conhecidos como “modernistas”, pretendia mesclar toda essa cultura popular com o desenvolvimento urbano e industrial que se dava, em ritmo alucinante, nas grandes cidades do país. Assim decidiu-se realizar em São Paulo, em fevereiro de 1922, a Semana de Arte Moderna.

construído a partir de determinações políticas e econômicas, e que no campo da cultura pode ser instituído e difundido. Mais uma vez as determinações passam pela cultura e pela comunicação - esta como elemento difusor e indutor da consciência e da ideologia, neste aspecto, da ideologia dominante - e, é neste ponto, que se desvendam as possibilidades dos usos da cultura e dos bens culturais como forma de comunicação das classes subalternas, dentro do projeto de uma nova "civiltà", em que a cultura passa a ser espaço de desenvolvimento da consciência crítica do ser social:

Crítica significa cultura e, cultura não significa a simples aquisição de conhecimentos, mas sim tomar partido, posicionar-se frente a história, buscar a liberdade. A cultura está relacionada, pois, com as transformações da realidade, uma vez que através da conquista de uma consciência superior (...) cada qual consegue compreender seu valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e deveres.<sup>44</sup>

Ao abordar a gestão do patrimônio cultural e as preocupações atuais, tais como os novos patrimônios, as revitalizações de espaços e cidades, visualizam-se algumas mudanças que indicam uma preocupação com a participação popular, porém, deficientes ao não agregar uma pesquisa sobre as reais preocupações que a comunidade envolvida possui.

---

<sup>44</sup>Carlos Nelson **COUTINHO**. Atualidade de Gramsci. 1997. In: Site: [www.acessa.com/gramsci](http://www.acessa.com/gramsci).

Um exemplo é a gestão compartilhada<sup>45</sup> que muitos programas e estudos estão indicando como propostas. No entanto, a consciência política e cultural é inexistente e, o próprio indivíduo não tem o domínio de sua história e da sua responsabilidade social. A mudança viria da análise da cultura e das manifestações culturais, nas quais existem momentos de pertencimento e protagonismo, fortalecendo e garantindo a consciência política cultural do indivíduo.

A gestão urbana, nesse sentido, deveria questionar os métodos de atuação até então existentes e necessariamente alterar seus dispositivos criando novas bases e formas de ação organizacionais e financeiras, mas principalmente humanas.

Daí que a análise do patrimônio arquitetônico como comunicador de vivências e de ideais da comunidade envolvida nas suas buscas cotidianas, agrega outros conceitos e ideais mais conscientes, pois este é parte do processo, sendo o espaço, o lugar onde essas manifestações acontecem, onde se estabelecem momentos lúdicos, de referências e de conhecimento e da potencialidade de transformação social.

---

<sup>45</sup>“A gestão compartilhada é um *Mecanismo de Gestão*, materializado na *Comissão Gestora Local*, destinado a propiciar a necessária e adequada articulação intergovernamental e interinstitucional e entre a Administração Pública e a Sociedade, bem como a integração das áreas setoriais tradicionais que incidem no urbano (habitação, saneamento básico e transportes urbanos) às áreas de emprego e renda, educação, meio ambiente, cultura e turismo, entre outras”. In: Marcelo **BRITO** *Urbis, uma estratégia de atuação*. In: [www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp120](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp120)

Garcia Canclini ao propor uma discussão sobre o imaginário da preservação<sup>46</sup> pontua os paradigmas políticos culturais que definem os objetivos da preservação.

Segundo este autor, o *tradicionalismo substancialista* é aquele que julga os bens históricos unicamente pelo valor que têm em si mesmos, e por isso concebem sua conservação independente do uso atual. Prevaecem nas tendências aristocrático-tradicionais do campo acadêmico e dos aparatos políticos. Seu traço comum é uma visão metafísica, a-histórica da humanidade ou do “ser nacional”, cujas manifestações superiores teriam se dado num passado desvanecido, sobrevivendo hoje apenas nos bens que rememoram:

seu único sentido é salvaguardar essências, modelos estéticos e simbólicos cuja conservação inalterada servirá precisamente para testemunhar que a substância desse passado glorioso transcende as mudanças sociais.<sup>47</sup>

O outro paradigma apresentado pelo autor - o *mercantilista* - vê no patrimônio uma ocasião para valorizar economicamente o espaço social ou um simples obstáculo ao progresso econômico. Os bens acumulados por uma sociedade importam na medida em que favorecem ou retardam “o avanço cultural”. Os gastos requeridos para a preservação do patrimônio são uma inversão justificável, caso resultem em dividendos para o mercado imobiliário ou o turismo. Por isso, atribui-se às empresas privadas um papel central na seleção

<sup>46</sup>Nestor Garcia **CANCLINI**. “O Patrimônio Cultural e a construção imaginária do Nacional” In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 23, Rio de Janeiro. 1994.

<sup>47</sup>Ibid., p.100.

dos bens culturais. A este modelo corresponde uma estética exibicionista na restauração: os critérios artísticos, históricos e técnicos se sujeitam à espetacularidade e à utilização recreativa do patrimônio com fim de incrementar seu rendimento econômico:

Os bens simbólicos são valorados na medida em que sua apropriação privada permite torná-los signos de distinção ou artigo de consumo em um show de luz e som.<sup>48</sup>

No mundo cada vez mais globalizado o imperativo econômico leva cada cidade a “desejar” a economia mundial, na maior parte das vezes através de imagens standards, tais como a tecnologização, a vida cultural ou a qualidade do sítio. O imaginário local é mais invocado quando se trata de construir imagens flutuantes, não identificáveis com os territórios de memória coletiva e dos compromissos e obrigações recíprocas entre a comunidade e a administração local. Estas são as “políticas de imagem”, apenas construídas em submissão aos desejos voláteis da economia mundial.

Porém, segundo os objetivos das visões *conservacionista* e *monumentalista*, segundo o autor, cabem ao Estado as ações neste sentido. Em geral, as tarefas do poder público consistem em resgatar, preservar e custodiar especialmente os bens históricos capazes de exaltar a nacionalidade, de serem símbolos de coesão e grandeza:

---

<sup>48</sup>Ibid., p.102.

Ante a magnificência de uma pirâmide maia ou de um palácio colonial, não lhe ocorre minimamente pensar nas contradições sociais que expressam. A atenção privilegiada à grandiosidade do edifício costuma também desviar dos problemas regionais, da estrutura dos assentamentos rurais e urbanos em meio aos quais os monumentos adquirem sentido: tem-se notado várias vezes que a salvaguarda do patrimônio é eficaz quando leva em conta as grandes obras em relação aos sistemas construtivos e aos usos contextuais do espaço.<sup>49</sup>

O ultimo paradigma que o autor apresenta é o *participacionista*, o qual: “concebe o patrimônio e sua preservação relacionando-os com as necessidades globais da sociedade”.<sup>50</sup>

As funções anteriores – o valor intrínseco dos bens, seu interesse mercantil e sua capacidade simbólica de legitimação – são subordinadas às demandas presentes das comunidades envolvidas.

A seleção do que preservar e a maneira de fazê-lo devem ser decididos por meio de um processo democrático em que os interessados intervenham, trazendo para o debate seus hábitos e opiniões:

O acento na participação social é o recurso-chave para se evitarem os dois efeitos mais freqüentes: a sua conservação em *ciudades-museu* – ou seja, ilustrações históricas de estruturas e formas que ficaram sem função – e, em cidades para *snoobs* – áreas apropriadas para uma elite de artistas, intelectuais, burgueses e sobretudo especuladores, que vêem nesses conjuntos urbanos um modo de sublimar sua distinção”.<sup>51</sup>

---

<sup>49</sup>Ibid., p. 103.

<sup>50</sup>Ibid., p. 103.

<sup>51</sup>Ibid., p.105.

O autor comenta que o México, onde analisa essas questões, tem recebido mais ações do que estudos sistemáticos sobre os usos do patrimônio e as necessidades populares:

Existem no país organismos dedicados a promover o patrimônio vivo e que têm feito investigações sobre a participação social (...) contudo, é difícil avaliar os efeitos das diversas concepções que os orientam, entre outras razões porque há poucos estudos sobre a recepção de seus trabalhos. (...) está política promocional vem gerando valiosas experiências educacionais e participativas – museus comunitários e escolares, programas de divulgação cultural, mas raras vezes baseia sua ação difusora em investigações sobre o que pensam e fazem os que a recebem.<sup>52</sup>

Neste aporte se justifica compreender essas relações que se estabelecem no espaço da questão da preservação, ao apontar o estudo sobre como a comunidade e os turistas os utilizam: o que preferem ou rechaçam; de que modos se apropriam do patrimônio nacional e que dificuldades encontram para relacioná-lo como suas vidas.<sup>53</sup> O diferencial do presente estudo esteve na abordagem da questão, ao propor esta compreensão através da análise das festas dessa cidade, a partir do entendimento do patrimônio arquitetônico como elemento estrutural dessas vivências e expressões, pois é o espaço onde são desenvolvidos os laços de identidade e de pertencimento.

Assim, aqui, compreende-se o patrimônio como um sistema de comunicação, espaço de disputa econômica, política e simbólica, muitas vezes

---

<sup>52</sup>Ibid., p.108.

<sup>53</sup>Estes apontamentos podem ser compreendidos no Capítulo 4 deste trabalho, no qual buscou-se trabalhar a dialética entre as teorias e as discussões apontadas e, o trabalho de campo, a partir da análise interpretativa dos fatos.

instrumento do poder de maneira geral, tanto do Estado como das empresas privadas, onde os movimentos sociais e as classes subalternas ocupam um lugar de espectador; porém esta visão dualista dos fatos não possibilita a compreensão das vertentes e desdobramentos que na atualidade assumem e, portanto, os usos do patrimônio devem ser analisados através das interações e contradições das ações destes três setores:

Apontar a desigualdade estrutural entre as diferentes classes na formação e apropriação do patrimônio é fundamental, porém insuficiente. A sociedade não se desenvolve apenas por meio da reprodução incessante do capital cultural hegemônico, nem o lugar das classes populares se explica unicamente pela sua posição subordinada.<sup>54</sup>

Neste processo é importante resgatar novamente o projeto de Gramsci, que entende a cultura e a política como questões inseparáveis, pois a cultura para ele, “é um dos instrumentos da práxis política, sendo esta, justamente, a via que pode propiciar às massas uma consciência criadora de história, de instituições, fundadora de novos Estados”.<sup>55</sup>

Gramsci concentrou seus estudos centrando-se na questão cultural, o projeto marxista agregando as ações econômicas e políticas à questão da cultura, não como um recorte e sim com parte estrutural nesta possível transformação da realidade a partir da construção de uma nova “civiltà”.

---

<sup>54</sup>Nestor Gracia **CANCLINI**. “O Patrimônio Cultural e a construção imaginária do Nacional”. Op. cit, p.111.

<sup>55</sup>Ibid.

Como aponta Coutinho na sua análise sobre a questão da totalidade em Gramsci, revertida para a realidade estudada:

Discutir as determinantes sociais e políticas do real no plano da totalidade significa, também, trazer em cena o debate sobre a cultura não compreendida aqui como esfera autônoma na organização dos processos sociais, mas como lógica interna que paramenta as manifestações do capitalismo neste estágio globalizado.<sup>56</sup>

Como em todo processo estão incluídos as suas contradições e inter-relações, neste caso não poderia ser diferente. Ao analisar os usos e as terminologias desta questão, observa-se que os aspectos da identidade cultural estão atrelados à formação histórica do país que desde sempre não possibilitou o conhecimento de sua história, as relações de cidadania e sim, os intermináveis processos de aculturação, relegando o indivíduo à expectativa do realizável através de relações de paternalismo.

E no que concerne à questão do patrimônio arquitetônico, sabe-se que as situações e imbricações têm um grau de dificuldade mais acentuado, a partir do momento que desde sempre os bens escolhidos e catalogados foram e ainda são da herança hegemônica, mesmo que atualmente se vislumbre algumas alterações e instituições. Mas como apontado anteriormente, ainda são e estão sendo realizados por ações de cima para baixo, não dando a real importância à participação da comunidade envolvida.

---

<sup>56</sup>Carlos Nelson **COUTINHO**. Atualidade de Gramsci. Op. Cit.

A ação participativa da comunidade não substitui a problemática específica da valoração histórica e estética dos bens culturais, nem o papel do Estado ou dos historiadores, arqueólogos e antropólogos, especializados na conservação e preservação do patrimônio. Mas, como aponta Garcia Canclini; “oferece outrossim uma referência - uma fonte de sentido – como qual deveriam redefinir-se todas as tarefas para que se avance na democratização da cultura”.<sup>57</sup>

Vale frisar que uma transformação deste tipo só acontecerá quando as classes subalternas detiverem o rumo de sua história, através do poder do conhecimento e da politização, da participação coletiva efetiva, autêntica e libertadora. Sabe-se que de nada adiantaria apenas instruir os responsáveis técnicos de como interferirem e gerirem uma ação participativa se os próprios donos destas manifestações culturais e patrimônios arquitetônicos não tiverem o sentido de protagonismo, da conscientização política e social. **O caminho a percorrer é longo, mas de qualquer forma este trabalho teve como objetivo indicar outros caminhos para a discussão do patrimônio cultural/arquitetônico, refletindo positivamente nas ações dos órgãos responsáveis, mais principalmente para nas comunidades envolvidas, que através do conhecimento de sua própria história podem transformar e transgredir na busca de um projeto histórico cultural democrático.**

---

<sup>57</sup>Nestor Gracia **CANCLINI**. “O Patrimônio Cultural e a construção imaginária do Nacional” Op cit., p.106.

## 2.2 Patrimônio Arquitetônico: sua essência hegemônica e as possibilidades contra-hegemônicas.

Uma das características hegemônicas do Patrimônio Arquitetônico consiste no papel que a arquitetura e o urbanismo têm desempenhado ao longo dos tempos, estando presentes na construção da identidade nacional pelo Estado autoritário.

É deplorável a ausência de um pensamento sobre a cidade. Esse pensamento foi substituído por um totalitarismo da gestão urbana. Os políticos estão cada vez mais preocupados em produzir sua própria imagem, sua grife. E não pode se duvidar que estes políticos saibam usar como ninguém os arquitetos para figurar sua própria monumentalidade.<sup>58</sup>

A visão da arquitetura e do urbanismo sobre a cidade e o indivíduo foi e ainda é estabelecida e dogmatizada em um conjunto de significações verbais e discursivas. Por mais que acreditem que andem por seus caminhos, que percebam as suas necessidades e mudanças e, dessa forma, pensem as melhores soluções para as suas alterações - novas formas de habitar, novas maneiras de sentir e viver na cidade - essas soluções não englobam as significações percebidas e vividas por aqueles que habitam, mas a partir do fato de habitar, interpretados pelos arquitetos e urbanistas.<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup>Henri-Pierre **JEUDY**. Em entrevista publicada no Caderno B do Jornal do Brasil. 12 de setembro de 2000, p. 36.

<sup>59</sup>Henri. **LEFEBVRE**. *O Direito a Cidade*. São Paulo: Centauro. 2001.

O arquiteto não ocupa o mesmo lugar do artista na dinâmica cultural das sociedades. Sua obra compromete a vida das pessoas, ele cria maneiras de se habitar, ele define implicitamente modos de vida urbanos, ele é obrigado a representar uma necessidade social. Ele não pode então, com o artista, impor o puro arbítrio de sua criação. O arquiteto não pode evitar seu próprio comprometimento político e social no futuro cultural das cidades.<sup>60</sup>

Ao analisar o processo histórico da construção dos monumentos podem-se identificar elementos pertencentes à classe hegemônica. Tomando-se o caso brasileiro, podemos citar exemplos desta situação: desde as igrejas barrocas repletas de ouro, ostentando o poder do cristianismo e dos poderosos, passando pelo planejamento e construção de Brasília, que fundamentados nas diretrizes dos “novos conjuntos” de Le Corbusier, contemplam os edifícios como símbolos de poder e, paralelamente, desconsideram a vida ao reduzirem a cidade à funcionalização da existência com suas grandes avenidas para a circulação dos carros. Outro exemplo está na exuberância das construções dos prédios da igreja Universal, com suas fachadas de alumínio, repletas dos símbolos de ostentação do poder.

O espaço da cidade, assim como patrimônio arquitetônico, sofre as alterações impostas pela realidade neoliberal. Na cidade, o indivíduo percorre ruas, caminhos, e a todo tempo são lhe impostas imagens novas. O espaço é tratado como circulação dos carros, fluxo do trabalho e da informação e, nesse emaranhado, o indivíduo descaracteriza-se, pois perde a noção do seu uso no cotidiano e passa a ser tratado também como uma mercadoria. O passado é

---

<sup>60</sup>Henri-Pierre **JEUDY**. Em entrevista publicada no Caderno B do Jornal do Brasil. 12 de setembro de 2000.

sacralizado e o presente ossifica-se na eterna busca das promessas de um futuro imediato.

Ao compreender a cidade como espaço de realização do tempo e do espaço do indivíduo, pode-se apontar as correlações e as simultaneidades dos tempos históricos, dos traumas, das vivências e dos sonhos.

As ruas perderam para o automóvel a sua condição de local de encontro, da espontaneidade, da permanência, da circulação de pessoas, da troca de informações e idéias e, neste movimento, roubaram-lhe a sua função lúdica e simbólica ao racionalizarem as ações e as representações do que existe, dos que vivenciam e atuam na rua.

Henry Lefbvre em *A Revolução Urbana* estuda a cidade como o espaço do vivido e do cotidiano, bem como as relações que aí se estabelecem. Aponta algumas das suas contradições ao argumentar sobre os significados da rua no passado e na atualidade, indicando o movimento da mudança do valor de uso para o valor de troca.

A rua é desordem? Certamente. Todos os elementos da vida urbana, noutra parte congelados numa ordem imóvel e redundante, libertam-se e afluem. As ruas e por seus lugares fixos. Essa desordem vive. Informa. Surpreende. Além disso, essa desordem constrói uma ordem superior. Na rua, e por esse espaço, um grupo (a própria cidade) se manifesta, aparece, apropria-se dos lugares, realiza um tempo-espaço apropriado. Uma tal apropriação mostra que o uso e o valor de uso podem dominar a troca e o valor de troca. (...) Porém, a organização neocapitalista do consumo mostra a força na rua, que não é só a do poder (político), nem a da repressão (explícita e velada). A acumulação dos objetos acompanha a da população e sucede a do capital; ela se converte numa ideologia dissimulada sob as marcas do legível e do visível, que desde então parece ser evidente. É assim que se pode falar de uma colonização do espaço urbano, que se efetua na rua pela

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

imagem, pela publicidade, pelo espetáculo dos objetos: Pelo 'sistema dos objetos' tornados símbolos e espetáculos<sup>61</sup>.

No contexto atual da expansão do turismo massificador, as políticas públicas que tratam do patrimônio arquitetônico têm interferido nas questões das memórias e das identidades culturais. Observam-se nesse contexto situações distintas em que as questões do cotidiano e da memória são esquecidas e manipuladas. Relegam o patrimônio arquitetônico a simples depositário do passado, abandonado em função das novidades da modernização ou manipulam-no sob a perspectiva da revitalização, desconsiderando a memória social e o sentido de pertencimento das comunidades.<sup>62</sup>

Este trabalho, ao compreender os mecanismos de atuação das políticas anteriormente referidas, trouxe para a realidade da pesquisa outras percepções sobre a cidade que abordem o imaginário dos indivíduos identificados na relação com o seu espaço - a cidade - pois as histórias produzem-se a partir dos confrontos, das permanências e da problematização.

Diante do postulado da construção de uma identidade cultural nacional, as práticas das políticas públicas garantem sua legitimidade perante o indivíduo de maneira contraditória, mascarando as desigualdades geradas neste processo.

---

<sup>61</sup>Henri. **LEFEBVRE**. *O Direito a Cidade*. Op. cit., p 15.

<sup>62</sup>Este fato é justificado na discussão proposta, no item anterior (2.1. Os usos do patrimônio arquitetônico), sobre a existência dos diferentes paradigmas da preservação do patrimônio cultural e, de como estes se relacionam na realidade neoliberal.

Henri-Pierre Jeudy<sup>63</sup>, nas suas pesquisas sobre as relações existentes entre os monumentos e a coletividade, mais precisamente sobre questão da memória social, aponta:

Assim como todo indivíduo viveria mal sem memória, também uma coletividade precisa de uma representação constante do seu passado. Apenas a gestão de um patrimônio e as escolhas de sua representatividade ainda escapam a coletividade que, no entanto, é a sua origem.<sup>64</sup>

A história de uma cidade não se esgota ao estabelecer um diálogo entre os tempos históricos, pois o passado não está imobilizado e as perguntas do presente não permitem que a história se ossifique. A tradição e a modernidade não são antagônicas em todos os sentidos, mas se completam.

Nas grandes e nas pequenas cidades, os indivíduos possuem possibilidades de transgressão à “ordem” estabelecida ao conviverem e resistirem às remodelações, pois segundo Maria Nazareth Ferreira: “O indivíduo deve conhecer e influenciar o seu espaço, condição fundamental para garantir a sua sobrevivência”<sup>65</sup>.

O patrimônio arquitetônico presente no imaginário do indivíduo é elemento formador de sua historicidade que possibilita a resignificação dos processos simbólicos estabelecidos, atualmente, com as revitalizações do acervo arquitetural

---

<sup>63</sup>Henri-Pierre **JEUDY**. *Memórias do Social*. Op. cit.

<sup>64</sup>Ibid., p 06.

<sup>65</sup> Maria Nazareth **FERREIRA** *Globalização e Identidade Cultural na América Latina*. Op. Cit., p 41.

no processo do turismo histórico-cultural. O patrimônio arquitetônico de São Luiz do Paraitinga é parte atuante na vida da comunidade, ou seja, é um dos elementos integrantes de suas memórias, de suas vivências e práticas cotidianas, elementos essenciais na garantia do indivíduo enquanto protagonista do espaço em que vive e atua.<sup>66</sup>

É o símbolo que permite ao sentido engendrar limites, diferenças, tornando possível à mediação social, consagrando-o como ordem irreduzível, tornando o real sobredeterminado pelo imaginário.<sup>67</sup>

No contexto da expansão do neoliberalismo, as cidades estão buscando valorizar suas potencialidades histórico-culturais, muitas vezes, para atender a demanda imposta pelas necessidades do turismo. Nesse processo, observam-se diferentes formas de atuação que, ao interferirem nessas localidades, acabam por descaracterizar as identidades culturais e os seus bens simbólicos, como as festas e os patrimônios arquitetônicos.

Geralmente, as intervenções mais visíveis das ações hegemônicas inseridas no processo do turismo cultural são realizadas no espaço dessas cidades na revitalização do patrimônio arquitetônico apenas como um bem material, muitas vezes desprezando o seu valor de bem simbólico. No Capítulo 4

---

<sup>66</sup> Estes argumentos estão fundamentados no Capítulo 4 desta pesquisa, no qual a análise do trabalho de campo revelou os processos comunicacionais do patrimônio arquitetônico estabelecidos na realidade das manifestações culturais subalternas presentes em São Luiz do Paraitinga.

<sup>67</sup> Denis de **MORAES** apud Soledad **GALHARDO**. “A formação de novos sentidos na cidade: mídia e processos culturais”. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes – ECA/USP. Dezembro de 2003. p.58.

(Patrimônio Arquitetônico: o cenário em movimento) analisaram-se as atuações referentes à questão do patrimônio arquitetônico, considerando que essas ações refletem, também, nas manifestações culturais, por meio da relação dialética que se estabelece entre eles.

O caso do Pelourinho, bairro localizado na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, é um exemplo da existência dessa situação. A revitalização fez parte de políticas de desenvolvimento local implantadas pelo governo do Estado como gestor cultural:

(...) o governo do Estado, ao reformar o Pelourinho, em Salvador, tratou de higienizá-lo, retirando dali os pobres, as prostitutas, os boêmios, os artistas e as baianas como os seus abarás e acarajés. Resultou daí que o 'novo' Pelourinho, colorido e asséptico, mais parece um shopping center do que o viveiro tradicional da cultura urbana da Bahia.<sup>68</sup>

O estabelecimento nos edifícios de restaurantes *Fast Food*, lojas da marca da moda mundial e lojas de souvenir, têm atendido à demanda imposta pelo turista e não à necessidade da comunidade local que é herdeira da região.

Considerando as manifestações das culturas subalternas como possibilidades de resistência à realidade da globalização cultural, pretendeu-se analisar as relações estabelecidas entre os referenciais simbólicos espacializados nas festas e o patrimônio arquitetônico, ao supor ser possível que a sua potencialidade simbólica e identitária possam se configurar como elemento de resistência ou ressignificação cultural. Acreditou-se que, do mesmo modo que os

<sup>68</sup>Ibid., p.85.

referências simbólicas presentes na festa, como na culinária, na música, na dança, o patrimônio arquitetônico seja integrante desse processo, pois está presente nas lembranças das vivências e nas práticas cotidianas da comunidade envolvida.

Essa proposição encontrou uma barreira ao identificar nessas relações graus diferentes de apropriação por parte da comunidade. Tomando o exemplo das festas, observou-se que os referenciais ali presentes se materializam na espacialidade das práticas cotidianas e são atuantes nas suas ações e manifestações, como a culinária apresentada na Festa do Divino, em que a distribuição do afogado (comida típica da região) tem sido realizada há mais de 200 anos e, até mesmo, as danças e as referências musicais do Moçambique e do Jongo, em que o indivíduo sente-se protagonista e atuante no processo de sua história. A apropriação do patrimônio arquitetônico pela comunidade, nessa situação, tem sido menos evidente, provavelmente, por ser a sua essência hegemônica e identificada com o poder. Essa apropriação parece estar se dando durante os eventos, indicando que as classes subalternas se sentem protagonistas dos patrimônios arquitetônicos.

A relevância dessa pesquisa fundamenta-se no pressuposto de que, mesmo sendo hegemônico, o patrimônio arquitetônico pode ser parte integrante dos processos culturais dessas localidades, constituindo-se como um dos referenciais de memória coletiva e do imaginário, pois durante o trabalho de campo buscou-se compreender como esta relação se estabelece.

### 2.3 Festas, Identidade Cultural e Patrimônio Arquitetônico.

Neste item os estudos sobre as manifestações das culturas subalternas são aprofundados por meio da análise da festa enquanto objeto de estudo, pois nela coexistem três aspectos importantes. O primeiro é a questão de entendê-la como fenômeno da comunicação, o segundo caracteriza-se pela presença do turismo enquanto elemento de desenvolvimento para as cidades, o terceiro é a possibilidade que a festa possui de desenvolver a resistência cultural frente às imposições de uma realidade que limita e extingue qualquer forma de liberdade e de consciência política e social, inibindo a comunidade na construção de sua inserção consciente na história.

As pesquisas sobre a festa como objeto de estudo científico são recentes no Brasil e, a maioria dos estudos sobre festas populares, ora eles são de caráter antropológico ou sociológico, ora são meras descrições. Esta metodologia que relaciona cultura e comunicação faz parte da proposta teórica do CELACC – Centro de Estudos Latino-americanos sobre cultura e comunicação - e está presente em todos os projetos vinculados a este núcleo da ECA-USP, sob orientação de Maria Nazareth Ferreira.

Nesse sentido, também o fenômeno festa é entendido como um lugar privilegiado para os estudos dos processos comunicacionais. Para o entendimento do patrimônio arquitetônico neste processo é necessário compreender, através da

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

teoria da festa como objeto de estudo<sup>69</sup>, a possibilidade deste como comunicador de vivências e de ideais das classes subalternas, pois é o espaço em que essas relações se estabelecem.

Na pesquisa anteriormente citada propõe-se examinar as festas tanto do ponto de vista da atividade lúdica, mas também como um acontecimento aglutinador da realidade das comunidades envolvidas, no sentido de avaliar seu potencial como formador da cidadania, da conscientização e da participação social.

Para compreender as metodologias e objetivos dos estudos do Celacc, cabe analisar o processo que resultou atualmente neste projeto sobre as festas como objeto de estudo.

Os estudos sobre as manifestações culturais das classes subalternas como elementos constitutivos de suas identidades e do fortalecimento de sua cidadania, tiveram início no ano de 1990, sob orientação de Maria Nazareth Ferreira.<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup>Maria Nazareth FERREIRA. *A festa como objeto de estudo*. In: Comunicação e Política, Rio de Janeiro - R.J, v. 24, n. 01, 2006. (no prelo)

<sup>70</sup>As pesquisas que constatarem estes fatos resultaram: em quatro livros publicados (**Globalização e Identidade Cultural na América Latina**, Cebela, 1996 e **Cultura Subalterna e Neoliberalismo: a encruzilhada da América Latina**, Celacc, 1996; **A tradição e seu significado para o turismo cultural: o Vale do Paraíba**. São Paulo, CELACC/ECA-USP, 1999 e **As festas populares na expansão do turismo: a experiência italiana**. S. Paulo: Arte & Ciência, 2001) e, em quatro relatórios de pesquisa (*Identidade cultural e resistência na produção e consumo de sentido: estudos de recepção dos media* - projeto de pesquisa financiado pelo CNPq e FAPESP concluído em março de 1996 -; *Cultura, turismo e globalização: o caso brasileiro* - projeto financiado pelo CNPq concluído em 1997 -; *Cultura, globalização e turismo: a cultura subalterna como mercadoria* - projeto de pesquisa desenvolvido na Itália no ano de 1998 com financiamento do CNPq -; *Identidade cultural e cidadania: o potencial das cidades históricas para o turismo* - projeto financiado pelo CNPq e FAPESP concluído em 2003 - ;

Para entender este processo vale relatar alguns dos resultados dessas pesquisas e, principalmente, para justificar a proposta de entender o patrimônio arquitetônico a partir das manifestações culturais subalternas. No percorrer destes estudos acadêmicos foram comprovadas algumas das premissas de análise que estão relacionadas com a existência do potencial histórico e cultural para a participação da cidade no processo de desenvolvimento do Turismo de caráter emancipador. Porém, a experiência mostrou que é necessário um aprofundamento maior nos estudos sobre como se constitui a organização das festas das culturas subalternas, o que permitirá um diálogo mais construtivo com estas comunidades, capaz de fomentar organizações capacitadas para gerir o turismo não massivo.<sup>71</sup>

O contraponto inicial da pesquisa, *Festas Populares, Resistência e Cidadania*, foi estabelecido numa pesquisa anterior que estudou as festas italianas<sup>72</sup>, na qual essas premissas foram comprovadas. Essas experiências revelaram resistências por parte da comunidade frente à expansão das práticas do turismo, ao conseguirem, mesmo inseridos nesse processo, garantir a preservação de seus referenciais simbólicos e históricos.

Como exemplos desse processo de resistência podem-se citar as festas das pequenas cidades da Itália em que a comunidade envolvida conseguiu,

---

*As Espacialidades das culturas subalternas e o Turismo Emancipador* - projeto financiado pelo CNPq com previsão de conclusão para março de 2006 - ; e *Festas Populares, Resistência e Cidadania* em fase de implementação.

Maria Nazareth **FERREIRA**. *A festa como objeto de estudo*. In: Comunicação e Política, Rio de Janeiro. , v. 24, n. 01, 2006. (no prelo)

<sup>72</sup> Maria Nazareth **FERREIRA**. *As festas populares na expansão do turismo: a experiência Italiana*. Op. cit.

**pdfMachine** - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

através da intervenção de associações *Pro-loco*<sup>73</sup>, inverter a situação ao utilizar as ferramentas do turismo em benefício próprio, pois através dessas associações permitem o desenvolvimento do turismo de maneira emancipadora ao garantirem seus conteúdos simbólicos e materiais, por mais que tenham passado por recriações e readaptações diante da nova realidade.

Um desses exemplos é a festa de Ronciglioni, cidade de origem etrusca que foi dominada pelos romanos por volta de 396 a.C. Além da forte presença histórica, tem também uma invejável posição geográfica e climática e tenta atualmente a via do turismo para sobreviver. O carnaval é a principal festa da cidade e tem como um dos incentivadores a *Associazione Pro Loco* de Ronciglioni. Nasceu da necessidade de incentivar o turismo, a exemplo de outras cidades da região. Nesse sentido, os organizadores desenvolveram um paciente trabalho de pesquisa para fazer reviver no carnaval - nos mínimos detalhes - dois acontecimentos medievais de alta relevância para a cidade: *a cavalgatta degli Ussari*<sup>74</sup>, e *a Corse a vuoto*<sup>75</sup>. No último dia da festa é oferecido um baile na praça

---

<sup>73</sup>Ibid., "Estas entidades são encontradas em todas as pequenas cidades da Itália. São organizadas por cidade, formando a *Unione Nazionale Pro Loco d'Italia*. Atualmente esta união conta com 5.500 agências espalhadas por todo o país. As *Pro Loco* são associações de moradores de cada cidade, formadas por comerciantes, políticos, intelectuais, artesãos, operários, donas de casa etc., em suma são associações sem fins lucrativos, democráticas, populares, formadas pela vontade política dos cidadãos, para o benefício de seu local de moradia. Podem, eventualmente, tratar de assuntos mais operacionais, como a questão da água, da luz ou calçamento de ruas; mas, prioritariamente, têm funções culturais e recreativas. Nasceram em 1881, acumulando ao longo do tempo uma valiosa bagagem e experiência na gestão de custodiar zelosamente as tradições populares, o patrimônio histórico, arqueológico e ambiental, defendendo as raízes culturais dos italianos". p.23.

<sup>74</sup>"(...) *storica rievacazione dei soldati napoleoniche Che nel 1799 buciarano Ronciglione Che tornerà come per incanto a passeggiare per la cittadina virtebese finendo poi una*

e o *Re Carnevale* despede-se partindo num imenso balão aerostático. Como foi possível observar, o carnaval de *Ronciglioni* é uma festa fundamentada na cultura ancestral, com intensa participação popular. Outro fator observado por esta pesquisa foram os temas da festa que são sempre referências históricas.<sup>76</sup>

Em relação ao espaço e a arquitetura da cidade, *Ronciglioni* conheceu o luxo e a riqueza do Humanismo e do Renascimento e o seu traçado causa, até hoje, a admiração de estudiosos.

como todos os ducados do Renascimento, *Ronciglioni* conheceu a riqueza, o fausto e a riqueza da época. Seu famoso carnaval tem sua origem naquela época, resistindo até a atualidade como a principal festa da cidade, famosa em todo o Lazio como festa popular.<sup>77</sup>

Pesquisas como esta têm contribuído para a identificação das espacialidades das culturas subalternas no processo do turismo, apontando possibilidades de participação com características emancipadoras no sentido de que possam garantir o fortalecimento de suas identidades culturais diante desse processo, bem como a otimização do patrimônio arquitetônico.

---

*travolgante galoppatta lungo la salisa de Montecavallo* – uma corrida de carros alegóricos e a entrega da chave da cidade ao *Re Carnevale*. Maria Nazareth **FERREIRA**. *As festas populares na expansão do turismo II: a experiência Italiana*. Op. cit., p. 63.

<sup>75</sup> Uma corrida de cavalos sem sela e cavaleiro pelas ruas estreitas da cidade medieval. Ibid., p. 63.

<sup>76</sup> Ibid, p. 64.

<sup>77</sup> Ibid, p. 61.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

No aspecto do Patrimônio Arquitetônico esta experiência comprovou que este é parte integrante do processo das manifestações culturais, onde se estabelece a relação dialógica entre os bens imateriais - festas e os bens materiais - o patrimônio arquitetônico.

O patrimônio arquitetônico é protagonista da história da cidade, elemento dinâmico, atuante e vivo presente em prédios privados e públicos, vias públicas, mobiliário, nas relações de trabalho, nas festas e costumes da comunidade, na culinária, nos jogos, brincadeiras e todas as demais manifestações culturais.

Ao comparar a experiência italiana com a realidade do presente objeto de estudo podem-se identificar diferenças estruturais decorrentes da história sócio-cultural de cada localidade.

No caso brasileiro, essa participação pode se dar por meio da transgressão à herança paternalista que garante o direito à prática da cidadania, permite a visualização de sua história e possibilita vislumbrar um projeto de futuro. No caso das cidades italianas, sob a experiência da *Pro-Loce*, há a participação efetiva de diferentes setores da comunidade em função da sua formação histórico-sócio-cultural.

É a partir desta constatação que este trabalho vislumbra outras possibilidades para a análise do patrimônio arquitetônico, ao contrariar o processo hegemônico que o tem tratado na mercantilização e na banalização de seu espaço e assim fortalecendo o seu uso repressor. Desta forma, este trabalho tem como finalidade encontrar elementos que vinculem o patrimônio arquitetônico como

produto social, pois é parte integrante das especialidades das manifestações culturais e da cotidianidade das classes subalternas.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

### **CAPÍTULO 3**

## **SÃO LUIZ DO PARAITINGA NO CONTEXTO DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA**

### **3.1 História, Cultura e Turismo.**

Algumas considerações fazem-se necessárias para o entendimento da história de São Luiz do Paraitinga, bem como sua relação com a formação do Vale do Paraíba Paulista e os fatores históricos que atuando entrelaçados têm configurado a sua realidade diante da história. Para a compreensão de sua história cabe desentranhar e recompor os fatos, buscar suas causas e suas conseqüências, para penetrar na essência da história como parte do conhecimento geral e total do universo. Desta forma, é necessário ir além da simples relação de fatos históricos; deve-se penetrar nos sujeitos dos fatos, nas

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

forças quase sempre ocultas que impulsionam os personagens, isto é, conhecer as condições materiais de existência social que lhe deram causa<sup>78</sup>:

A dialética dá uma perspectiva do futuro e os meios teóricos para alcançá-lo é neste sentido de sua projeção a práxis e de sua intervenção na própria história que ela adquire um caráter funcional que, ao mesmo tempo, desvenda o mistério da história e a transforma em instrumento de ação.<sup>79</sup>

A presença do homem, enquanto “ser” ativo dotado de consciência, é decisiva para a compreensão do processo dialético do desenvolvimento histórico; o meio real que habitam (os homens) é constituído antes de tudo por uma sociedade, por grupos de outros homens, por um meio físico peculiar. Esse meio é que representa e sintetiza as condições materiais de existência.

O termo meio ou meio ambiente abarca um vasto complexo de condições externas ao homem: existe o meio social, o meio físico e o meio econômico-social. Assim tem-se configurado um esquema de condições materiais de existência que, é claro, influem umas nas outras. É dentro dessas condições que o homem vive, se agita, trabalha, luta para viver e reproduzir a vida e assim vai fazendo a história.<sup>80</sup>

As condições materiais de existência são a base em que se assentam as sociedades e os homens; algumas são produtos históricos como as classes sociais e seus antagonismos, outros são naturais - ainda que evoluindo historicamente - o meio geográfico e suas limitações e outros são ao mesmo

---

<sup>78</sup> Leônicio **BASBAUM**. *O processo evolutivo da História*. São Paulo: Editora Edaglit. 1963.

<sup>79</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p. 83

tempo, naturais e históricos, as características psicológicas. Dessa forma, ao analisar a história da formação do Vale do Paraíba, pretende-se desvendar suas contradições e fragmentações.

O Vale do Paraíba Paulista é conhecido por algumas características marcantes a ele associadas, principalmente a sua diversidade. A presença enfática da industrialização identificada em algumas cidades como São Jose dos Campos, Jacareí e Taubaté; a cidade de Campos do Jordão como estância climática; o litoral norte com as suas praias; a cidade de Aparecida apontada pelo forte processo religioso e as “cidades mortas”, como São Luiz do Paraitinga, Silveiras e Cunha e outras, que contemplam e preservam a história passada, compondo esse panorama único. Porém, ao conhecer e vivenciar a sua história, percebe-se que o Vale do Paraíba guarda outras surpresas e configurações.

A região do Vale do Paraíba paulista compreende cinco sub-regiões: *Calha do Vale*, altamente industrializada e com grande densidade demográfica; *Mantiqueira*, caracterizada pelas altas montanhas e baixas temperaturas; *Fundo do Vale*, uma espécie de enclave no Estado do Rio de Janeiro; o *Litoral Norte* e o *Alto Paraíba*.

São Luiz do Paraitinga encontra-se na sub-região conhecida como Alto Paraíba (situada entre as duas maiores cidades do País - Rio de Janeiro e São Paulo. Também se encontram nessa sub-região os municípios de Cunha, Lagoinha, Natividade da Serra e Redenção da Serra). Possui uma topografia montanhosa e serrana com uma altitude média de 749 metros, com clima tropical

de altitude. Sua hidrografia é composta pelos rios Paraitinga, Paraibuna, Claro e pelos ribeirões Turvo, Prata e Chapéu.

Situa-se a 354 Km do Rio de Janeiro, 170 Km da capital do Estado, 54 km de Ubatuba, 100 km de Campos do Jordão, 42 km de Taubaté, 80 km de Aparecida e 80 km de São José dos Campos. As rodovias de acesso são a SP 125 - Rodovia Oswaldo Cruz - que liga Taubaté e Ubatuba - e acessos pela Rodovia Presidente Dutra e Rodovia Carvalho Pinto.

Existe na região do Alto Paraíba um modo de vida muito diferente das outras regiões do Vale do Paraíba Paulista. Diversas manifestações culturais e um patrimônio ambiental que na quase totalidade do Estado de São Paulo desapareceu: o maior acervo paulista de arquitetura antiga e festas tradicionais ligadas à religiosidade popular, uma culinária típica, da época em que a região era recortada pelas tropas de muares e o mais importante núcleo florestal da Mata Atlântica, em São Paulo.

Mas o mais importante talvez seja a forma de ser e de viver dos moradores, que tem pouco a ver com os grandes centros de indústria e tecnologia existentes na região. O Alto Paraíba é considerado uma região caipira típica de São Paulo, pois sua vida social emergiu do sertão, transformado-o numa seqüência de campos e lavouras, sítios e fazendas e essas produziram os bairros, as vilas e as cidades.

Atualmente, os municípios vêm sofrendo um processo de estímulo ao desenvolvimento do Turismo Regional que já vêm sendo evidenciado desde os anos 70 e 80 do século XX. Nesse processo, as cidades estão redescobrando suas

potencialidades históricas, culturais e ambientais, que têm sido referenciadas como produtos a serem consumidos nessa nova realidade.

São Luiz do Paraitinga possui 10.666 mil habitantes assim distribuídos: 6.409 mil na zona urbana e 4.257 mil na zona rural. A sua ocupação urbana é maior que a rural, mas o seu perfil continua sendo rural. Esse quadro tem sido alterado desde a década de 90 do século XX até os dias atuais. Em 1980, a cidade possuía 9.743 mil habitantes, sendo que 3.947 mil eram de origem urbana e 5.796 rural, o fluxo migratório deu-se devido à escassez de trabalho na área rural.

**TABELA I. Demografia São Luiz do Paraitinga**

| <b>Demografia</b>       | <b>1980</b> | <b>1984</b> | <b>1988</b> | <b>1992</b> | <b>1996</b> | <b>2000</b> | <b>2004</b> |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| <b>População</b>        | 9.743       | 9.827       | 9.877       | 9.955       | 10.181      | 10.424      | 10.666      |
| <b>População Urbana</b> | 3.947       | 4.364       | 4.771       | 5.172       | 5.644       | 6.142       | 6.409       |
| <b>População Rural</b>  | 5.796       | 5.463       | 5.106       | 4.783       | 4.537       | 4.282       | 4.257       |

Fonte: SEADE 2005.

A economia de São Luiz do Paraitinga, atualmente, é baseada, além da pecuária leiteira, no plantio de eucalipto, e também no desenvolvimento do turismo que começa a trazer benefícios econômicos para a cidade.

A agricultura e pecuária leiteira vêm perdendo sua importância econômica desde os anos 50 do Séc XX, em decorrência do processo de industrialização e também pela topografia acidentada da região que impossibilita a mecanização e a modernização dos métodos de plantio. Desta forma a zona rural é constituída

apenas de micro produtores. Atualmente, o plantio de eucalipto é o maior empregador da zona rural.

Em razão dessas limitações, uma parte da população rural tem se deslocado para a área urbana para trabalhar no setor de serviços atendendo à demanda do turismo, o que não têm descaracterizado o perfil rural da população. Vale salientar que é esse modo de vida caipira que tem proporcionado o desenvolvimento do turismo cultural.

Conforme informação do Secretário de Turismo da cidade, a atividade turística tem aumentado e proporcionado mais ofertas de trabalho, principalmente, no setor de serviços, em estabelecimentos hoteleiros:

Nos últimos três anos verificamos grande crescimento no número de pousadas. Em 2001 possuíamos apenas um estabelecimento hoteleiro, atualmente, são oito de bom nível e que disponibilizam cerca de 450 leitos (...) embora não disponhamos de estatísticas confiáveis, arrisco-me a dizer que o turismo já é hoje a maior fonte de receita do município.<sup>81</sup>

Mas o que é o Vale do Paraíba e como a cidade de São Luiz do Paraitinga se estabelece nesse contexto? O que é esta cultura caipira? O que sustenta uma presente unidade dessa cultura? Como vivenciam esta atualidade? O que caracterizou esse quadro?

---

<sup>81</sup>Depoimento concedido pelo Secretário de Turismo de São Luiz do Paraitinga, em dezessete de setembro de 2004.

A análise do seu passado pode ser reveladora para compreensão do presente ao procurar ir além dos fatos históricos rompendo com sua exterioridade, entendendo-os como campo de conflitos dialógico e dinâmico.

É somente através do conflito das leis que regem o desenvolvimento das sociedades humanas que o homem passará a ter consciência dos seus atos e a dominar o seu próprio destino.<sup>82</sup>

Muito dessa história já foi esquecida e negada em decorrência de atos históricos de dominação econômica, política e cultural, desde a colonização até o processo atual do neoliberalismo econômico, passando por períodos específicos de ditadura e do populismo, indicando que os processos de subordinação da sociedade brasileira sempre estiveram presentes acarretando diversas transformações e readaptações que interferem profundamente no processo da prática social.

Ao analisar a História do Vale do Paraíba Paulista e pontualmente a cidade de São Luiz do Paraitinga, pretendeu-se compreender determinadas questões como: Quais fatores foram determinantes para a caracterização do seu espaço cultural? Como transcorreu o seu processo histórico e o que tem sido refletido na atualidade? Quais os aspectos mais significativos que podem ser observados na sociedade vale-paraibana na atualidade?

---

<sup>82</sup> Leôncio **BASBAUM**. *O processo evolutivo da História*. Op. cit., p. 16.

Do ponto de vista da economia de São Luiz do Paraitinga pode-se afirmar que a região acompanhou a história econômica que mais tarde conformaria o Estado de São Paulo:

As cidades do Vale do Paraíba tiveram grande importância no processo de expansão caracterizando a história de ocupação e do povoamento da capitania de São Paulo.<sup>83</sup>

Os ciclos econômicos do Vale do Paraíba foram determinantes no processo de ocupação do espaço e condicionantes na formação sócio-cultural. No ciclo do bandeirantismo, no final do Séc XVII e durante o Séc XVIII, a capitania de São Paulo encontrava-se em total esquecimento pela metrópole devido à distância que ficava dos mercados europeus e, também, pelas dificuldades geográficas encontradas pelos portugueses em atravessar a Serra do Mar para chegar ao interior, desenvolvendo, dessa forma, uma economia de subsistência.

A atividade dos bandeirantes foi oficializada no século XVIII pelo governo português que, interessado em metais e pedras preciosas, intensificou as expedições, o que contribuiu para tornar acessíveis os caminhos que levavam ao sertão e, um desses percursos, era a região onde se encontram as cidades do Vale do Paraíba.

O Rio Paraíba do Sul servia como roteiro natural. A partir do início do século XVII, foram palmilhadas diversas trilhas indígenas que conduziam ao litoral Norte e ao sopé da Mantiqueira, de onde as bandeiras e viajantes partiam serra

---

<sup>83</sup>Sérgio Buarque de **HOLANDA**. *Caminhos e Fronteira*. São Paulo: Companhia das Letras. 1994., p.135.

acima até atingir a região das Minas Gerais. Nestas investidas, surgiu o Caminho Velho dos Paulistas, ou Estrada Real. Esta estrada partia de São Paulo, passava pela Penha, Itaquaquetuba, Mogi das Cruzes, Guararema, atingindo o Vale do Paraíba, em Jacareí. Estendia-se até Taubaté de onde passava a acompanhar o trajeto do Caminho Velho de Paraty, até atingir a garganta do Embaú.<sup>84</sup>

A colonização da região do Vale do Paraíba foi completada, no século XVIII, com a construção das “vias transversais”, que buscavam a melhoria da comunicação com o litoral, dando vida a novos núcleos urbanos, como São Luiz do Paraitinga.

São Luiz do Paraitinga foi fundada, em 1769, com a nomeação do sesmeiro Manoel Antonio de Carvalho como fundador. Na ocasião ocorreu a conclamação de cinquenta casais a se alistarem perante o sesmeiro. Em 1773, foi elevada à categoria de vila; possuía então cinquenta e duas casas e muitas outras em construção.<sup>85</sup>

Na segunda metade do século XIX, o café era o elemento central da economia brasileira, sendo o Vale do Paraíba um dos locais de sua implementação. Analisando o aspecto econômico, o café foi o grande responsável pela transferência do centro econômico e político da Bahia para o sul, primeiramente para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo. Já no aspecto social, foi responsável pela formação de uma nova configuração, por introduzir

---

<sup>84</sup> Francisco Sodero **TOLEDO**. *Caminhos de Penetração, Povoamento e Colonização*, disposto no site: [www.estudosvaleparaibanos.com.br](http://www.estudosvaleparaibanos.com.br).

<sup>85</sup> Comitê Pró-Associação para o Desenvolvimento Cultural e Ambiental de São Luiz do Paraitinga. *São Luiz o ano inteiro*. 1998.

uma nova classe política e econômica representada pelos barões de café e também pela presença dos escravos da África. Essa nova configuração é bem identificada pela estratificação social que deixou traços peculiares para a cultura brasileira. Esses traços estão representados nas tradições da cultura negra (o jongo e o Moçambique), ameríndia, branca e européia. Muitas vezes, através das formas de dominação como, por exemplo, a cultura ibérica identificada no catolicismo, elemento presente na cultura da região.<sup>86</sup>

Em São Luiz do Paraitinga não ocorreu uma total substituição da policultura pelo café. Com a euforia da economia do café, a cidade como as outras da região, implantaram a cultura cafeeira. Pode-se considerar que esse período foi de grande transformação para a cidade dando uma nova perspectiva econômica como também na modificação de sua estrutura física. O conjunto arquitetônico da cidade tem suas origens nessa época. Sabe-se que, em São Luiz do Paraitinga, a economia cafeeira não se desenvolveu como em outras regiões do Vale do Paraíba.<sup>87</sup> Essa situação foi determinada por fatores geográficos, pois a cidade não possuía terras produtivas para café em decorrência de sua topografia. Dessa forma, a sua agricultura continuou voltada para a exploração de policultura que no início era destinada à subsistência e, posteriormente, no período de

---

<sup>86</sup> Nice Lecocq **MÜLLER**. *O fato urbano na Bacia do Rio Paraíba – São Paulo*. Série A “Livros” nº 23. Rio de Janeiro: IBGE/Biblioteca Geográfica Brasileira. 1969, p. 234

<sup>87</sup> “(...) a produção do café foi se abatendo e receberá o primeiro golpe com a construção da estrada de ferro D. Pedro II em 1870, exterminando com o tráfego de tropas em seu território”. Luis **SAIA** e Jaelson Bitran **TRINDADE**. *São Luiz do Paraitinga - Publicação 02*. São Paulo: CONDEPHAAT/Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. 1977, p. 12.

desenvolvimento da produção cafeeira na região, passa a ser destinada ao mercado de exportação.

A crise do café e, conseqüentemente, das cidades do Vale do Paraíba Paulista tiveram o seu desencadeamento com o esgotamento de terras produtivas para o cultivo, o que propiciou a busca de novas terras a oeste da capitania. A abolição da escravidão, em 1888, foi outro fator propulsor que interferiu na economia deixando a região em total esquecimento e abandono.

Após o ciclo do café, a região se encontrava em compasso de espera de novas possibilidades; no setor rural, dedicava-se às pastagens e a agricultura de subsistência, enquanto que os núcleos urbanos das vilas estavam às voltas com o surgimento da industrialização.

A definição dos quadros urbanos do Vale do Paraíba teve sua afirmação e posicionamento no século XX, adquirindo muito de suas características atuais. As fases dessa industrialização podem ser entendidas a partir do diagnóstico da situação vigente que era: disponibilidade de capital para novos investimentos oriundos do ciclo anterior, mão de obra barata e principalmente, a sua situação geográfica entre os principais centros de desenvolvimento do país, Rio de Janeiro e São Paulo.

O período básico de desenvolvimento da industrialização<sup>88</sup> foi na década de 50 e 60 do século XX, registrando-se o grau diferenciado de desenvolvimento

---

<sup>88</sup>Podemos dividir a industrialização em três fases distintas: a primeira entre 1891-1914, em que predominava a indústria têxtil e a de alimentos e que ainda era muito incipiente, a segunda entre 1914-1943, período entre guerras, ainda com a indústria têxtil e a de transformação de materiais não metálicos e também as de produção agropecuária. Só na

observado em cada cidade e, em outras, como em São Luiz do Paraitinga onde esta inexistiu. Foram criados recursos que possibilitaram maior integração da região com o resto do país como, por exemplo, a Rodovia Presidente Dutra que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, elemento estruturador de desenvolvimento por ser via de distribuição de serviços. O parque industrial do Vale do Paraíba Paulista, atualmente, tem focos de desenvolvimento com algumas cidades como São José dos Campos e Taubaté, com desenvolvimento em escala estadual e outros dispersos, como Lorena e Pindamonhangaba, em escala regional.

Mais uma vez São Luiz do Paraitinga foi alijada do processo econômico que se instalava na maioria da região e, como as outras cidades do Alto Paraíba, continua com a economia pecuária desde a década de 30 do século XX, juntamente com a agricultura de subsistência. Pode-se caracterizar esse quadro por fatores geográficos que possibilitaram a preservação cultural e ambiental<sup>89</sup>; tanto sua localização entre os contrafortes da Serra do Quebra-Cangalha e a crista da Serra do Mar que impossibilitou a implementação de indústrias, como a distância dos eixos estruturadores como a Rodovia Presidente Dutra e a Ferrovia.

As diversas formas de dominação, culturais econômicas e sociais, que condicionaram a formação sócio-cultural da região composta por uma elite agrária, escravocrata, detentora de capital, convivendo, lado a lado, com os escravos e

---

última fase é que a indústria toma suas características atuais com a metalúrgica e as de bens de produção e consumo. Esta fase foi influenciada pela descentralização industrial do parque industrial de São Paulo e a sua posição geográfica definiu o seu desenvolvimento, pois estava próximo das siderúrgicas de Minas Gerais". Nice Lecocq **MÜLLER**. *O fato urbano na Bacia do Rio Paraíba – São Paulo*. Op. cit., p.237.

<sup>89</sup> Tem-se este fato como um dos fatores de preservação do seu conjunto arquitetônico e de sua área de Mata Atlântica.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

marginalizados da sociedade, deixaram como reflexo o quadro paternalista das relações de classes ampliando as relações de dependência, quer da elite para com os quadros de poder externo à região, quer da população local em relação aos seus dirigentes. Tanto na zona rural, como na urbana, o domínio esteve por longo tempo nas mãos dos coronéis e em nível local das oligarquias, nas esferas superiores:

Desde então, brancos pobres, índios aldeados, mamelucos, negros e mulatos compõem a população, que vive sob a hegemonia da elite branca proprietária de terras e de escravos. Neste contexto é necessário considerar o fato da derrota dos liberais e dos seus ideais durante o Movimento Liberal de 1842. Com a vitória dos conservadores, eles passam a impor sua hegemonia política e sócio-cultural, fazendo com que a região mantivesse seu caráter rural-tradicional, tornando-se também conservadora.<sup>90</sup>

O caráter conservador do homem e da sociedade vale-paraibana pode ser observado com clareza, em tempos e lugares diferentes, sob diversas formas e manifestações, como a tendência ao “mesmismo”, a aversão às mudanças, o caráter rotineiro, a não participação popular, a desvalorização de si próprio, a falta de iniciativa pessoal e coletiva.<sup>91</sup>

Essa configuração sócio-cultural foi acelerada a partir do final do século XIX, com o desenvolvimento da industrialização, da urbanização, com a instalação da ferrovia e de modernas rodovias, e pelo avanço dos meios de comunicação. O rádio e a televisão contribuíram para desenvolver valores, idéias e modismos logo

<sup>90</sup> Francisco Sodero **TOLEDO**. *Caminhos de Penetração, Povoamento e Colonização*. Op. cit., p. 02.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 03

assimilados pela população. A modernização conservadora manteve a condição de dependência e de subdesenvolvimento econômico, somado à alienação cultural.

É importante salientar que aliada à industrialização, que ainda representa papel estruturador econômico e de ocupação para as cidades, há a existência de outras possibilidades ou outras vocações que agora estão sendo delineadas em decorrência da política neoliberal, como, por exemplo, a questão do turismo histórico-ambiental como alternativa de desenvolvimento econômico.

As proposições do futuro devem conter traços significativos do passado que garantam a continuidade do grupo social. Acredita-se que para isso os projetos e políticas locais e regionais que atuam em São Luiz do Paraitinga deveriam transparecer a necessidade da preservação dos bens culturais, pois os monumentos arquitetônicos da cidade são muito expressivos e guardam as características do fazer e do viver. São testemunhos e registros deixados nas construções realizadas pela mão escrava como as habitações do século XVIII, atestando a nossa estreita ligação com a região das Minas Gerais. Tem-se o legado da sociedade cafeeira que, a partir do século XIX, gerou um conjunto de monumentos arquitetônicos que se destaca na cidade que, originado no setor rural, estendeu-se pelo setor urbano, deixando um patrimônio cultural valiosíssimo. São representados pelas sedes de fazendas, igrejas, sobrados, solares, pontes, cemitérios, jardins públicos, etc.

Abrem-se as possibilidades para superar as visões inadequadas construídas no passado, as evidências perigosas da desintegração do tecido

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

social e as possibilidades de viver o desafio do encontro de novos caminhos que garantam um futuro melhor, centrado na justiça social, no respeito à pessoa humana e na força da comunidade local.

Compreender as possibilidades revolucionárias da identidade cultural no contexto da diversidade existente, contando com a necessária revalorização da História, o avivamento da memória individual e coletiva, o respeito pelas tradições e valores que todos os homens, inseridos no contexto de sua cotidianidade, apresentam ao longo de sua existência, será fator primordial na transformação da sociedade como um todo.

Pesquisas acadêmicas<sup>92</sup> estudam e problematizam essas contradições, esses mecanismos de subordinação e visualizam na cultura a possibilidade de resistência, de conscientização do homem enquanto indivíduo social. A reflexão persiste na academia e no espaço das manifestações artísticas e culturais, como as manifestações artísticas de conteúdo histórico e social das pequenas cidades do Brasil como é o caso de São Luiz do Paraitinga.

Dessa forma, ao analisar os processos de formação do Vale do Paraíba, buscou-se compreender como esses fatos históricos influenciaram e têm influenciado na configuração dessa realidade. A sociedade vale-paraibana apresenta uma grande diversidade étnico-cultural e tem sido resultado do processo histórico, marcado pela estrutura de dependência de outros centros e pela exploração da terra e do homem.

---

<sup>92</sup> Maria Nazareth FERREIRA. Op. cit.

O processo histórico regional, em função da colonização imposta por centros dominantes, foi determinante nas especificidades do homem e da sociedade vale-paraibana. Algumas características são bem visíveis como o conservadorismo, a não participação popular e a não reação aos efeitos negativos da modernização. A aversão às mudanças e às transformações sociais tem sido um traço permanente na ação do homem e nas atividades sociais no Vale do Paraíba.<sup>93</sup>

Quando muito da história foi esquecida e dissimulada é possível, ao se recorrer ao passado recente, trazer para a atualidade o reconhecimento da historicidade, fato de extrema importância e necessidade para estabelecer a identificação com a história e a necessidade que o presente possui para questionar-se e obter perspectivas de porvir.

O resgate histórico torna-se tarefa necessária para compreendermos o que fomos e por que chegamos onde estamos. Partindo do presente, abre-se a possibilidade de se reabrir o passado, reingressar nas ruínas, nos seus fragmentos, para reconstituí-lo e interpretá-lo procurando compreender e transformar o presente.<sup>94</sup>

Quanto ao patrimônio arquitetônico e às manifestações das classes subalternas, a cidade possui um passado colonial rico de tradições das classes subalternas identificado nas festas populares laicas e religiosas como a Festa do Divino - famosa em toda a região e o seu casario colonial. Como todo o Vale do

---

<sup>93</sup> Francisco Sodero **TOLEDO**. Op. Cit., p.08

<sup>94</sup> Ibid., p. 09

Paraíba, São Luiz do Paraitinga também possui uma tradição de danças populares (o Moçambique e o Jongo) de profundas raízes na cultura local. Berço de grandes músicos, tem exatamente na música um dos seus mais expressivos patrimônios culturais manifestado no festival de marchinhas carnavalescas estruturado na cultura do povo luziense, através dos mitos, das lendas e da tradição na construção de bonecos gigantes e no imaginário de poetas e músicos da história da cidade. Cidade de passado colonial possui um sugestivo conjunto arquitetônico muito bem conservado. A cidade tem ricas tradições de festas populares laicas e religiosas, que, juntamente com seu artesanato e suas riquezas arquitetônicas, musicais e naturais estão sendo evidenciados na motivação para o turismo cultural.

Para o entendimento dessas questões descreve-se a seguir como se configura o patrimônio arquitetônico para posteriormente, no Capítulo 4 - O Patrimônio Arquitetônico: o cenário em movimento - compreendê-lo nas relações estabelecidas com as manifestações culturais subalternas (o Carnaval e a Festa do Divino).

O conjunto do patrimônio arquitetônico de São Luiz do Paraitinga é tombado pelo Condephaat<sup>95</sup>, e corresponde ao maior acervo do Estado de São Paulo sendo composto por dois conjuntos: o urbano e o rural.

Na área urbana, concentra-se o maior número de edificações onde está a zona de interesse histórico-cultural que foi criada para ambientar o visitante.<sup>96</sup> A

---

<sup>95</sup> Luis **SAIA** e Jaelson Bitran **TRINDADE**. *São Luis do Paraitinga* - Publicação 02.Op. cit.

maior concentração de edifícios está na praça central da cidade, Praça Oswaldo Cruz; são casarões de taipa, com sacadas, janelas tipo guilhotina e portas com bandeiras de ferro trabalhado, que representam a maneira como viviam os habitantes mais ricos do Século XIX e que reproduziam os moldes de estados prósperos, como o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Atualmente, suas funções são compatíveis com o estágio atual da sociedade, assim compõem-se como casas de comércio, supermercados e restaurantes, lojinhas e bancos. Ao ampliar o raio da praça, as casas são na maioria térreas e a sua ocupação é de residências, muitas das quais são da década de 50 do Século. XX e são tombadas para não comprometer a espacialidade do restante do patrimônio.

É nesta praça que acontecem as principais manifestações culturais da cidade como o Carnaval, onde seus blocos carnavalescos passam e levam multidões, bem como a Festa do Divino, em que acontecem várias apresentações populares, como a apresentação da banda da cidade, da fanfarras, da saída e chegada da procissão. A Praça da Matriz é o “palco” onde se dá a espacialidade das manifestações culturais.

Outros importantes patrimônios arquitetônicos da cidade são:

- Casa Dr. Oswaldo Cruz, atualmente conhecido como Centro Cultural, que foi construída em 1834, em taipa de pilão, com as paredes internas sendo

---

<sup>96</sup> Comitê Pró-Associação para o Desenvolvimento Cultural e Ambiental de São Luiz do Paraitinga. Op. cit., p. 32.

de pau-a-pique. Foi o local de nascimento do sanitarista brasileiro e possui atualmente, salas para exposições e auditório.

- O Prédio da Prefeitura, construído no Século XIX, também construído de taipa de pilão.
- O Mercado Municipal, com a forma de um quadrilátero, todo de arcadas, sendo a sua parte central descoberta, contornada por um corredor. Em seu espaço há a venda de mercadorias como alimentos e artesanato local. É também um ponto de encontro dos habitantes em seus “botequins” e palco de algumas festividades, como o Festival de Marchinhas.
- A Igreja Matriz, belíssima e imponente, data do Século XIX, dedicada a São Luiz de Tolosa, santo padroeiro da cidade, simbolizando um importante lugar da religiosidade do povo. Possui vários altares em mármore de carrara.
- A Igreja do Rosário possui um estilo eclético e data do Século XIX. Sua construção é de taipa sobre alicerce de pedras da região. Em sua lateral direita encontra-se um muro de pedras que foi erguido pelos escravos. Atualmente, compõe o Largo do Rosário, em que consta também de sua espacialidade uma praça e um Chafariz, tendo um especial monumento em homenagem ao teatro, com uma fala de Procópio Ferreira.
- A Capela das Mercês é uma das primeiras construções da cidade, tendo sido erguida no Século XVIII. Suas paredes são de taipa de pilão. Na ladeira das Mercês encontram-se pedras que foram retiradas pelos

escravos do Rio Paraitinga. Possui sinos originais, assim como seus detalhes no interior.

Na área rural, existem as fazendas que foram construídas a partir da década de 30 do Século XIX, com arquitetura colonial cuja representatividade é do período áureo do café. Algumas estão em péssimo estado de conservação e abandonadas e outras são abertas à visitação como a Fazenda Boa Vista e a Fazenda Paineiras, na qual se podem presenciar os hábitos daquela época como a presença de senzalas e casas de máquinas.

Na abordagem da problemática patrimonial muitos estudos<sup>97</sup> já têm se ocupado de questões de como preservar, restaurar e proteger um patrimônio o que não deixa de ter sua importância, porém o presente trabalho buscou extrapolar essas questões, ao examinar os diferentes usos desse patrimônio pela coletividade nas espacialidades do seu cotidiano e de suas manifestações culturais.

---

<sup>97</sup> Silvio Mendes **ZANCHETI**, & G. **MARINHO**. *Estratégias de intervenção em áreas históricas*. Trabalho realizado para o 4º Encontro do SIRCHAL realizado em Salvador em maio de 2000.

### 3.2 A gestão do Patrimônio Arquitetônico de São Luiz do Paraitinga no âmbito das políticas públicas do Turismo.

Muitas das políticas públicas do Turismo possuem, em seus programas, as preocupações com as identidades culturais das localidades em que atuam, tratando o patrimônio como elemento de unificação nacional ao evidenciarem a necessidade de restituição das memórias históricas das cidades na formulação de suas propostas. Porém, essas premissas aparecem como expressões vagas perdendo o seu sentido conceitual ao desconsiderarem a comunidade envolvida em suas intervenções.

Se é verdade que o patrimônio serve para unificar uma nação, as desigualdades na sua formação e apropriação exigem que se estude, também, como espaço de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos.<sup>98</sup>

Ao delimitar esta reflexão ao campo das políticas públicas que atuam em São Luiz do Paraitinga, busca-se averiguar a existência de três aspectos: as relações entre as diferentes esferas de atuação - parceria com outros órgãos públicos, a compatibilização da comunidade envolvida nessas ações e seus reflexos nas práticas culturais da cidade.

---

<sup>98</sup> Nestor Garcia **CANCLINI**. "O Patrimônio Cultural e a construção imaginária do Nacional". Op. cit., p.92.

São Luiz do Paraitinga, desde o início de 2004, vem passando por uma reestruturação do seu espaço físico através de obras de infra-estrutura para o fomento do turismo.

Em 2002 foi outorgado à cidade o título de estância turística através do incentivo do DADE - Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias -, órgão vinculado à Secretaria de Esporte e Turismo do Governo Estadual <sup>99</sup>.

Segundo o Secretário de Turismo de São Luiz do Paraitinga, o processo de aprovação do projeto teve duração de um ano, após ser encaminhado aos órgãos responsáveis que tiveram que cumprir algumas exigências<sup>100</sup>. Para obtenção da verba é exigido pelo DADE que as obras tragam benefícios para o desenvolvimento da atividade turística não podendo intervir em edifícios que não sejam do poder público. A prefeitura deve encaminhar um pré-projeto para que o DADE avalie a viabilidade das intervenções. Sendo aprovado, a prefeitura realiza o projeto detalhado da intervenção e encaminha novamente para o DADE. Caso

---

<sup>99</sup>O DADE - Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias-, Criado pela Lei nº 6.470/89 de 15.06.1989 e Regulamentado pelos Decretos nºs 30.624/89 e 30625/89, de 26.10.1989, é o departamento responsável em classificar os municípios do Estado de São Paulo em estâncias que estão divididas em estâncias balneárias, climáticas, hidrominerais e turísticas. O DADE tem como objetivo, incrementar a atividade turística nos Municípios reconhecidos como ESTÂNCIAS no Estado de São Paulo, através da transferência de recursos, visando o desenvolvimento de programas de urbanização, melhoria e preservação ambiental e melhoria de qualidade de desenvolvimento municipal das Estâncias de qualquer natureza.

<sup>100</sup>Apresentação do Dossiê contendo os atrativos turísticos da cidade, como os históricos, os naturais e os culturais, a localização do município, a história luizense e os seus símbolos heráldicos, dados geográficos, físicos e demográficos, a infra-estrutura, os dados econômicos, os serviços em geral e a dimensão de aparecimento na mídia entre outros.

seja autorizado, a cidade aguarda a liberação da verba e inicia-se o processo de licitação da obra.

A prefeitura conseguiu agilizar o processo de aprovação do projeto em 2002, porém a verba só saiu em 2003 e as obras começaram no início de 2004.

O valor da verba é determinado anualmente pelo DADE baseado na arrecadação própria de cada município. O Estado doa 10% do valor, baseado no montante que cada cidade arrecada, indo para um fundo das estâncias. Desse total, 50% são divididos igualmente entre todas as estâncias. A outra metade é dividida conforme a arrecadação de cada município<sup>101</sup>. O Secretário do Turismo informou que a cidade recebeu no ano de 2004, um valor de mais ou menos setecentos mil reais. Deste valor, trezentos e noventa mil reais já foram concedidos para o primeiro projeto enviado pela cidade. Este projeto está reformando a praça principal da cidade e o mercado municipal. Pretende-se com o restante da verba reformar a igreja do Rosário.

Através da análise da ação pública estadual do DADE - que elevou a cidade à categoria de estância turística - examinou-se como ocorreram as relações com outras ações públicas que interferem na cidade: o tombamento do centro histórico e de outros edifícios, realizado pelo Condephaat, as premissas e atuações das políticas federais de turismo, a ação municipal com parceria com o Banco Real

---

<sup>101</sup>Em 2002, estâncias turísticas como Campos do Jordão receberam R\$ 1,2 milhão, e Cunha, R\$ 630 mil. Dados concedidos pelo Secretário de Turismo de São Luiz do Paraitinga, em dezessete de setembro de 2004.

para a restauração da Igreja das Mercês e a criação pela prefeitura do Dia do Saci como uma ação contra-hegemônica à questão do *halloween*.

Primeiramente, foram analisadas as ações do Condephaat – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – que foi criado em São Paulo em 1969 e, entre outras intervenções, é o órgão estadual responsável pelo tombamento dos patrimônios arquitetônicos do Estado de São Paulo. No início de sua implementação os critérios para escolha dos patrimônios pautavam-se nas construções do século XVII e XVIII, porém houve incorporação dos acervos modernos e contemporâneos.

As críticas a respeito desse órgão recaem sempre na falta de gerenciamento e promoção do bem cultural cabendo a eles apenas registrar, catalogar e tomba.

Em 1977 foi realizado um inventário dos edifícios de São Luiz do Paraitinga, sendo tombada a zona de interesse correspondente à praça central com o seu entorno compondo edifícios do século XVIII e XIX e um outro raio de proteção que possui casas do século XX, dos quais são tombados os seus gabaritos para que não interfiram na espacialização da cidade.

As intervenções do Condephaat na cidade restringem-se em fiscalizar se ocorre alguma irregularidade nas reformas e a aprovação ou não, das alterações encaminhadas pelos proprietários. A prefeitura realiza há um ano, de forma não legalizada, a intermediação nesse processo ao prestar uma assessoria aos proprietários nos projetos a serem reestruturados e seu encaminhamento, que tem

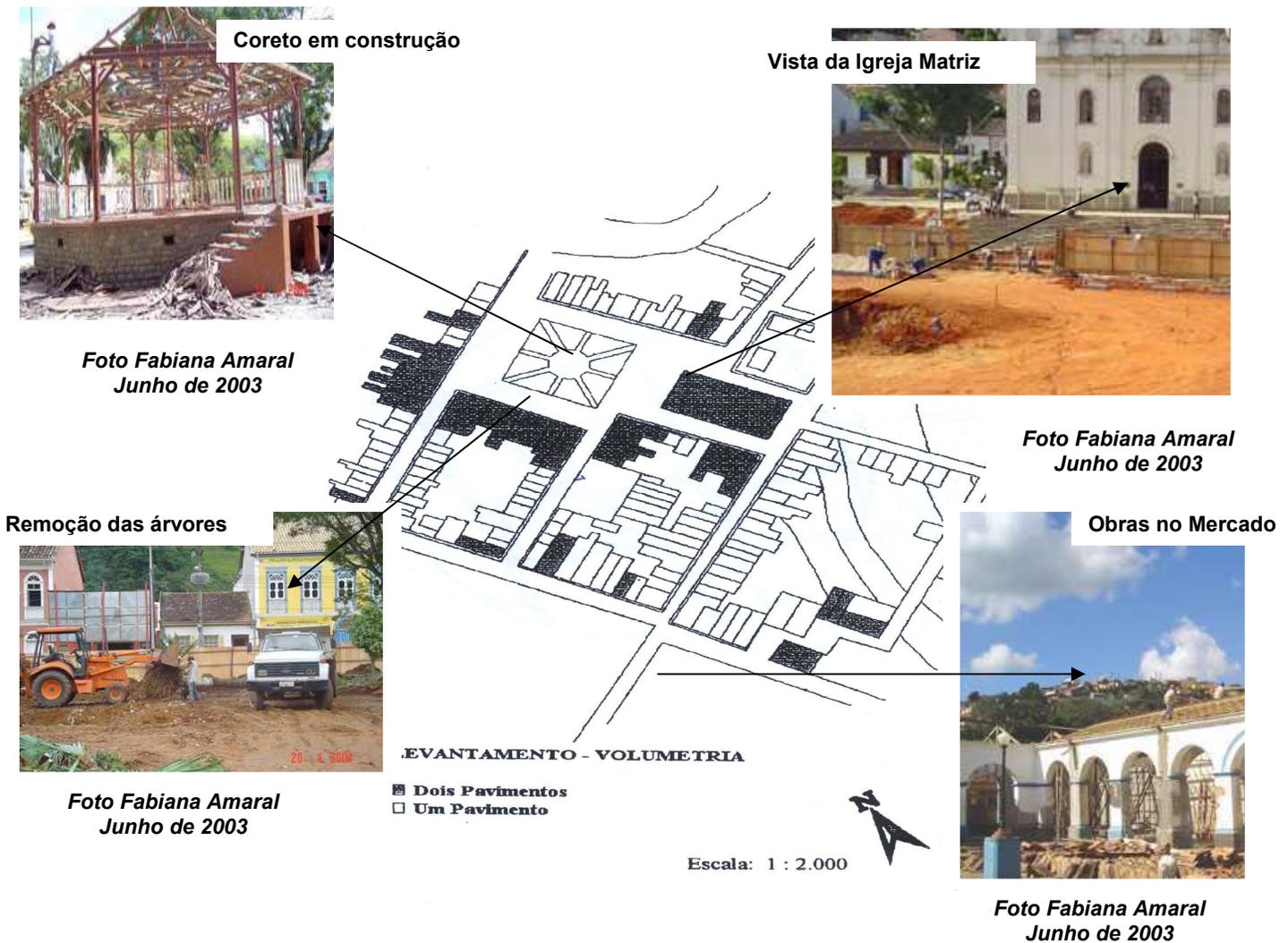
sido feito pelo próprio prefeito quando vai a São Paulo. Uma das ações municipais que está sendo proposta pela prefeitura para legalizar esse processo é a formação de um Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Arquitetônico - que já foi aprovado pela Câmara de Vereadores - que tem como proposta fazer a intermediação entre os moradores e o órgão responsável com autonomia para aprovar as alterações nos edifícios, bem como, viabilizar a ação participativa com a comunidade. Entretanto, a arquiteta da prefeitura informou que ainda não houve negociação com o Condephaat, pois o processo parou devido às eleições que irão acontecer no final do ano, o que tem inviabilizado quase todas as decisões da Prefeitura.

Outro ponto importante desencadeado após categorização da cidade à estância turística é a obrigação imposta pelo Estatuto da Cidade<sup>102</sup> de que mesmo tendo menos de 20 mil habitantes as cidades que são estâncias têm obrigação de formular um plano diretor, elemento estruturador do crescimento da cidade que controla e fiscaliza as intervenções. Entretanto, como mencionado pela arquiteta da Prefeitura, esse processo ainda nem começou a ser realizado devido ao ano eleitoral que paralisa praticamente todas as ações das cidades.

Essa intervenção tem como objetivo a reforma da Praça Dr. Oswaldo Cruz, Praça Euclides Vaz de Campos, Rua 31 de Março, Lateral da Igreja Matriz, Calçadas da Praça Dr. Oswaldo Cruz e da Rua Barão do Paraitinga.

---

<sup>102</sup> Estatuto da Cidade - lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001 regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal. Capítulo III- Do plano diretor: Art. 4; inciso IV.



Observa-se, entretanto, a falta de parceria entre os órgãos públicos envolvidos, pois como destaca o Secretário de Turismo do município: O Condephaat não tomou conhecimento e não existiu nenhuma fiscalização ao projeto.

Diante desse fato, buscou-se referência junto a alguns participantes ativos da comunidade e constatou-se que as obras não estão tendo preocupações com o patrimônio arquitetônico e histórico da cidade. A praça central da cidade, onde se localiza o maior número de edifícios tombados pelo Condephaat, foi reformada e a proposta do projeto consiste em resgatar o desenho de como era há 50 anos atrás. As intervenções realizadas não tiveram acompanhamento do Condephaat o

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

que possibilitou intervenções sem critérios específicos. Foram retiradas da Praça todas as árvores centenárias que, além de possuírem valor ambiental, possuíam valor sentimental e caracterizavam a espacialidade de vivência da comunidade. Um dos cidadãos ativos da cidade, presidente da associação comercial, comentou o fato:

Não fui comunicado de nada (...) por iniciativa própria fui procurar o prefeito em nome da associação e perguntei o que ia ser feito; ele, disse que iriam arrancar algumas árvores que estavam danificando as calçadas, porém passou um mês e na calada da noite arrancaram todas as árvores (...) dizem que vai ficar lindo e maravilhoso, mas acabaram com uma história ao derrubarem as árvores da praça, as minhas histórias, do meu pai e do meu avô. Porque quando eu nasci as arvores existiam, eu brinquei e namorei embaixo daquelas árvores. Aquelas árvores têm história (...) e dizer que tem que arrancar as árvores centenárias para mim é falta de respeito com cidadão luziense.<sup>103</sup>

### **Praça Dr. Oswaldo Cruz – Praça da Matriz**

**Antes da Reforma**



**Durante as obras**



**Fotos: Arquivo - Fabiana Amaral.**

**Depois da Reforma**



A arquiteta comenta o posicionamento da comunidade:

---

<sup>103</sup>Depoimento concedido em 20/07/2004.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

“Houve uma falta de comunicação (...) as pessoas são leigas no assunto e por isso não entendem. Foi feita uma pesquisa sobre a praça e o projeto considerou referências de como era a praça há 50 anos atrás. Muitos vêm até nós e falam que destruíram a praça antiga, porém não destruíram a praça antiga e sim uma praça que já estava descaracterizada. Isso depende da referência que se tem da praça. Porque foi pensado assim: como tudo acontece na praça, faltava espaço. Havia necessidade de um novo coreto, pois todas as festividades e atividades acontecem na praça, como por exemplo, o carnaval e estávamos precisando de uma nova infra-estrutura. Será construído um novo coreto que terá até camarim para acomodar melhor os músicos e, também realizaremos a diminuição dos canteiros (...) Houve o resgate e ao mesmo tempo com a intenção de buscar mais turistas (...) As pessoas têm vindo saber o que está acontecendo e pedem informação e quando a gente explica eles entendem”.<sup>104</sup>

Outra questão da reforma é a construção de um imenso canteiro ao lado da igreja que não dialoga com a espacialização da cidade e também, a construção de calçadas que descaracterizam o seu desenho e não tem necessidade de existir, pois a cidade não tem fluxo para esse tipo de intervenção.

---

<sup>104</sup>Depoimento concedido em 20/07/2004.

← Canteiro ao lado  
a Igreja Matriz.



Foto:  
www.paraitinga.com.br  
26/04/2004



Foto:  
www.paraitinga.com.br  
26/04/2004

→ Construção do  
Calçadão  
Rua Barão do  
Paraitinga

Portanto, constatou-se que os critérios, tanto das políticas de restauração quanto de turismo, têm sido alheios aos interesses da comunidade envolvida. Um dos fatores que pode ser considerado como propulsor dessa realidade é a falta de articulação e interação entre as diversas políticas de atuação no espaço urbano, e principalmente, a falta de política participativa. Observa-se que as políticas,

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

mesmo as municipais, com a descentralização do poder, acabam por repetir os mesmos erros das ações federais e estaduais, pois além de não estabelecerem um diálogo entre as diferentes ações públicas, também não ocorre participação da comunidade. Os espaços da cidade estão sendo alterados com o intuito de aumentar o número de turistas, sem pensar no bem estar dos munícipes e principalmente na sua memória histórica.

As ações públicas federais por mais que estejam revestidas da idéia da regionalização, na prática não têm possibilitado a ação participativa, como é o caso do PNMT - Plano de Municipalização do Turismo.<sup>105</sup>

O PNMT, por mais que não tenha atuado diretamente em São Luiz do Paraitinga, reflete a atuação pública em cidades de pequeno porte com potencialidades para o turismo cultural e interno. Atualmente, foi desativado e substituído pelo Plano Nacional do Turismo do governo petista. Pretende-se, neste trabalho, analisar as atuações anteriores e as mudanças que ocorreram, para examinar esses dois aspectos: a existência de parcerias e o conteúdo com a preocupação social.

O PNMT, criado em 1995, tinha como objetivo desenvolver nos municípios de pequeno e médio porte (o programa não englobava capitais) o potencial turístico latente. A Embratur havia catalogado cerca 1.780 municípios com

---

<sup>105</sup>O PNMT foi criado pela OMT (Organização Mundial de Turismo) e implantado pela primeira vez na Espanha. A OMT, aliás, tem ajudado na sua implementação no Brasil, concedendo, inclusive um prêmio por sua implementação bem-sucedida em várias cidades. Este sucesso talvez se explique pela inserção do problema cultural em suas diretrizes.

potencial turístico, sendo que 800 já desenvolviam a municipalização. O Programa tinha aspectos altamente positivos, pois possuía, entre uma de suas metas, a conscientização das comunidades locais para a importância do turismo, sem deixar de lado a questão cultural. O PNMT tinha como base o turismo segmentado, onde prevalecia a chamada “especialização” do turismo.

Um dos objetivos desse programa era: “descentralizar as ações de planejamento, motivando o município como um todo, transmitindo as técnicas básicas do planejamento turístico, de forma a capacitá-lo a elaborar seus próprios planos de desenvolvimento”.<sup>106</sup>

Benevides,<sup>107</sup> em suas análises sobre a Discussão do Turismo como fator de Desenvolvimento Local ,aponta a problemática a respeito da descentralização:

Cabe discutir, portanto, se essa estratégia de descentralização das ações do planejamento turístico realmente abre novas possibilidades de gestão do território, isto é, uma gestão mais democrática e participativa, ou simplesmente não passa de uma transferência na escala de poder, em que as decisões são tomadas para fortalecer os esquemas do poder político local e para beneficiar grupos econômicos hegemônicos”(...) “A crítica principal recai sobre o caráter mecânico e aleatório da descentralização, ao não levar em conta a heterogeneidade social, cultural e econômica do território nacional, um dos motivos que dificultaria o estabelecimento de critérios para articular a descentralização de recursos e poder<sup>108</sup>

---

<sup>106</sup>MICT/Embratur. *Política Nacional de Turismo. Diretrizes e programas*. Brasília: MICT, 1995.

<sup>107</sup>Irleno Porto **BENEVIDES**. “Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local” ” in **RODRIGUES**, Adyr A. B., org. *Turismo e Desenvolvimento Local*.

<sup>108</sup>Ibid., p.56

Assim, diante de um postulado de suposto acesso democrático ao mercado, essas práticas construíram sua legitimidade, porém de maneira contraditória, pois essas idéias de "liberdade de consumo"<sup>109</sup> mascaravam as desigualdades geradas pelo processo (perda de identidade local, destruição ao meio ambiente etc).

Esse processo de globalização do turismo atende aos interesses do capital internacional que na falsa premissa de trazer emprego e desenvolvimento para as localidades, acaba ampliando a miséria e o desespero das populações nativas e regionais (...) Casos como o PNMT, um equívoco em política pública em que os municípios foram levados aplicar recursos em oficinas de treinamento com a promessa ufanista e até doutrinária (religiosa) de que a região ou cidade iria se transformar em pólo turístico. Essa irresponsabilidade administrativa do estado frustrou municípios.<sup>110</sup>

Por mais que as preocupações estejam "legalizadas", observa-se que muitos dos problemas ambientais e sociais estão à mercê da ilegalidade, o que coloca em questão a falta de uma real preocupação dos "setores" com as relações sociais, perpetuando dessa forma os interesses das leis do mercado. Assim, o turismo com os pressupostos de geração de empregos, acumulação de capital, ganha espaço, cada vez maior, como uma das possibilidades de "desenvolvimento econômico" para as cidades envolvidas. Porém, é preciso

---

<sup>109</sup>Mônica Yukie **KUWAHARA**. "Consumo: simulacro de democracia e mascaramento do jogo de poder". Roteiro para Discussão. *Seminário Alternativas do Conhecimento Científico em Cultura e Comunicação Social*.

<sup>110</sup>João dos Santos **FILHO**. *O turismo brasileiro: equívocos, retrocessos e perspectivas – o balanço que nunca foi feito*, disposto no site: [www. espacoacademico.com.br/a\\_jsf.htm](http://www.espacoacademico.com.br/a_jsf.htm)

questionar: como essas “vantagens” têm sido administradas e, portanto, quem realmente se privilegia com a expansão do turismo?

Na época de sua implementação entre 1995 e 2002 por mais que o PNMT contemplasse a preocupação com o turismo interno, a realidade era outra, pois os dados estatísticos e programas foram forjados, criados segundo interesses pessoais e não nacionais. Verbas foram distribuídas segundo critérios políticos<sup>111</sup> e, as ações do governo eram direcionadas para fomento do turismo internacional. A infra-estrutura para o turismo era pensada e consolidada dentro do padrão norte-americano de hospitalidade *Fast-Food*. Desta forma, houve o incentivo para a construção de *Resorts*, lugares completamente descaracterizados da identidade cultural local onde o padrão de luxo era exigido seguindo normas americanas.

Em outro momento assaz revelador a Embratur adota preceitos organizativos oriundos dos padrões da hospitalidade americana, com isso, impôs uma padronagem universalista. Inibindo e descaracterizando a rica forma de ser da hospitalidade brasileira, esse comportamento acabou impondo um conjunto de normas totalmente alienígenas, pois a idéia era estar ao gosto do turista estrangeiro, nunca se pensou de forma séria no turismo nacional.<sup>112</sup>

No governo do Presidente Luis Inácio Lula da Silva foi criado o Ministério do Turismo, anteriormente vinculado ao Ministério de Esportes e Turismo, o que não deixa de ser um avanço para as localidades através de ações mais direcionadas. O PNMT é extinto e cria-se o PNT - Plano Nacional do Turismo - que pretende incluir no Programa de Regionalização do Turismo algumas ações que se fizeram

<sup>111</sup> Ibid. p. 25

<sup>112</sup> Ibid., p. 37

ausentes no PNMT, como a integração dos municípios e segmentos de forma organizada, por região, e o apoio à promoção e à comercialização desses destinos como produtos turísticos.

Esse programa tem como estratégia um modelo de gestão de turismo voltado para o interior do Brasil, para suas riquezas ambientais, culturais, materiais e patrimoniais e, principalmente, voltado para suas populações. Outra estratégia propõe a articulação com as demais instituições e entidades da administração pública, organizações não governamentais, iniciativa privada, instituições financeiras e outras que têm interface com a Política Nacional de Turismo, promovendo uma gestão coordenada e compartilhada do turismo no Brasil.<sup>113</sup>

Mesmo que inclua em suas propostas a preocupação como o turismo interno, algumas críticas já estão sendo apontadas quanto à repetição do discurso de desenvolvimento do turismo internacional.

O discurso chega a afirmar que 'o crescimento de nossa economia aliado a posição estratégica do país (...) torna-nos um ponto nodal de atração de eventos técnicos'. O discurso mais uma vez reafirma sua idéia de captar eventos por isso afirma como lema de política oficial 'nosso próximo evento é no Brasil'. (...) E ao mesmo tempo transforma a Embratur em uma espécie de Convention Bureau Nacional cuja função que lhe resta é captar e promover eventos. A idéia de vender a imagem do país não se constitui em algo novo, já foi tentado anteriormente na década de 80 e 90 do século XX por

---

<sup>113</sup> SCTDET - Secretaria da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo do Estado de São Paulo, disposto no site: [www.ciencia.sp.gov.br](http://www.ciencia.sp.gov.br)

essa entidade que acabou cultuando no exterior a idéia de país de mulher fácil e do turismo sexual.<sup>114</sup>

João dos Santos Filho<sup>115</sup> discute a necessidade de que o fluxo turístico nacional é que deve dar as bases e implementar o desenvolvimento do turismo no Brasil, e não ao contrário, portanto, vender a imagem do país para o exterior, deve ser uma etapa que esteja abaixo do patamar do turismo nacional.

A prioridade deve ser o turismo interno, pois esse poderia sim alavancar o fluxo internacional para o Brasil ao desenvolver uma política para aumentar o fluxo nacional, abaixando os juros e dando condições para que o povo possa se deslocar e conhecer seu próprio país, por meio de incentivos fiscais e projetos de cunho social.<sup>116</sup>

Mas nesse mesmo plano, a idéia de fomentar o turismo interno está fundamentada em pressupostos que pretendem atender as questões da sociabilidade brasileira, como a criação do Fórum Estadual do Turismo<sup>117</sup>.

---

<sup>114</sup> João dos Santos **FILHO**. *O turismo brasileiro: equívocos, retrocessos e perspectivas – o balanço que nunca foi feito* Op. cit

<sup>115</sup> Ibid.

<sup>116</sup> Ibid.

<sup>117</sup>“O Fórum Estadual do Turismo é uma Entidade de caráter propositivo, consultivo e mobilizador, que visa a integração de todas as instituições que compõem a cadeia produtiva do turismo, em cada Unidade da Federação (Composição Tripartite – Governo, Iniciativa Privada e Terceiro Setor). É o principal instrumento no processo de descentralização da atividade turística no País, funcionando como um canal entre o Núcleo Estratégico de Turismo (Ministério, Conselho Nacional de Turismo e Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes de Turismo), os Estados, as Regiões e os Municípios. Cabe ao Fórum Estadual de Turismo apoiar o Órgão Oficial de Turismo de cada Estado na Gestão do Programa, discutindo e propondo políticas e diretrizes, acompanhando e avaliando suas ações, além de ordenar as demandas das regiões turísticas”.In: **SCTDET - Secretaria da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo do Estado de São Paulo**, disposto no site: [www.ciencia.sp.gov.br](http://www.ciencia.sp.gov.br)

O turismo deve ser fortalecido pelo consumo da sociedade brasileira, permitindo a todos o acesso ao lazer e às férias, respondendo a uma aspiração legítima dos nossos cidadãos e tendo no turismo um fator de construção da cidadania e de integração social.<sup>118</sup>

Porém, em que pesem estas observações, faz-se necessário estar atento às ações dessa política, para que não se repita o erro anterior: concentração das ações e não parceria como as outras políticas públicas que interferem e perpassam a questão do turismo regional, e a efetiva participação da comunidade gestora nesse processo. Até o presente momento, nada foi comunicado à cidade de São Luiz do Paraitinga, apesar de estar passando por um processo de incentivo estadual ao turismo, ao ser elevada à categoria de estância turística, demonstrando que não há parcerias entre as ações públicas que interferem na cidade. Observou-se que mesmo ações estaduais não estabelecem parcerias ao ser diagnosticado que o Condephaat (órgão estadual) não tomou conhecimento da ação do DADE na palavra do Secretário de Turismo da cidade: “O Condephaat não participa desse processo e nem tomou conhecimento desse fato, o DADE é uma coisa e o Condephaat é outra”.<sup>119</sup>

As ações das políticas públicas aqui relacionadas, tanto federais quanto estaduais, estão sendo realizadas apenas com o intuito do desenvolvimento do turismo de São Luiz do Paraitinga, o que evidencia obras que tem legalizado a destruição das identidades culturais e das referências simbólicas.

---

<sup>118</sup>Ibid.

<sup>119</sup>Depoimento concedido pelo Secretário de Turismo de São Luiz do Paraitinga, em vinte de julho de 2004.

Como já foi dito, a elevação da cidade à categoria de estância turística proporcionou a busca por parte da prefeitura por incentivos para fomentar o turismo. Como analisado anteriormente, observa-se que as preocupações existem, porém a gestão das ações tem deixado a desejar, ao não possuírem parcerias com outras intervenções e com a participação da comunidade.

Algumas ações foram impulsionadas a partir dessa titulação, como a busca por incentivos privados para a restauração de bens patrimoniais públicos, caso da restauração da Igreja das Mercês e a implementação do Dia do Saci.

No primeiro caso, foi realizada parceria com a Escola Oficina de Restauração da cidade de Santana do Parnaíba - S.P e o Banco Real na restauração da igreja das Mercês pelos adolescentes da cidade. Uma iniciativa que tem alcançado bons resultados a custo zero para a Prefeitura, pois além dos gastos com a restauração, o Banco Real também paga aos alunos uma bolsa de estudo. Os adolescentes foram selecionados nas escolas públicas da cidade e foram escolhidos, para esse primeiro projeto, 20 deles que estão tendo aulas teóricas e práticas sobre a história da cidade, arquitetura, segurança do trabalho e técnicas de restauro. A primeira turma irá formar 20 restauradores, entre monitores, contra-mestres e mestres de obras. No ano de 2005 o projeto teve continuidade na parcial restauração da Casa de Oswaldo Cruz. A intervenção constou da reabilitação do telhado que estava comprometendo o estado do piso, restauração de algumas paredes de pau-a-pique e a pintura do interior da casa e da fachada. A continuidade do projeto de restauração está condicionada a novos investimentos, para que o espaço volte a sediar o Museu Oswaldo Cruz.

Um dos grandes desafios enfrentados na realização do trabalho de preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de determinada localidade é a falta de percepção da própria população residente nos municípios, a qual não entende a razão pela qual esses bens culturais devam ser preservados e reutilizados, não se vê nos monumentos preservados, nem se identifica com um passado remoto e com uma memória histórica que não lhe diz respeito. Apesar da cidade de São Luiz do Paraitinga apresentar sua identidade cultural viva nas espacialidades de suas manifestações culturais como as festas, ainda é necessário que se pensem em iniciativas com apoio municipal para se fomentar a discussão sobre essas intervenções. Questões como identidade cultural e cidadania são importantes ao possibilitar a compreensão do significado do patrimônio e da memória histórica, propondo uma convivência harmônica entre passado, presente e futuro, entre o antigo e o novo e entre todos os tipos de diferenças, coexistindo e respeitando-se no espaço da cidade.

Ações desse tipo facilitam aos indivíduos se sentirem parte desse meio e, ainda mais, que se percebam como agentes e atores dessa realidade que os circunda, deixando de lado o sentimento de espectadores passivos do mundo, sentindo-se como cidadãos que têm o poder de transformação, por meio do conhecimento da historicidade.

Percebe-se que essa ação tem alcançado esses objetivos, nas palavras de uma das alunas do projeto:

Eu aprendi muita coisa que nem imaginava, mesmo tendo nascido aqui eu não sabia da história da minha cidade (...) não era muito

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

importante para mim, mas agora nós já temos consciência que o patrimônio arquitetônico nos dá a nossa identidade cultural, é o único jeito de sabermos quem eram nossos antepassados, como eram os nossos costumes”<sup>120</sup>

Outro fator impulsionado por essa ação tem sido a multiplicação do conhecimento sobre a questão da identidade cultural e da educação patrimonial ao levarem para casa o que têm aprendido no curso:

Só depois do curso que pude ver o tamanho da dimensão, tudo que esta por trás do valor do patrimônio. Mesmo em relação às práticas de intervenção, aprendemos que não pode ser qualquer tipo de material que deve ser usado nestes patrimônios e, para isso, foi mostrada toda a história de como era antes, o tipo de construção. (...) A gente acabou mudando a concepção das pessoas lá de casa, pois tudo que a gente apreende aqui a gente conta para eles e assim a gente conscientiza eles. A gente pensa duas vezes antes de colocar o pé na parede ou até mesmo pichar os muros. (...) Esta igreja representa a minha infância então está sendo muito bom eu mesma poder ver isso mudar através do meu trabalho. Eu procuro pensar em trabalhar sempre com isso.<sup>121</sup>

Outra ação municipal importante foi à criação do Dia do Saci que teve aprovação da Câmara de Vereadores, em 25 de outubro de 2003. Essa iniciativa partiu de alguns vereadores, indignados com a crescente presença da cultura norte-americana entre as crianças de São Luiz do Paraitinga, principalmente na época do Halloween (Dia das Bruxas) nos Estados Unidos. A escolha do dia foi proposital, já que em 31 de outubro é o dia da comemoração da festa americana que, a cada ano, atrai mais crianças brasileiras.

---

<sup>120</sup> Depoimento concedido em vinte de julho de 2004.

<sup>121</sup> Ibid.

O objetivo foi chamar a atenção para o resgate de lendas do nosso folclore (sic.), como a do Saci, do Boitatá, da Iara, do Curupira e do Boto, especialmente nas escolas, para fazer uma oposição ao Halloween.<sup>122</sup>

Na primeira festa do Dia do Saci, realizada no último final de semana do mês de outubro, a cidade promoveu atividades como apresentações de peças com temas da cultura subalterna, lendas, oficinas para confecção de bonecos e esculturas, tanto nas escolas como na zona rural, que segundo Toledo, também já sofre a influência da festa importada dos Estados Unidos. Segundo informações do Secretário de Turismo, a Prefeitura não esperava uma grande repercussão, porém no primeiro dia de comemoração a cidade recebeu 2 mil turistas, entre: "(...) professores universitários, historiadores e folcloristas (sic) que instigados com a iniciativa foram averiguar e prestigiar o acontecimento".<sup>123</sup> No segundo dia da festa a cidade recebeu mais de 5 mil turistas, incentivado, segundo o Secretário de Turismo, pela divulgação realizada no dia anterior, por uma rede de televisão local.

Se depender da iniciativa de São Luiz do Paraitinga, o projeto vai extrapolar as fronteiras da cidade. Segundo Toledo<sup>124</sup>, um ofício da lei foi enviado para o Ministério da Cultura em Brasília, junto com um abaixo-assinado, para que se torne uma comemoração nacional das tradições brasileiras.

---

<sup>122</sup> Marcelo **TOLEDO**. Entrevista concedida por à Folha On Line em 30/10/2003, disposta no site: [lobato.globo.com/html/novidades22.html](http://lobato.globo.com/html/novidades22.html).

<sup>123</sup> Entrevista concedida em vinte de julho de 2004.

<sup>124</sup> Marcelo **TOLEDO**. Op. cit.

Apesar da existência dessas diferentes ações relacionadas à preservação do patrimônio cultural e da identidade cultural local, elas vêm acontecendo isoladamente e sem uma gestão que proporcione maior visibilidade para a comunidade na preservação do seu espaço, no limite, apenas com o intuito de desenvolver o turismo. Por isso, ações como a que vêm ocorrendo com a restauração da Igreja das Mercês e da criação do Dia do Saci, deveriam ser multiplicadas e incentivadas pelo poder local com parceria da comunidade. Porém, existem problemas de gestão que até o presente momento têm sido causados por determinadas situações: falta de cidadania, herança paternalista, interesses político. Tais situações são desmobilizadoras dessas ações.

Esse fator já foi diagnosticado em projeto acadêmico<sup>125</sup> que estudou a possibilidade de gestão cultural pelos próprios agentes culturais, oficiais ou não, da cidade. Naquela ocasião, foi incentivada a formação de associações culturais, que poderiam agregar forças como resistências ao poder hegemônico, como foi o caso da AACULT - Associação de Ação Cultural na cidade de São Luiz do Paraitinga. Formada em 2001, tendo como participantes mais de 50 componentes entre dançadores, músicos, artesãos e jongueiros, além de professores, educadores e participantes da comunidade. Algumas ações foram realizadas como o ressurgimento da Festa do Rosário que estava paralisada há mais de 25 anos, porém foi um acontecimento isolado e que por dificuldades de gestão dos próprios agentes culturais envolvidos não teve continuidade. A pesquisa averiguou

---

<sup>125</sup> Maria Nazareth **FERREIRA**.(org).“Identidade Cultural e Cidadania: O potencial das cidades históricas para o Turismo”. Op. cit.

como um dos condicionantes desse problema a falta de condições de existência das camadas subalternas da sociedade brasileira, como ausência de cidadania, participação, como conclui o estudo citado:

A principal dificuldade encontrada na realização do projeto fundamenta-se nas condições de existência das camadas subalternas da sociedade brasileira (despolitização, ausência de prática de cidadania) o que não permite a visualização de sua história e as possibilidades de uma ação com vistas ao futuro. Por outro lado, esta impossibilidade de atuação consciente das comunidades é o resultado da herança populista na sociedade brasileira, expressada na forma como as camadas populares esperam ações paternalistas dos políticos e, principalmente, no próprio exercício do poder pelas autoridades locais, pontualizada pelo conflito de interesses entre o público e privado e entre os interesses coletivos (a comunidade) e individuais<sup>126</sup>

Na época (ano de 2000) a cidade estava passando por processo eleitoral e o partido que ganhou as eleições possuía participantes da associação que se comprometeram em ajudar na gestão de suas ações. Porém, após ganhar as eleições, o processo dispersou-se e nada foi realizado, alegando-se não haver verbas para realizar alguma intervenção. Fato que não é verdadeiro, segundo informações de moradores, os quais pontuaram que a prefeitura tem aumentado seus tributos através do aumento do IPTU e também na proliferação de cargos públicos sem utilidade, o que diagnostica os conflitos de interesse entre o público e o privado e entre os interesses coletivos e individuais. Porém, para esse tipo de intervenção só os recursos da prefeitura não seriam suficientes. Mas, se o poder local mostrasse interesse, poderia incentivar a AACULT de outra forma.

---

<sup>126</sup>Ibid., p.14.

A comunidade respira e vive a sua cultura. No entanto, apesar dessas intervenções citadas, é órfã e alheia a todo o processo. Alguns casos isolados têm possibilitado bons resultados, porém como acontecem isoladamente e envolvem disputas políticas e econômicas, esvaziam as ações ao não compatibilizarem a comunidade que é a gestora natural.

Outro ponto averiguado é a não existência da relação entre as diferentes ações, apresentadas anteriormente, que interferem e trabalham com a questão da identidade cultural. Este trabalho propõe algumas problematizações a esse respeito:

- Até que ponto essas intervenções não estão reconstruindo a identidade cultural apenas com intuito de desenvolver o turismo?
- As intervenções têm sido isoladas; será que não ocorre a preocupação em aglutinar todas as potencialidades culturais?

Podem estar acontecendo intervenções revestidas de preocupações com a identidade cultural local, porém não está havendo uma preocupação efetiva com a gestão quando o assunto é identidade cultural.

Dessa forma, devido à elevada demanda para a “reestruturação” da cidade com objetivo de sua utilização para o turismo cultural, a gestão oficial tem se preocupado e se preparado para essas solicitações. Exemplos disso são os diversos planos de revitalização e restauração que estão acontecendo na cidade. Porém, além da constatação da legalização dessas preocupações, observa-se que a realidade é outra, pois parece que as ações oficiais não têm conseguido a

instrumentalização adequada quando interferem e atuam num meio ao qual não pertencem. As ações são até oficializadas e muitos dos projetos de planejamento e de intervenção são realizados, mas o que cabe diagnosticar é se os mecanismos propostos por essas práticas compatibilizam e agregam as populações envolvidas em suas ações.

O ponto central das discussões propostas neste trabalho consistiu em compreender como a ação pública planejada pode contrapor-se aos processos homogeneizantes do território (como a destruição das identidades culturais locais anteriormente citadas) sem “barrar” o processo de inovação. Apontam-se alguns problemas característicos da implementação dessas políticas de intervenção, que são:

- Falta de articulação e interação entre as diversas políticas de atuação no espaço urbano, e também não operacionalização dos programas existentes;
- A discussão meramente econômico-financeira dessas políticas com vistas à atividade turística, ainda predominante no Brasil, contribui para que esta atividade se desenvolva de forma predatória destruindo valores locais, históricos e tradições populares, pois tem criado cenários históricos esvaziados dos pressupostos da historicidade de uma coletividade que o vivencia.
- Os critérios, tanto das políticas de restauração, quanto de turismo, têm sido alheios à realidade que intervém, pois os critérios geralmente escolhidos são estranhos à realidade que atuam (a

elitização das escolhas, pautadas apenas em elementos estéticos recorrentes à memória da elite, desconsiderando elementos significantes da memória social). Por mais que em seus discursos apontem as preocupações com as identidades culturais e com a comunidade envolvida, os mecanismos utilizados têm sido opostos às propostas.

- O quadro de dependência em que se encontra a sociedade local que é a herança paternalista;
- E, também, as lacunas nas discussões das ciências urbanas que evidenciam os problemas, porém não atingem o cerne da questão: a gestão dos bens históricos por parte da comunidade que é a gestora de origem.

A partir dessa constatação esta pesquisa buscou elementos para examinar o processo de gestão desses bens históricos e pretender apontar caminhos.

Abordou-se o patrimônio arquitetônico de São Luiz do Paraitinga ao buscar a relação existente entre os bens simbólicos e os bens materiais, identificados aqui no Carnaval e na Festa do Divino e no patrimônio arquitetônico, percorrendo um caminho contrário ao de muitas pesquisas; alguns problemas foram apontados e se pretende, encontrar maneiras de preservar como também de resistir. A maneira aqui proposta é a possibilidade de, ao analisar a questão do patrimônio arquitetônico na

espacialidade das manifestações culturais, encontrar maneiras que evidenciam melhores critérios de análise ao abordarem uma localidade, o que não foi realizado nas intervenções que estão acontecendo na cidade. A espacialidade das culturas subalternas no seu cotidiano e nas suas manifestações é primordial para se pensar e entender as questões dos patrimônios arquitetônicos.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## **CAPÍTULO 4**

### **PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: O CENÁRIO EM MOVIMENTO.**

A opção pela dialética como metodologia de pesquisa foi enriquecedora por propiciar o trabalho com a pesquisa-ação, no qual a relação entre a pesquisadora e a comunidade-alvo da pesquisa se constituiu em uma conduta mediada e não determinante dos fatos. Esta interpretação criativa possibilitou desmecanizar o olhar, trazendo novas sensibilidades e despertando uma maior riqueza na leitura das relações entre a revisão bibliográfica e a possibilidade de abordar, no trabalho de campo, as expressões espontâneas dos entrevistados. Desta forma, para conseguir responder as questões propostas pela pesquisa, os questionários e as entrevistas direcionadas foram elaborados a partir das questões apontadas nos objetivos específicos:

- Analisar junto à comunidade local a forma como estão percebendo as ocorrências de revitalizações e intervenções no Patrimônio Arquitetônico para, assim, examinar o grau de conscientização do cidadão sobre sua

responsabilidade na fiscalização das gestões oficiais sobre o patrimônio arquitetônico.

- Analisar o entendimento da comunidade sobre as ações do turismo massificador em sua cidade para poder compreender os diferentes graus de hegemonia que se estabelecem no processo emissor (turismo massificador) e receptor (comunidade).
- Analisar os usos do patrimônio arquitetônico pela comunidade para poder compreender o processo de formação de uma possível espacialidade.

A aplicação dos questionários<sup>127</sup> foi dividida em dois blocos – comunidade e turistas. Foi aplicado questionário à comunidade no mês de março (período entre a realização do Carnaval e da Festa do Divino), que continha questões gerais e, outras específicas sobre cada uma das festividades. Aos turistas foram aplicados questionários durante o acontecimento das festas; para cada festa foi elaborado um questionário. Foram entrevistados 20 turistas de cada festa e 30 moradores. Além da aplicação de questionários, foram entrevistadas algumas pessoas da cidade como: dirigentes dos blocos de Carnaval, a viúva do músico Elpídio dos Santos, o Secretário de Turismo, a arquiteta da Prefeitura, o Secretário de Cultura entre outros.

Os resultados dos questionários e das entrevistas, juntamente com a vivência desta pesquisadora no trabalho de campo, compuseram um quadro de

---

<sup>127</sup> Os questionários estão enumerados em anexo.

referências para os argumentos propostos pela pesquisa. Levando em consideração a interpretação criativa dos fatos e o posicionamento dialético expresso no decorrer do texto, este capítulo apresenta a leitura do trabalho de campo. Para maior compreensão do resultado, o capítulo foi sub-dividido em quatro tópicos: Patrimônio Arquitetônico no processo comunicacional das manifestações culturais subalternas, Ação Participativa, O Carnaval e a Festa do Divino: diferenças e similitudes e Os turistas e suas “impressões”.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

#### **4.1 O Patrimônio Arquitetônico no processo comunicacional das manifestações culturais subalternas.**

Neste item foram relatadas as festividades (o Carnaval e a Festa do Divino) e demonstrados os processos comunicacionais estabelecidos entre os bens imateriais (as festas) e os bens materiais (o patrimônio arquitetônico), ao retomar a questão da reforma da Praça Matriz e as referências espaciais da comunidade envolvida.

##### **4.1.1 O Carnaval de São Luiz do Paraitinga: cor e movimento.**

O Carnaval de São Luiz do Paraitinga é considerado o mais peculiar do Vale do Paraíba por ser inspirado nas lendas e mitos da cultura tradicional popular luziense, porém esta realidade é recente. Até 1981 não existia qualquer forma de manifestação cultural na data do carnaval. Um dos motivos para tal fato teria sido a presença marcante da igreja enquanto formadora de modelos morais. Relata-se na cidade, como uma de suas lendas, que as pessoas tinham medo de pular carnaval, pois acreditavam que lhes nasceria rabo e chifre.

Durante este período muitos moradores que tinham condições de viajar, iam para cidades vizinhas ou para o litoral. Por iniciativa de alguns moradores da cidade, que sentiam a ausência do carnaval e não tinham condições financeiras para viajar, foram criados alguns blocos formados, inicialmente, por grupos de amigos. A idéia, a princípio, era de instituir o carnaval de salão, porém neste mesmo ano (1981) estes blocos saíram do clube e percorreram as ruas da cidade.

No ano seguinte a festa já assumia outras proporções com o aumento do número de foliões que, contagiados pela música e pelas fantasias, seguiam os blocos pelas ruas do centro histórico. Já neste ano, o poder local acabou assumindo a festa colaborando como alguma infra-estrutura para a sua realização.

Atualmente não existe mais o Carnaval de salão e as ruas do centro histórico são percorridas por um pouco mais de vinte e dois blocos<sup>128</sup>: dezesseis oficiais - que possuem alguma forma de incentivo da Prefeitura como a disponibilidade do trio elétrico - e oito não oficiais, que saem nos intervalos com pouca estrutura, mas não com menos número de foliões.

Uma das características marcantes desta festa é a existência de uma identidade cultural local presente nas canções dos blocos que contam histórias cotidianas da cidade, nas quais a referência ao patrimônio arquitetônico é presente. Estas histórias se refletem nas indumentárias utilizadas pelos foliões e na confecção dos bonecos gigantes. Cada bloco possui a sua fantasia assim como a própria música. Outro fato percebido em relação ao patrimônio arquitetônico é a presença de suas referências estéticas, tanto nos desenhos das camisetas, quanto nos enfeites das ruas.

---

<sup>128</sup> Alguns dos blocos oficiais são: Juca Teles, Bicho de Pé, Pé na Cova, Cruis Credo, Bico do Corvo, Curupira, Balacobaco, Lençol, Misto Quente, Pique das Trairas, Barbosa, Pipoca, Maricota, Zona do Agrião e o Espanta a vaca.



**ESTANDARTE DO BLOCO DO CASARÃO**



**ENFEITES DOS POSTES**



**VISTA DE UMA DAS RUAS DA CIDADE DURANTE O CARNAVAL**

*Fotos: Fabiana Amaral – Carnaval/2005*

pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Conforme citado anteriormente, a festa possui pelo menos três componentes básicos: a sua preparação, a execução e a ideologia presente<sup>129</sup>; que serão analisados a seguir.

O acompanhamento da preparação do Carnaval iniciou-se com uma visita à cidade no mês de dezembro, para recolher elementos sobre a composição das marchinhas, assim como sobre a confecção das fantasias, das máscaras e dos bonecos gigantes. Foram entrevistados alguns compositores de blocos de Carnaval e determinadas pessoas da cidade como a viúva de Elpídio dos Santos, para compor o quadro de referências necessárias na finalização da pesquisa. Elpídio dos Santos foi um grande compositor da moda caipira e um dos maiores inspiradores e incentivadores das referências musicais e históricas da cidade. Considerado o compositor preferido de Mazzaropi, foi convidado para criar as músicas específicas de cada filme e que seriam cantadas pelo próprio e, enquanto viveu, criou para os filmes de Mazzaropi mais de mil composições.

Em cada ano é definida uma temática para o Carnaval. No ano de 2004 o Saci foi tema da decoração das ruas e das fachadas. Já no ano de 2005 as janelas dos casarões foram a temática escolhida – *Janelas da História* - para enfeitar os postes e as casas da cidade. A identificação com a cidade foi tanta que a Prefeitura o definiu como logo oficial, compondo todos os documentos e propagandas a respeito da cidade de São Luiz do Paraitinga.

---

<sup>129</sup> Maria Nazareth FERREIRA. *As festas populares na expansão do turismo: a experiência Italiana*. Op. Cit.

A análise da execução da festa iniciou-se no acompanhamento do Festival das Marchinhas durante o final de semana (29 e 30 de janeiro de 2005) que antecedeu o Carnaval. Tal evento tem proporcionado, ano a ano, maior valorização desse tipo de ritmo carnavalesco, pois que possui uma linguagem própria capaz de contribuir para o fortalecimento da cultura musical de São Luiz do Paraitinga.

Nos cinco dias da festa (4 a 8 de fevereiro de 2005) o ritual foi acompanhado, assim como aplicados questionários aos turistas e realizado o registro fotográfico.

O Carnaval em São Luiz do Paraitinga começa oficialmente na sexta-feira à noite, porém o povo só se mobiliza - e a cidade começa a se movimentar, entendendo que começou o carnaval - às 12h00 do sábado quando escutam e repetem os dizeres de Juca Teles: *“Respeitável público do sertão das cotias! Hoje estamos aqui para convidá-los a participar das festividades de Momo. Como viver sentindo a passagem do tempo: do céu, do purgatório e do inferno. Ninguém escapa, sabem por quê?”*<sup>130</sup>

Tem que gritar (ô ô)  
 tem que mostrar (ô ô)  
 tem que cantar (ô ô)  
 Juca Teles  
 amora em flor  
 boca do povo  
 são palavras de amor

---

<sup>130</sup> As músicas dos blocos estão em CD anexo.

chegaram as cotias do sertão  
trazendo notícias, confusão  
Lançando dardos  
Tanto quanto o carnaval  
E que ninguém se lixe  
E nem se  
Nem nos leve a mal (ô ô ô ô ô)  
E nem nos leve a mal  
Tem que gritar (ô ô)  
tem que mostrar (ô ô)  
tem que cantar (ô ô)



### **FOLIÕES ACOMPANHANDO O BLOCO JUCA TELES**

*Fotos: Fabiana Amaral – Carnaval/2005*

**pdfMachine** - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

O Carnaval de São Luiz do Paraitinga caracteriza-se pela forte identidade cultural, baseada nas histórias e contos luziense. Não é objetivo deste trabalho apresentar a história de todos os blocos. Desta forma, o Bloco Juca Teles foi escolhido para ilustrar a ideologia presente nesta festividade.

O bloco foi criado no carnaval de 1983 com quatro pequenos bonecos, sendo um deles a figura do próprio Juca Teles, o outro o da sua companheira e musa inspiradora, Nhá Fabiana (a loira) seguidos do Zé da Barrica e de Nhá Filó, amigos do casal. O nome “Juca Teles do Sertão das Cotias” é o pseudônimo artístico de Benedito de Souza Pinto considerado pela comunidade como um dos mais importantes artistas da cidade. Foi produtor de figurões gigantes, poeta, autor do testamento de Judas no Sábado de Aleluia (confeccionando o próprio Judas) e apresentador da Dança de Caiapós (dança indígena). Juca Teles, falecido em 18/11/1962, caiu completamente no ostracismo e desapareceu por completo da memória e do cenário luziense.

Porém, vinte e um anos depois, um grupo de amigos<sup>131</sup> realizou uma pesquisa sobre a vida do artista para resgatar a sua imagem perdida no tempo.

O bloco, além de buscar um caminho alternativo para o Carnaval de São Luiz do Paraitinga, teve como objetivo principal o resgate (sic) da figura de “Juca

---

<sup>131</sup> Benito Campos, foi um dos criadores do bloco e, atualmente, está à frente da organização, tanto física, quanto cultural do mesmo. Poeta e artista plástico, além de confeccionar os bonecos e indumentárias, também é responsável pela divulgação da história do bloco. Benito, com a finalidade manter as tradições, assumiu o personagem Juca Teles e, desde a fundação, se reveste da magia relatada pelo bloco e, até assina os manifestos como Juca Teles II.

Teles”, para mostrar às novas gerações de Luzienses a sua importância no processo de fortalecimento de suas tradições:

(...) não esquecendo de que alguns consideravam parceiro da extravagância e do exótico, colocando em dúvida a sua condição mental. Porém, ele se mostrou sempre muito inteligente, com uma redação brilhante e criativa nas intimações que fazia para o juizado da época, como Oficial de Justiça; além da inspiração divina da bondade que lhe acompanhava todos os dias, tornando-o um pai e mãe dos pobres”.<sup>132</sup>



### **BLOCO JUCA TELES NA PRAÇA DA MATRIZ**

*Foto: Fabiana Amaral – Festa do Divino/2005*

---

<sup>132</sup> Depoimento concedido pelo diretor do Bloco Juca Teles, em 04 de fevereiro de 2005.



**BONECOS: JUCA TELES E NHÁ FABIANA**



**“JUCA TELES DO SERTÃO DAS COTIAS II”**



**BONECO JUCA TELES DURANTE O DESFILE DO BLOCO**

*Fotos: Fabiana Amaral. Carnaval/2005*

**pdfMachine** - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Como nas cidades italianas<sup>133</sup>, em São Luiz do Paraitinga realiza-se uma pesquisa histórica sobre os seus mitos, com a finalidade de reafirmar sua identidade cultural, para reviver a memória histórica ameaçada pelas rápidas transformações da realidade contemporânea.<sup>134</sup>

As indumentárias de cada bloco são referências às histórias contadas nas músicas: a cartola e as tiaras enfeitadas são usadas pelos foliões que acompanham o Bloco Juca Teles, pois caracterizam as vestimentas usadas pelo Oficial de Justiça durante as festividades. Para acompanhar o Bloco do Lençol, qualquer pano branco veste o folião mais descuidado; já, no Bloco do Barbosa, o uniforme de motorista de ônibus indica que o bloco está chegando. O Bloco do Caipira traduz em suas fantasias o modo de ser do povo da roça identificado com a camisa xadrez e o chapéu de palha. O Bloco Bico do Corvo, que finaliza o Carnaval, sai às 03h30 da manhã com suas fantasias de morte, desta forma, fazendo alusão ao término das festividades.



## FOLIÕES DE VÁRIOS BLOCOS

**Foto: Fabiana Amaral- Carnaval/2005**

<sup>133</sup> Olhar Capítulo 2 (item 2.3. Festas, Identidade Cultural e Patrimônio Arquitetônico)

<sup>134</sup> Maria Nazareth **FERREIRA**. *As festas populares na expansão do turismo: a experiência Italiana*. São Paulo: Arte&Ciência, 2001. pg.19.



**FOLIÕES DO BLOCO DO BARBOSA**



**FOLIÕES DO BLOCO DO CAIPIRA**

*Fotos: Fabiana Amaral - Carnaval/2005*

**pdfMachine** - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



FOLIÕES



FOLIÕES

**pdfMachine** - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Os blocos têm seus percursos definidos de acordo com a sua história, por exemplo: o Bloco Juca Teles sai da rua onde morava o Oficial de Justiça e percorre os lugares da cidade que este costumava freqüentar.

O Bloco do Barbosa sai da praça e termina na Santa Casa onde a epopéia acaba; a música relata a história de um motorista de ônibus que, ao levar os músicos para uma apresentação em São Paulo, derrapou numa curva perigosa.

O Bloco do Casarão, bloco não oficial, conta a história de um grupo de amigos que, durante um dos carnavais, invadiu o casarão do bar do seu Elias.



**BLOCO DO CASARÃO**

*Foto: Fabiana Amaral, Carnaval/2005*

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

A festa ganha vigor durante o percurso dos blocos, onde a magia das músicas, inspiradas nas lendas e mitos da cultura popular luziense, misturam-se com o patrimônio arquitetônico num movimento dialético entre o passado e o presente.



**PRACA DA MATRIZ – Carnaval/2005**

*Foto: Fabiana Amaral – Carnaval/2005*

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



*Foto: Fabiana Amaral – Carnaval/2005*

Os processos comunicacionais estabelecidos entre o patrimônio arquitetônico e o Carnaval são autenticados na vivência da festa, pois permitem ao folião ser mais que um mero expectador, tendo a possibilidade de ser protagonista. Assim como o patrimônio arquitetônico, que se movimenta, balança e se enfeita quando os blocos percorrem as ruas de São Luiz do Paraitinga, expressando, por meio da revisitação da história, a magia do povo luziense.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



*Foto: Fabiana Amaral – Carnaval/2005*

Ao relatar a experiência vivenciada durante o Carnaval demonstra-se também o movimento dialético existente entre a ideologia da festa e o patrimônio arquitetônico; porém, além deste relato, o questionário aplicado tanto à comunidade quanto aos turistas, possibilitou o entendimento de questões fundamentais ao indicar caminhos para as resistências das classes subalternas; os quais serão apontados mais adiante.

Considerando as referências espaciais relatadas pela comunidade foi possível mapear as espacialidades do patrimônio arquitetônico na realidade de São Luiz do Paraitinga.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Ao serem perguntados sobre o espaço de sua cidade com o qual mais se identificavam 98% das pessoas elegeram a Praça da Matriz.

### TABELA II – ESPACIALIDADE I - COMUNIDADE

| Qual espaço da sua cidade com o qual você mais se identifica? |              |                   |           |        |
|---|--------------|-------------------|-----------|--------|
| Praça Matriz  | A sua escola | Mercado Municipal | A sua rua | Outros |
| <b>98%</b>  |              |                   | <b>2%</b> |        |

| Por quê?                 |                    |                          |             |        |
|--------------------------|--------------------|--------------------------|-------------|--------|
| Lembro da minha infância | É onde eu trabalho | É onde eu gosto de ficar | Acho bonito | Outros |
| <b>43%</b>               |                    | <b>29%</b>               | <b>14%</b>  |        |

43% destes explicaram que lembravam de sua infância, seguidos de 29% que justificaram ser o local onde gostam de ficar e 14% que acham um lugar bonito. A Praça da Matriz, conforme relatado anteriormente, sofreu uma reforma no ano de 2003 em que árvores centenárias foram cortadas. Esta situação criou polêmica entre a comunidade e o poder oficial.



**Foto: Fabiana Amaral – Carnaval/2005**

A Praça da Matriz é o espaço de todos os acontecimentos, local das festas, onde as conversas do dia-a-dia acontecem, ou seja, espaço formador de espacialidade, no qual as memórias e os desejos encontram-se num movimento de troca de vivências.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Seguindo as discussões apontadas, anteriormente, sobre como a cidade vem perdendo o seu valor de uso para o valor de troca, Milton Santos fortalece esta afirmação ao indicar:

Em nossos dias, o conhecimento mercantilizou-se como tudo mais, e as idéias são “designed” antes de serem fabricadas; já não representam as coisas tal com existem; procuram criar uma nova existência pela fabricação de objetos dotados de uma finalidade submetida à lei de mercado<sup>135</sup>

Este é o caso do processo de revitalização do Pelourinho em Salvador, assim como de muitas outras localidades que possuem o seu patrimônio arquitetônico tombado. Neste caso, em função do turismo, os espaços são alterados e recriados devido às leis de mercado; perdem sua função de cena (movimento e vida) para a de cenário (estático e mercantilizado). Em São Luiz do Paraitinga está situação ainda não acontece, porém com o crescente processo do turismo cultural, a cidade já sofre algumas interferências desestabilizadoras como o aumento do número de turista, a falta de estrutura material e, principalmente, a ausência de um plano diretor mais incisivo sobre as questões de preservação e conscientização da história da localidade. O posicionamento da comunidade envolvida acerca deste processo, relatada no item 3.2 - A gestão do Patrimônio Arquitetônico de São Luiz do Paraitinga no âmbito das políticas do Turismo - foi retomado na análise do trabalho de campo.

---

<sup>135</sup> Milton **SANTOS**, *Pensando o espaço do homem*. 5 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2004. p. 37.

A reforma da Praça Matriz mobilizou na cidade uma discussão sobre seu processo de execução e dividiu as opiniões dos cidadãos.

Todos os entrevistados estavam a par da reforma da praça. 72% souberam antes de começar as obras e 28% durante as obras. Quando questionados sobre o que acharam: 57% concordaram contra 14% que discordaram e 29% que fizeram algumas ponderações.

### **TABELA III. CONSCIENTIZAÇÃO E GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO - COMUNIDADE**

| <b>Quando você ficou sabendo da reforma da praça?</b> |                  |
|---|------------------|
| Antes de começar as obras                             | Durante as obras |
| <b>72%</b>  | <b>28%</b>       |

| <b>O que você achou?</b> |            |            |
|--------------------------|------------|------------|
| Bom                      | Ruim       | outros     |
| <b>57%</b>               | <b>14%</b> | <b>29%</b> |

Observou-se que mesmo os que concordaram com a reforma, quando questionados a comparar entre a atual e a antiga, pontuaram a falta que sentiam das árvores:

Acho que poderia ser feito de outra forma; pode ser um ponto positivo para o turismo, mas sou contra os argumentos que falaram (...) de plantar em outro lugar, na verdade as árvores faziam parte da história da praça.<sup>136</sup>; ou ainda:

Não gostei, porque não tem onde sentar direito e tenho saudade das árvores.<sup>137</sup>

<sup>136</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

<sup>137</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

A análise destes depoimentos indica a existência das relações de paternalismo.<sup>138</sup> Ao cruzar as informações destas duas perguntas compreende-se que a realidade não pode ser descrita num movimento de causa e efeito, pois é perceptível que, por mais que o patrimônio arquitetônico represente as histórias e vivências da elite e do poder, são utilizados a todo tempo pelas classes subalternas nos seus processos comunicacionais. Contudo, as relações estabelecidas ainda configuram o quadro existente de paternalismo, demonstrando que a comunidade envolvida não possui claro o discernimento político e social necessário para a construção de um projeto histórico-cultural democrático.

Retomando as relações espaciais, foram inquiridos a opinar sobre o que vinha em 1º lugar na cabeça quando pensavam em São Luiz do Paraitinga: as festas e manifestações culturais estão em primeiro lugar com 76%, o casario colonial com 18% e 6% indicaram as cachoeiras.

#### **TABELA IV – ESPACIALIDADE II - COMUNIDADE**

| <b>Quando você pensa em São Luiz do Paraitinga, o que vem em primeiro lugar na sua cabeça?</b> |                    |               |              |          |                  |        |
|--|--------------------|---------------|--------------|----------|------------------|--------|
| As festas e manifestações culturais  | O casario colonial | As cachoeiras | O artesanato | A música | Família e amigos | Outros |
| 76%  | 18%                | 3%            |              | 3%       |                  |        |

<sup>138</sup> Este aspecto já foi analisado no decorrer da pesquisa, pontualmente no Capítulo 1 e no Capítulo 3 deste trabalho.

Posteriormente, quando perguntados se a cidade transforma-se durante as festas, 100% dos entrevistados concordam; como salienta um dos moradores da cidade:

Fica tudo mais bonito e colorido, pois a comunidade se enfeita e, enfeita também, as ruas e as fachadas.<sup>139</sup>

**TABELA V – ESPACIALIDADE III- COMUNIDADE**

| <b>Você acha que a cidade se transforma durante as festas?</b> |  |     |  |  |
|--|--|-----|--|--|
| Sim  |  | Não |  |  |
| <b>100%</b>  |  |     |  |  |

| <b>O que muda?</b>   |            |                    |            |        |
|----------------------|------------|--------------------|------------|--------|
| As pessoas da cidade | As ruas    | O casario colonial | A praça    | Outros |
| <b>6%</b>            | <b>15%</b> | <b>64%</b>         | <b>15%</b> |        |

Do total, 64% salientaram que a cidade muda porque fica enfeitada. Observou-se que a grande maioria associou a mudança da cidade à transformação do casario colonial. Este fato confirma a importância da espacialidade das culturas subalternas no seu cotidiano e nas suas festas, como lugar primordial para entender as questões dos patrimônios arquitetônicos como atores sociais. Desta forma, o patrimônio arquitetônico é protagonista da história da cidade, elemento dinâmico, atuante e vivo, presente em prédios privados e públicos, vias públicas, mobiliário, nas relações de trabalho, nas festas e costumes

<sup>139</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

da comunidade, na culinária, nos jogos, brincadeiras e todas as demais manifestações culturais.<sup>140</sup>

Este processo comunicacional estabelecido entre o indivíduo e o espaço é fortalecido por Santos quando afirma que:

(...) o espaço é a matéria trabalhada por excelência: a mais representativa dos objetivos da sociedade, pois acumula, no decurso do tempo, as marcas das práxis acumuladas.<sup>141</sup>

Foi apresentada à comunidade a afirmação de que São Luiz do Paraitinga é conhecida pela presença do casario colonial e pelas festividades (O Carnaval e a Festa do Divino), para depois indagar-lhe se vêem alguma ligação entre as festas e o casario colonial. Algumas das respostas foram analisadas, compondo referências importantes sobre os processos comunicacionais do patrimônio arquitetônico em diferentes aspectos dessa relação:

O casario faz parte, pois entra na História antiga da cidade e, não poderia ser realizada noutra lugar, pois mora no sangue no luziense.<sup>142</sup>

Neste depoimento pode-se averiguar a relação do patrimônio arquitetônico com o processo histórico de formação da identidade local, desta forma, fortalecendo sua importância para a identidade cultural histórica.

---

<sup>140</sup> Texto recolhido do Capítulo 1 deste trabalho. p. 20.

<sup>141</sup> Milton **SANTOS**, Op. Cit, p. 33.

<sup>142</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

Acho que o conjunto arquitetônico e as festas têm um contexto só, pois tudo acontece entre a praça e o casario e se mudasse de lugar perderia o brilho.<sup>143</sup>

Já esta afirmação reforça os processos comunicacionais do patrimônio arquitetônico, enquanto espaço de realização das manifestações culturais, confirmando o argumento central da pesquisa, que era o de compreender o patrimônio, inserido na perspectiva da comunicação das classes subalternas.

Com certeza a festa sem o casario não seria a mesma coisa e, o casario sem a festa também (..) não tem como separar”.<sup>144</sup>, ou ainda: “O encontro das congadas, as danças, o império e todo o barulho da festa fica num lugar só e você pode sentir isso num só momento.<sup>145</sup>

E por fim, estes dois posicionamentos confirmam as relações existentes entre os bens imateriais (as festas) e os bens materiais (o patrimônio arquitetônico), fortalecendo o processo dialético estabelecido.

As respostas fortalecem o argumento da existência dos processos comunicacionais entre o patrimônio arquitetônico e as festas, ao confirmar que as atuações no mesmo refletem-se, também, nas manifestações culturais, por meio da relação dialética que se estabelece entre eles.

---

<sup>143</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

<sup>144</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

<sup>145</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.



**PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO E O CARNAVAL**

*Fotos: Fabiana Amaral – Carnaval/2005*

Desta forma, ao adotar o termo cenário para o patrimônio arquitetônico, foi possível estabelecer a relação entre espaço e espacialidade, pois se o cenário é tratado enquanto espaço, ele é apenas uma ilustração histórica. Ao considerá-lo, no entanto, enquanto espacialidade, ele é parte integrante das cenas das pessoas tanto durante suas manifestações culturais, quanto nas suas práticas cotidianas.

Ao estabelecer esta relação em São Luiz do Paraitinga foi possível comprovar que o patrimônio tem movimento e dinamicidade e sem ele, o conteúdo da festa perderia o seu sentido.

Portanto, confirma-se a relação dialética estabelecida entre identidade, resistência e dependência cultural<sup>146</sup>, pois se o patrimônio arquitetônico de uma

---

<sup>146</sup> Maria Nazareth **FERREIRA**. *Globalização e Identidade Cultural na América Latina*. Op. Cit.

cidade é completamente descaracterizado, as culturas subalternas perdem seu espaço de manifestações e conflitos e, conseqüentemente, a possibilidade de sua resistência. Porém, cabe analisar o processo de gestão do patrimônio arquitetônico, pois o mais importante para o fortalecimento da identidade cultural está na postura consciente do cidadão enquanto gestor do seu próprio bem.

#### **4.1.2 São Luiz do Paraitinga e a fé no Divino**

Como no Carnaval, na festa do Divino foram analisados os seus três componentes: a sua preparação, a execução e a ideologia presente. A seguir apresentam-se, além do relato da sua história, a análise do trabalho de campo com a finalidade de apontar os seus processos comunicacionais.

A festa do Divino Espírito Santo realizada anualmente em São Luiz do Paraitinga é uma das maiores manifestações de religiosidade popular da região do Vale do Paraíba. Símbolo de resistência da cultura caipira vem apresentando modificações que preocupam os moradores e pessoas interessadas em preservar as tradições locais.

Os rituais da festa iniciam-se com a Folia do Divino que começa assim que acaba a festa anterior, com a função de arrecadar prendas para a próxima festa e agradecer as graças do Divino durante todo ano. A festa acontece durante uma semana - de sexta-feira até o domingo da semana seguinte.

#### 4.1.2.1 Antes da festa<sup>147</sup>

A Folia do Divino tem um papel muito importante para a realização da Festa do Divino. Durante muitos meses os foliões percorrem os bairros rurais de São Luís do Paraitinga e parte dos municípios de Cunha, Lagoinha, Natividade da Serra, Redenção da Serra e Taubaté. Sua função é arrecadar *prendas* (doações que financiarão a festa) e convidar o povo para os festejos.

Ao chegar a cada casa a Folia cumpre um pequeno ritual: a dona da casa recebe a bandeira, oferece as fitas que pendem do mastro para que todos os membros da família beijem e, enquanto os foliões cantam, o dono da casa oferece a prenda. É comum que a dona da casa leve a bandeira até à cozinha (para não faltar alimentos) e até o quarto do casal (para evitar as brigas). A bandeira abençoa a casa e a família. Depois, a mulher carrega a bandeira até a residência mais próxima, entregando-a a vizinha, que repete o mesmo ritual.

A bandeira do Divino é o centro das devoções da zona rural. Ali se colocam retratos de parentes como *ex-votos* de alguma graça alcançada. E durante a permanência numa casa, a bandeira (feita com pano vermelho, encimado por uma pomba prateada dentro de uma lapinha, na ponta do mastro) fica sempre num lugar de honra.

Nas casas onde a Folia pernoita, geralmente, têm festa. O proprietário convida os vizinhos e os compadres que moram mais longe. As crianças logo vão

---

<sup>147</sup> Este item foi elaborado a partir dos depoimentos concedidos a esta pesquisadora durante o trabalho de campo, além das referências teóricas que estão expressas no mesmo.

dormir (todas juntas, esparramadas pelas mesmas camas), as moças e rapazes se encontram e namoram, os homens “puxam uma prosa” no terreiro e as mulheres cuidam do trabalho do sabor, na cozinha. A comida, que é servida à vontade, geralmente é o Afogado, feita à base de carne de vaca.

A Folia do Divino, que é formada por quatro foliões, têm dois tocadores de viola (mestre e contramestre), caixa de percussão (contralto) e triângulo (típi). São antecidas pelo alferes, que carrega a bandeira (geralmente é o próprio festeiro) e seguidas pelo cargueiro encarregado de recolher as prendas.



**FOLIA DO DIVINO**

*Foto: Fabiana Amaral – Festa do Divino/2005*

A análise da Festa deveria ter sido iniciada com o acompanhamento da peregrinação da Folia do Divino, que geralmente começa no ano anterior logo

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

após o término da festa, porém na festa do ano de 2005 o ritual não aconteceu nos seus moldes originais. Houve alguns contratempos, de ordem política, entre a igreja e a comunidade local em geral. Desta forma, um mês antes das comemorações, um grupo de moradores se mobilizou e realizou a arrecadação das prendas para a preparação do afogado; porém vale salientar que os rituais foram prejudicados.

Judas Tadeu Campos em seus estudos sobre a *Festa do Divino Espírito Santo em São Luiz do Paraitinga*<sup>148</sup> relata que, segundo moradores, a última festa realizada com todas as tradições foi a de 1986, quando o festeiro foi o sitiante Luiz Mariano Rodrigues. Daí para cá diversos acontecimentos têm deixado as pessoas muito aborrecidas com a festa:

O êxodo rural de moradores, principalmente para outras cidades, determinou mudanças também no perfil dos que dão prendas para o financiamento da festa. Há cerca de 10 anos que a Folia do Divino percorre dezenas de casas também na zona urbana de Taubaté. São antigos moradores de São Luiz do Paraitinga que transferiram para aquela urbe as antigas devoções que mantinham nos seus bairros de origem. Inclusive a distribuição de alimentos. Só que lá de forma muito discreta, somente para os parentes próximos e os vizinhos mais chegados.<sup>149</sup>

O autor problematiza a alteração de outros rituais da festa através da interferência do poder local nas responsabilidades que cabiam a igreja e aos festeiros.

---

<sup>148</sup> Judas Tadeu **CAMPOS**. *Festa do Divino Espírito Santo em São Luiz do Paraitinga: decadência ou transição*. site:www.unitau.com.br

<sup>149</sup> Ibid., p. 23.

A cada ano a prefeitura assume funções que antes eram da responsabilidade do festeiro, como a montagem das barracas de leilão de prendas, do palco onde os artistas se apresentam, dos caminhões que transportam os apetrechos, da confecção do casal João Paulino e Maria Angu, do uniforme das companhias de Moçambique, do transporte dos grupos de congadas que vêm de outras cidades”.<sup>150</sup>

Conforme o autor, há cerca de cinco anos que a Casa da Festa é montada num espaço da Prefeitura destinado, em outra ocasião do ano, à exposição de gado e rodeio. Antes era um proprietário que cedia a casa ao festeiro. Nesse mesmo local é que a Cavalhada<sup>151</sup> se apresenta, em uma área relativamente pequena. A parte em que os cavaleiros se apresentavam durante as festas agora é alugada pela Prefeitura para parques de diversões.

---

<sup>150</sup> Ibid., p. 25.

<sup>151</sup> A Cavalhada teve origem nos torneios medievais, dos quais, tem, entre outras reminiscências, o uso de fitas como prêmio, que são oferecidas pelo ganhador a uma mulher ou outra pessoa que deseje homenagear. Em Portugal teve feição cívico-religiosa, envolvendo temas do período da Reconquista. Sua difusão no Brasil, registrada desde o século XVII, partiu do Nordeste e espalhou-se pelo resto do país. Em 1641, quando da aclamação de D. João IV, foram promovidas várias cavalhadas como parte dos festejos oficiais. Ainda é um folgado vivo em vários pontos do Brasil e em São Luiz do Paraitinga a cavalhada é realizada durante a festa do Divino e representa o auto de cristãos e mouros. As "Cavalhadas entre Cristãos e Mouros" desenvolvem uma temática em torno de lutas simuladas de Carlos Magno e seus cavaleiros (os doze Pares de França) enviados para combater os Mouros na Península Ibérica. São representadas durante três dias, depois da procissão do Domingo, na parte da tarde, e que sempre termina com a vitória dos cristãos.



**CAVALHADA - Festa do Divino**

**Foto: Fabiana Amaral – Festa do Divino/2005**

A Prefeitura cuida também de contratar cantores, conjuntos e duplas que se apresentam nas noites do período da festa. Quase todos são artistas de música brega. A música feita por compositores locais ou da região ou ainda a música sertaneja *de raiz* são solenemente ignoradas. Numa das últimas festas o festeiro teve o patrocínio da *Antártica*, que encheu a praça com luminosos de seus produtos. Parecia rodeio americano. Um grande desrespeito não só às tradições locais, mas até à legislação que proíbe esse tipo de poluição visual, numa área tombada pela importância do sítio arquitetônico ali existente.<sup>152</sup>

<sup>152</sup>Judas Tadeu **CAMPOS**. Op. Cit, p. 25.

As alterações nos rituais e nos símbolos da festa comprometem as referências das manifestações culturais subalternas, deixando a grande dúvida colocada pelo autor:

A impressão que fica é que a Festa do Divino está cada vez mais estatizada. Isso leva a um outro questionamento: até que ponto uma promoção feita pelo poder público - portanto, coercitivo- pode ser considerada uma tradição?<sup>153</sup>

Este questionamento também esteve presente nas discussões científicas do Celacc<sup>154</sup>; ao problematizar a quem caberia a legitimidade de gerir projetos e programas sobre as culturas subalternas. Num primeiro momento os pesquisadores do Celacc não encontraram caminhos democráticos e populares na realidade brasileira, pois as possibilidades existentes (gestores oficiais, as ONGs ou os partidos progressistas) indicavam que haveria sempre um nível superior de poder a determinar, de cima para baixo, a organização das culturas subalternas; porém a experiência histórica italiana da Pro Loco<sup>155</sup> trouxe outras perspectivas para questão, ao apontar possibilidades democráticas de gestão.

#### 4.1.2.2 A festa

A Festa do Divino em São Luiz do Paraitinga começa sempre numa sexta-feira, com uma novena, realizada na Igreja Matriz. Ali são bentas as bandeiras dos

<sup>153</sup> Ibid., p. 27.

<sup>154</sup> Celacc- Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação – ECA-USP. Projeto: “Identidade Cultural e Cidadania: O potencial das cidades históricas para o Turismo” Relatório apresentado para FAPESP e para o CNPq em 2002.

<sup>155</sup> A realidade da Pro Loco já foi apresentada em outro momento desta pesquisa; para o entendimento recorrer ao capítulo 2 (item 2.3. Festas, Identidade Cultural e Patrimônio Arquitetônico)

fiéis, que desfilarão pelas ruas nas cerca de 20 procissões realizadas nos 10 dias da festa.

O trabalho de campo foi realizado nos dois finais de semana da festa. (07 e 08 de maio e 14 e 15 de maio do ano de 2005).

No sábado começam as festividades de religiosidade popular. A primeira delas é a Procissão do Encontro das Bandeiras. Ali as bandeiras das festas anteriores se encontram com a dos festeiros do ano. Essa é a bandeira que durante quase um ano percorreu os bairro da zona rural pedindo as prendas para financiar a festa.

A procissão das bandeiras termina no *Império*, uma sala muito enfeitada, geralmente na praça da Matriz, onde predomina a cor vermelha (a cor do Divino). Ali ficarão as bandeiras, o cetro e a coroa, símbolos do império do Divino, que nesses dias domina (em todos os sentidos) a cidade. É um local de grande devoção popular.



**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## IMPÉRIO



**Fotos: Fabiana Amaral – Festa do Divino/2005**

A novena prossegue com rezas ou missas, sempre celebradas às 19 horas. Antes das rezas as bandeiras são levadas em procissão do Império para a Igreja Matriz. Após a celebração litúrgica é realizado o caminho inverso, cada dia seguindo um percurso diferente. As procissões são acompanhadas pela banda de música, pela Folia do Divino e por dezenas de pessoas que levam bandeiras em sinal de devoção e pagamento de promessas por graças alcançadas.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA



**PROCISSÃO DAS BANDEIRAS**



**Fotos: Fabiana Amaral – Festa do Divino/2005**

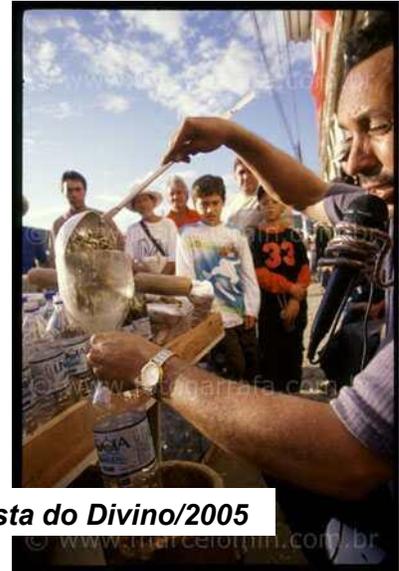
**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Durante os dias da novena, a parte conhecida como *profana* (fora do recinto e do domínio da Igreja), se concentra na Casa da Festa, local onde ficam as prendas e, onde a maioria dos moradores da cidade (inclusive autoridades e políticos) vão almoçar a “comida do Divino” – O Afogado.

### AFOGADO



Fotos: Fabiana Amaral – Festa do Divino/2005

O dia principal da festa é conhecido como **Grande Dia**.

A cidade é despertada, por volta das 6 horas, com o toque da alvorada, pela banda de música e pelo batuque da congada. As missas e apresentações das manifestações culturais subalternas se revezam. Congadas, Moçambiques, Pau-de-Sebo, o casal de bonecões João Paulino e Maria Angu, Cavalhada, distribuição de doces para o povo e brincadeiras para as crianças, como as Corridas de Ovo e Corrida de Saco. Um dos pontos altos é a distribuição do

**pdfMachine** - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Afogado. Para prepará-lo são abatidas de 15 a 20 vacas, distribuídas na forma de comida para o povo<sup>156</sup>.



**PAU-DE SEBO**



**MOCAMBIQUE**

**Fotos: Fabiana Amaral – Festa do Divino/2005**

O último ato paralitúrgico da festa é a Procissão do Divino. Um cortejo composto com andores artisticamente confeccionados percorre as ruas da cidade ladeado por irmandades e associações religiosas uniformizadas. O sacerdote carrega o *santo lenho* sob o Pálio<sup>157</sup>, sustentado pelos Irmãos do Santíssimo (Irmandade existente em São Luiz desde 1805). No final da procissão, durante a

<sup>156</sup> Judas Tadeu **CAMPOS**. Op cit. "(...) conta que no século XVI, em Portugal, eram distribuídos pão e carne para a população e que essa tradição teria origem nos costumes romanos do *panis gradilis*, trasladados para a Península Ibérica e nela conservado através dos séculos". p. 23.

<sup>157</sup> O Pálio é um estandarte e possui um valor puramente simbólico, é o emblema da vitória

missa de encerramento, o vigário anuncia o nome do festeiro, pessoa que promoverá a festa no próximo ano.

À noite, enquanto milhares de pessoas buscam suas conduções para voltar para as roças ou cidades vizinhas, outras tantas ficam na praça, na barraca do leilão de prendas ou caminhando em volta do jardim. É na festa do Divino, em torno dessa praça, que muitos namoros (e casamentos) começam. O povo só considera a festa terminada com a queima de fogos de artifício, por volta das 11 horas da noite.<sup>158</sup>



**IRMÃOS DO SANTÍSSIMO NO IMPÉRIO**

**Foto: Fabiana Amaral- Festa do Divino/2005**

Ao vivenciar os rituais da festa do Divino, mesmo quem não é católico se emociona com a imensa devoção das pessoas que participam da festa. A fé é

<sup>158</sup> Judas Tadeu **CAMPOS**. Op cit , p. 32.

contagante e é durante as procissões pelo centro histórico que os cantos de prece, a iluminação das velas e a exuberância da cor vermelha trazem o passado histórico de volta, confirmando a existência do movimento dialético existente entre a ideologia da festa e o patrimônio arquitetônico. A festa possui também um sincretismo religioso muito interessante, em que os rituais profanos se misturam a todo tempo com as referências da igreja católica. Como no Carnaval, o cidadão não é um mero expectador e sim protagonista de todo o acontecimento. Das crianças aos idosos todos se identificam com ideologia da festa presente tanto na fé quanto nas indumentárias utilizadas.

Ali tudo se festeja, objetivamente tudo. E esta é uma primeira notável diferença entre a herança de nossas festas de rua e a das culturas americanas de origem anglo-saxã. Decora-se a rua, vai-se a ela por um casto temor do homem diante da divindade; pelo rito coletivo que torne público o desejo, mas também a efusiva alegria de sentir-se salvo e até santo livre com a festa da poeira do pecado.<sup>159</sup>

Mais uma vez a Praça da Matriz é o palco de todos os acontecimentos e o patrimônio arquitetônico deixa de ser cenário para tornar-se cena em que as cores, a música e as danças, num sincretismo, produzem os processos comunicacionais entre o patrimônio arquitetônico e as manifestações das culturas subalternas. Este fato pode ser comprovado nas palavras de alguns moradores da cidade:

---

<sup>159</sup> Ibid., p. 35.

Impossível, teríamos que deslocar a igreja deste espaço.<sup>160</sup>

Ou ainda;

A igreja matriz assim como o casario naquele período antigo das festas do divino era e, ainda é, referência simbólica da festa (...) não poderia ser em outro lugar há mais de 150 anos que a festa acontece neste espaço.<sup>161</sup>



### FIÉIS – IGREJA MATRIZ

*Foto: Fabiana Amaral – Festa do Divino/2005*

---

<sup>160</sup> Depoimento concedido em 11 de março de 2005.

<sup>161</sup> Depoimento concedido em 11 de março de 2005.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

## 4.2 Ação Participativa

Ao analisar o entendimento da comunidade sobre as ações do turismo massificador em sua cidade, buscou-se compreender os diferentes graus de hegemonia que se estabelecem no processo emissor (turismo massificador) e receptor (comunidade). No trabalho de campo foi possível estabelecer essas relações na análise de três vertentes: a primeira é a questão da reforma da praça (analisada anteriormente tanto, no item 3.2 – A gestão do Patrimônio Arquitetônico de São Luis do Paraitinga no âmbito das políticas públicas do Turismo - do terceiro capítulo quanto no item 4.1- Patrimônio Arquitetônico no processo comunicacional das manifestações culturais subalternas - deste capítulo), a outra é o título de estância turística; a última é sobre a quem cabe a responsabilidade de gestão do patrimônio cultural da cidade. A articulação entre essas três vertentes pôde contribuir em dois aspectos: o primeiro consistiu na possibilidade de esclarecer para a comunidade que o patrimônio arquitetônico é parte integrante de sua identidade cultural tanto quanto têm sido os referenciais simbólicos espacializados em suas festas. O segundo é contribuir para as políticas públicas que interferem direta ou indiretamente na questão do patrimônio arquitetônico, ao propor-lhes ações que contemplem a participação da coletividade nesse processo.

Ao serem questionados se estavam sabendo que São Luiz do Paraitinga recebeu o título de estância turística, 86% estavam sabendo, porém 14% não tinham conhecimento. Este dado demonstra que a maioria tinha conhecimento da questão.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

### TABELA VI - CONSCIENTIZAÇÃO TURISMO I- COMUNIDADE

| Você ficou sabendo que São Luiz do Paraitinga recebeu o título de estância turística? |            |
|---|------------|
| Sim   | Não        |
| <b>86%</b>  | <b>14%</b> |

Ao responderem o que, no seu entendimento, representou o título de estância turística para a cidade, mais uma vez, 86% das pessoas concordaram contra os 14% que ponderaram sobre o título de estância turística da cidade.

| O que, no seu entendimento, representou o título de estância turística para a cidade? |      |            |
|---|------|------------|
| Bom   | Ruim | Outros     |
| <b>86%</b>  |      | <b>14%</b> |

Destes 86%, a maioria dos depoimentos relacionou a possibilidade de mais verbas para o turismo e o aumento de turistas, como fatores positivos para a cidade:

Valoriza mais a cidade e traz mais turistas, mais dinheiro e mais emprego.<sup>162</sup>

Os demais (14%), entretanto ponderaram sobre a questão do turismo massificador e a necessidade de medidas que previnam a destruição física e cultural da cidade.

Bom porque a cidade ficou diferenciada das outras e trouxe mais verba, mas a grande maioria da população é excluída não tem acesso a esses investimentos.<sup>163</sup>

<sup>162</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

Ou ainda;

O título traz destaque pra a cidade, mas a Prefeitura não podia divulgar tanto o carnaval sem ter estrutura física para suportar o mundaréu de pessoas que estiveram aqui durante a festa.<sup>164</sup>

Foram apresentadas três opções para saber o que pensavam sobre a quem caberia a responsabilidade na gestão do turismo; as opções eram: o cidadão, o turista e o poder oficial.

#### TABELA VII - CONSCIENTIZAÇÃO TURISMO II- COMUNIDADE

| Na sua opinião quem é o responsável pela gestão do turismo em São Luiz do Paraitinga? |           |                 |
|---|-----------|-----------------|
| O cidadão   | O turista | O poder oficial |
| <b>10%</b>  | <b>4%</b> | <b>86%</b>      |

A maioria (86%) apontou o poder público local como o grande responsável pela gestão. Afirmou que a obrigação tanto de cuidar quanto de fiscalizar o bem público é exclusiva do poder público local (Prefeitura), pois são os detentores das ferramentas para breca a destruição da cidade com o turismo.

Os cidadãos que problematizaram, fazem parte de uma parcela mais intelectualizada politicamente da cidade, na qual, muitos são, de alguma forma, “agentes culturais” envolvidos com os problemas e a busca por soluções e possibilidades positivas para a cidade. Porém, a maioria não possui essa consciência política perante a sua realidade, mas inconscientemente se identifica

<sup>163</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

<sup>164</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

com o que é seu e, quando as situações se mostram limítrofes, tomam uma posição de defesa. Falta uma maior mobilização e conhecimento por parte da comunidade de que esta situação só irá mudar quando eles próprios tomarem a consciência de que são os gestores por dever e direito.

Esses dados compravam as premissas discutidas em outra pesquisa citada anteriormente<sup>165</sup>, em que esta dificuldade fundamenta-se nas condições de existência das camadas subalternas da sociedade brasileira (despolitização, ausência de prática de cidadania), o que não permite a visualização de sua história e as possibilidades de uma ação com vistas ao futuro.

(...) esta impossibilidade de atuação consciente das comunidades, é o resultado da herança populista na sociedade brasileira, expressada na forma como as camadas populares esperam ações paternalistas dos políticos e, principalmente, no próprio exercício do poder pelas autoridades locais, pontualizada pelo conflito de interesses entre o público e privado e entre os interesses coletivos (a comunidade) e individuais.<sup>166</sup>

#### **TABELA VIII - CONSCIENTIZAÇÃO CULTURAL - COMUNIDADE**

| <b>O que você acha que o Carnaval representa para São Luiz do Paraitinga?</b> |             |               |
|---|-------------|---------------|
| <b>Bom</b>  | <b>Ruim</b> | <b>Outros</b> |
| <b>70%</b>  |             | <b>30%</b>    |

<sup>165</sup> Celacc- Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação – ECA-USP. Projeto: “Identidade Cultural e Cidadania: O potencial das cidades históricas para o Turismo” Relatório apresentado para FAPESP e para o CNPq em 2002.

<sup>166</sup>Ibid., p. 06.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

Essa mesma problemática foi colocada a respeito de cada festa e quando perguntados se o Carnaval é bom para a cidade mais de 70% disseram que sim contra 30% que fizeram algumas ponderações:

Porque melhora a renda do povo em geral e gera emprego mais é ruim pela falta de infra-estrutura.<sup>167</sup> Ou ainda;

Para o comércio sim é lucro, mas para o povo, mais acomodado, não, porque tem sua rotina violentamente alterada.<sup>168</sup>

E, quando indagada sobre a Festa do Divino, a maioria afirmou que é bom para a cidade, porém os depoimentos, diferentemente dos concedidos sobre o Carnaval, deram ênfase à ideologia da festa, à importância da religiosidade, não dispensando maiores preocupações com a estrutura física da festa. Estes resultados explicam-se pelo fato de que o turismo, na Festa do Divino, ainda que responsáveis pela alteração dos ritos e mitos, não interferiu negativamente na estrutura material da festa. Desta forma, ficou evidente que a fé é o fator predominante das relações. Nos depoimentos a seguir podem-se observar suas diferentes utilizações:

A cultura de um povo seja ela qual for, católica ou espírita, tem que ser cultivada (...) não pode acabar e, as culturas da festa do Divino estão acabando.<sup>169</sup>

---

<sup>167</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

<sup>168</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

<sup>169</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

Neste depoimento observa-se a relação entre a religiosidade e a cultura local, ao indicar os processos comunicacionais que utilizam a fé como elemento de identidade e força das culturas subalternas.

A Festa do Divino movimenta muitos turistas sendo bom para o comércio e para a cidade.<sup>170</sup>

Noutro momento a fé está presente também como fator de desenvolvimento do turismo, demonstrando mais uma de suas utilizações.

Eu gosto muito da parte religiosa, pois são muitas pessoas pedindo com fé ao mesmo tempo.<sup>171</sup> Ou ainda;

“Eu acho importante se formos voltar atrás na época antiga, era a hora que o povo podia manifestar sua crença; sua fé”.<sup>172</sup>

E, por fim, a fé é considerada como referência histórica da cidade, fortalecendo a sua identidade como uma releitura; trazendo as experiências daquela época para a realidade do presente.

#### 4.3 O Carnaval e a Festa do Divino: diferenças e similitudes.

Foram analisadas as diferenças e similitudes das duas festividades, a partir da análise dos questionários aplicados à comunidade e da vivência desta pesquisadora durante o trabalho de campo.

---

<sup>170</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

<sup>171</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

<sup>172</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

Quando indagados sobre qual o tipo de envolvimento possuem com as festas: no caso do Carnaval 78% começam a participar da festa num período mais próximo – durante o Festival das Marchinhas - ; na Festa do Divino a participação maior (82%) inicia-se em junho e julho quando acontecem os eventos da arrecadação de prendas para a realização da festa, como o processo da Folia do Divino (43%) e a realização dos Bingos (39). Este resultado confirma o argumento de que fazer festa é mais completo do que a simples participação

Nas duas festas, tanto no Carnaval (12%) como na Festa do Divino (16%), é pequeno o número de pessoas que começam a se envolver com a festa apenas no dia principal.

Um número ainda menor de pessoas já começa a participar da festa logo no final da anterior; Carnaval (10%) Festa do Divino (2%), configurando as pessoas que possuem um envolvimento direto com a organização das mesmas.

#### **TABELA IX – GRAU DE PARTICIPAÇÃO NAS FESTAS - COMUNIDADE**

**Desde quando você começa a participar da festa?**

| <i>Carnaval</i>                        |                 |                                  |                 |
|--|-----------------|----------------------------------|-----------------|
| Desde de quando acaba a festa anterior | No final do ano | Durante o festival de marchinhas | Durante a festa |
| <b>10%</b>                             |                 | <b>78%</b>                       | <b>12%</b>      |

| <i>Festa do Divino</i>                 |                       |                   |                 |
|--|-----------------------|-------------------|-----------------|
| Desde de quando acaba a festa anterior | Com a Folia do Divino | Durante os Bingos | Durante a festa |
| <b>2%</b>                              | <b>43%</b>            | <b>39%</b>        | <b>16%</b>      |

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Quando argüidos sobre o que o Carnaval de Marchinhas representa para ele e para cidade, percebe-se - nos depoimentos - a função da festa como elemento de fortalecimento da identidade cultural da cidade:

O carnaval daqui adquiriu uma identidade cultural única só vista aqui<sup>173</sup> Ou ainda;

Acho muito importante, pois é original da nossa cidade e história.<sup>174</sup>

Os depoimentos abaixo relacionam os ritos da festa, a música, a fantasia, as marchinhas, como elementos responsáveis pela garantia da identidade cultural local, configurando uma festa única diferente de todas as existentes em outras localidades:

Por tudo, a fantasia, a música, as pessoas, pela identificação cultural.<sup>175</sup> Ou ainda;

Por ser apenas marchinhas garante a identidade cultural luziense.<sup>176</sup>

Em relação à Festa do Divino foram inquiridos a responder se esta festa está presente na sua história de vida. As respostas fortalecem o argumento anterior de que, neste caso, a ideologia da festa - a fé - configura o principal objetivo de envolvimento:

---

<sup>173</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

<sup>174</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005.

<sup>175</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005

<sup>176</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005

O povo todo daqui crê muito no Divino e aí ele acaba fazendo parte da nossa vida desde de pequena.<sup>177</sup> Ou ainda;

Estimula a fé do povo pra tirar força pra vencer o dia a dia.<sup>178</sup>

Portanto, as similitudes são identificadas pelo total envolvimento com a festa desde a sua preparação, tanto no caso do Carnaval quanto na realidade da Festa do Divino e as diferenças são identificadas na ideologia presente em cada uma: o Carnaval – o profano - e a Festa do Divino - o religioso.

Ficou claro na análise da Festa do Divino que, para a comunidade como um todo, a religiosidade é de fato o motor da festa. Isso não significa que no Carnaval não haja envolvimento da comunidade, apenas a ideologia presente é outra: da fuga.e da transgressão. Estabelecem até uma relação interessante: brinca-se no Carnaval - quando tudo pode - e na Festa do Divino agradecem as graças do ano e desculpam-se pelos pecados do Carnaval. Essa distinção não é clara, justamente porque o profano e o religioso estabelecem uma relação dialética o tempo todo durante as manifestações culturais do povo luziense, provavelmente não identificados por ele.

De fato, o tempo festivo se coloca, com respeito ao tempo ordinário ou cotidiano, como seu complemento dialético, como o ser em relação ao fazer – eu sou (a materialidade do ser, a força de sua existência social) – e, na festa religiosa, como o sagrado em relação ao profano. Como aponta Ferreira na análise das festas italianas:

---

<sup>177</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005

<sup>178</sup> Depoimento concedido em 10 de março de 2005

Fazer festa significa colocar-se diante do espelho, procurando a si mesmo e a sua identidade; é buscar reencontrar as garantias histórico-culturais, reafirmando-as na força da representação, no ato comunicativo e comunitário. Esta ação de resgatar a própria identidade é fundamental para encontrar-se a si mesmo e recuperar um equilíbrio que pode estar ameaçado. Este resgate, entretanto, é um ato conflitivo, porque significa incorporar novos valores àqueles tradicionais.<sup>179</sup>

O argumento principal deste trabalho – os processos comunicacionais do patrimônio arquitetônico - também encontra respostas nestas questões, demonstrado no envolvimento das duas festas com o patrimônio arquitetônico; entretanto as diferenças são de ordem estética e de rituais. Na Festa do Divino, os casarões têm uma comunicação com a festa que remete diretamente ao passado e as referências histórias da mesma e da população.

Já no carnaval, o patrimônio arquitetônico é cena e, ator ao mesmo tempo, sendo os casarios mais um dos foliões da festa, pois a sensação é de que as casas se fantasiam e entram no embalo das marchinhas. Não que na Festa do Divino esta relação não se estabeleça, pelo contrário, mais do que no Carnaval, os casarios remetem ao passado colonial, onde estas tradições possuíam força e respeito. Em ambas as festas estas relações para a comunidade não estão claras, mas povoam o seu imaginário quando no momento da festa, revestidos de suas indumentárias físicas e imaginárias, fazem os percursos pelas ruas da cidade.

Tanto no Carnaval quanto na festa do Divino os percursos existem, pois os ritos e mitos das duas se utilizam e se relacionam com o seu patrimônio

---

<sup>179</sup> Maria Nazareth **FERREIRA**. *As festas populares na expansão do turismo: a experiência Italiana*. Op. cit, p. 19

arquitetônico de forma dialética. No Carnaval, os blocos utilizam-se do patrimônio arquitetônico como referências às suas histórias, como já foi analisado anteriormente; e na Festa do Divino, as procissões das bandeiras percorrem um caminho diferente a cada dia; porém tanto numa, como na outra, a praça é o ponto de partida e chegada.

A possibilidade de compreender o patrimônio arquitetônico a partir dos processos comunicacionais estabelecidos durante as festas, comprovou a sua função de comunicador de vivências e de ideais da comunidade envolvida nas suas buscas cotidianas, sendo o espaço formador de uma possível transformação social.



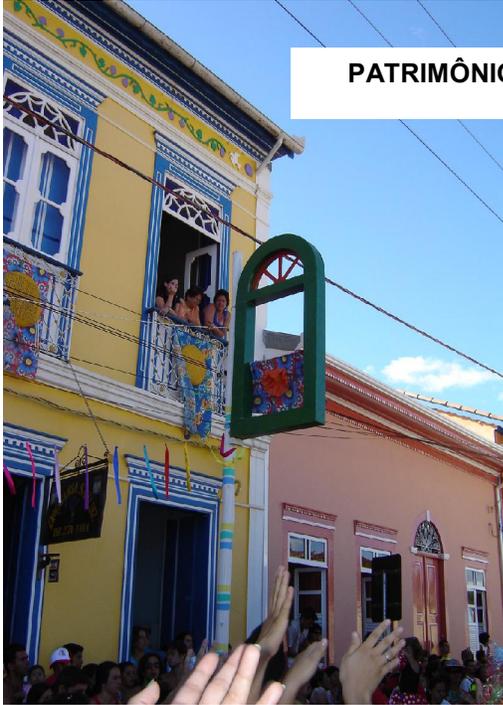
*Fotos: Fabiana Amaral – Festa do Divino/2005*

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

**PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO – CARNAVAL**



**Fotos: Fabiana Amaral – Carnaval/2005**

O fato de compreender o patrimônio arquitetônico a partir da visão da Teoria da Comunicação das classes subalternas e, especificamente, na análise da festa como objeto de estudo, tornou possível o entendimento do mesmo. Considerando que a festa traz para o indivíduo a possibilidade de, ao reviver um passado remoto, encontrar forças para viver no presente as buscas e sonhos do futuro; e considerando ainda que, o que na cotidianidade é fragmentado, neste momento encontra a unidade.

Este fato fortalece o argumento de que durante o processo festivo o patrimônio arquitetônico, por ser o espaço de sua realização, é visto pelo indivíduo

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

na sua totalidade, como elemento aglutinador, diferentemente do cotidiano quando o indivíduo não possui a percepção do patrimônio arquitetônico, configurando os quadros de ausência de conscientização de seu patrimônio cultural.

A análise de Ferreira sobre as festas italianas fortalece esta análise contribuindo para a questão do patrimônio arquitetônico na atualidade:

(...) é necessário salientar que a festa estabelece uma relação complexa com a realidade; não é uma simples reprodução ou inversão de sentido; a festa recolhe experiências que normalmente são vivenciadas em separado, e acrescenta sentido àquilo que no cotidiano é percebido como descontinuidade.<sup>180</sup>

Portanto, configura-se como importante análise na discussão do patrimônio cultural/arquitetônico, para refletir positivamente nas ações dos órgãos responsáveis, mas principalmente para as comunidades envolvidas que através do conhecimento de sua própria história podem transformar, transgredir na busca de um projeto histórico cultural democrático. Entender o patrimônio arquitetônico como elemento de identidade histórica traz a possibilidade de compreensão das classes subalternas sobre uma realidade adversa que sempre buscou aniquilar suas raízes por meio de processos de destruição da memória histórica.

---

<sup>180</sup>Ibid., p. 09.

#### 4.4 Os turistas e suas “impressões”

Buscando compreender junto à comunidade local a forma como estão percebendo as ocorrências de revitalizações e intervenções no patrimônio arquitetônico para, assim, examinar o nível/grau de conscientização do cidadão sobre sua responsabilidade na fiscalização das gestões oficiais sobre o patrimônio arquitetônico, uma das questões colocadas foi como achavam que a sua cidade era conhecida lá fora; 62% dos entrevistados indicaram as festas e as manifestações culturais, seguidos de 28% que garantiram que a música é a grande incentivadora para o turismo e, 20% que acreditam que o casario colonial é o cartão postal da cidade. Durante o trabalho de campo pode-se comprovar que estas três vertentes estão inter-relacionadas, não podendo ser vivenciadas em separado.

A mesma pergunta foi realizada aos turistas e o resultado foi o mesmo, porém com algumas diferenças de porcentagem de uma para outra, como aponta o quadro a seguir:

**TABELA X – ESPACIALIDADE - TURISTAS**

| Quando você pensa em São Luiz do Paraitinga o que vem em primeiro lugar na sua memória? |                    |            |               |              |            |            |
|---|--------------------|------------|---------------|--------------|------------|------------|
|   | O casario colonial | As festas  | As cachoeiras | O artesanato | A música   | outros     |
| <b>Carnaval</b>   | <b>20%</b>         | <b>47%</b> |               |              | <b>33%</b> |            |
| <b>Festa do Divino</b>  | <b>27%</b>         | <b>45%</b> |               |              |            | <b>28%</b> |

Fazendo o cruzamento de dados, observa-se que a maioria, tanto durante o Carnaval (47%), como na Festa do Divino (45%), indicou as festas como a principal característica da cidade. Ainda que no Carnaval a música esteja a frente do casario colonial e na Festa do Divino a música não seja comentada, há uma grande porcentagem de entrevistados (28%) que indicou outras referências que não constavam do questionário. Desses, para 28% a fé foi a grande responsável pela imagem que possuem da cidade.

Este resultado das festas como a principal referência que os turistas possuem da cidade indica que a cidade pode desenvolver o turismo cultural no consumo das festas, pois estas, se organizadas dentro das premissas de um turismo emancipador, podem garantir para a comunidade vantagens econômicas, assim como oferecer mais empregos e por fim crescimento para a cidade. O Carnaval e a Festa do Divino são as festas mais conhecidas, porém a cidade possui outras festas durante o ano todo, tais como a Festa do Saci, o Festival de Inverno, a Festa do Rosário, as quais são responsáveis pela garantia de realização da atividade turística, não apenas em períodos sazonais; desta forma, há fortalecimento do turismo como fonte de vantagens econômicas para cidade.

Outro resultado desta questão apontou para a diferença do tipo de turista que frequenta as festas. Na Festa do Divino a maioria dos turistas vêm atraídos pela religiosidade e no Carnaval pelas festas e manifestações culturais. Este perfil retrata a ideologia presente em cada festa e, pode ser confirmado por outros dados como a forma de divulgação e a hospedagem.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Respondendo a pergunta: Você ficou sabendo da festa por qual divulgação? Obteve-se o seguinte quadro:

**TABELA XI – DIVULGAÇÃO - TURISTAS**

| <b>Você ficou sabendo da festa por qual divulgação?</b> |            |          |                  |            |        |
|---|------------|----------|------------------|------------|--------|
|   | Televisão  | internet | Guias turísticos | amigos     | Outros |
| <b>Carnaval</b>   | <b>14%</b> |          | <b>13%</b>       | <b>73%</b> |        |
| <b>Festa do Divino</b>                                  | <b>6%</b>  |          |                  | <b>94%</b> |        |

Analisando este quadro pode-se constatar que o Carnaval teve uma maior divulgação pela imprensa, porém as relações pessoais ainda são as responsáveis pela divulgação da cidade, indicando que o turismo que se tem desenvolvido na cidade é um turismo de caráter interno. Este fato contribui para uma melhor preservação da cidade, a partir do momento que não participam do circuito do turismo massificador. Entretanto, neste ano o Carnaval teve uma divulgação extensa, até em jornais de grande circulação, o que aumentou a procura por pessoas que não são da região de São Paulo. A divulgação da festa é necessária, porém quando possui a infra-estrutura física adequada e, principalmente, a consciência de que o turismo massificador é desestabilizador das identidades culturais.

Respondendo a pergunta: Quando vem para cá onde fica hospedado? Obteve-se o seguinte quadro:

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

**TABELA XII – HOSPEDAGEM - TURISTAS**

| Quando vem para cá onde fica hospedado? |                  |                            |             |        |                            |
|---|------------------|----------------------------|-------------|--------|----------------------------|
|   | Pousada e hotéis | Casas de amigos e parentes | Alugo casas | acampo | Passo apenas o dia e volto |
| <b>Carnaval</b>                         | <b>40%</b>       | <b>24%</b>                 | <b>23%</b>  |        | <b>26%</b>                 |
| <b>Festa do Divino</b>                  | <b>8%</b>        | <b>10%</b>                 |             |        | <b>82%</b>                 |

No Carnaval a maioria dos turistas hospeda-se em pousadas e casas de amigos; já, no Divino o turista na sua maioria passa apenas o dia principal, voltando em seguida. Este resultado explica-se pelo fato de que no Carnaval a festa concentra-se em quatro dias corridos, desta forma, o turista é induzido a ficar e participar; entretanto, uma parcela de turistas (26%), que vêm de cidades próximas, passa apenas o dia e volta. Na Festa do Divino é diferente porque os rituais mais significativos acontecem no primeiro e no último final de semana da festa caracterizando o resultado apresentado: 82% passam apenas o dia principal e retornam.

Respondendo a pergunta: Desde quando você vem para São Luiz do Paraitinga? Obteve-se o seguinte quadro:

**TABELA XIII – GRAU DE PARTICIPAÇÃO NAS FESTAS - TURISTAS**

| Desde de quando você vem para São Luiz do Paraitinga? |              |             |                    |
|---|--------------|-------------|--------------------|
|   | Primeira vez | Segunda vez | Mais de três vezes |
| <b>Carnaval</b>                                       | <b>26%</b>   | <b>20%</b>  | <b>54%</b>         |
| <b>Festa do Divino</b>                                | <b>7%</b>    | <b>17%</b>  | <b>76%</b>         |

Tanto no Carnaval quanto no Divino os turistas já vieram mais de três vezes e, quando perguntados se indicariam a cidade para outras pessoas, 100%

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

disseram que sim. Isso demonstra, como aponta Ferreira<sup>181</sup>, que no turismo interno as pessoas voltam sempre, pois como constatado nos depoimentos, a cada ano é diferente por mais que as festas mantenham os mesmos rituais. Por exemplo: no caso do Carnaval, as músicas dos blocos são as mesmas tocadas em todos os anos, porém a festa tem o poder de transformação e, a cada ano, as relações são outras. Neste sentido, as pessoas apreciam cada vez mais, a partir do momento que vão se engajando no movimento dos blocos. Elas não sabem explicar o porquê, mas comparecem todos os anos:

Não sei explicar é igual, mas na hora é outra coisa (...) não sei pode até tocar as mesmas musicas mas cada ano é diferente do outro.<sup>182</sup>

Esta situação se configura não apenas pela festa em si, mas principalmente pela possibilidade da convivência, implicando numa espécie de consumo generalizado de todas as nuances desta cotidianidade (a culinária, o artesanato, o estar no espaço de realização da festa etc). E isso é importante porque se a festa é o lugar de realização de desejos e de contestação, esta transgressão se configura no momento que o indivíduo deixar a realidade para viver num tempo de fantasia, num tempo mágico, irreal, escapa de sua cotidianidade para superar as durezas da mesma. O uso de fantasia durante o Carnaval, por exemplo, é a aparência externa do sentimento de estar vivendo neste momento irreal.

---

<sup>181</sup> Maria Nazareth FERREIRA. *As festas populares na expansão do turismo: a experiência Italiana*. Op. Cit.

<sup>182</sup> Depoimento concedido em 07 de fevereiro de 2005.

Quando questionados sobre suas impressões sobre outras questões abordadas na pesquisa:

Respondendo a questão: Você ficou sabendo que São Luiz do Paraitinga recebeu o título de estância turística? Obteve-se o seguinte quadro:

#### **TABELA XIV –CONSCIENTIZAÇÃO TURISMO I -TURISTAS**

**Você ficou sabendo que São Luiz do Paraitinga recebeu o título de estância turística?**

|                        | Sim        | Não        |
|------------------------|------------|------------|
| <b>Carnaval</b>        | <b>50%</b> | <b>50%</b> |
| <b>Festa do Divino</b> | <b>18%</b> | <b>82%</b> |

Conclui-se que os turistas do Carnaval tiveram mais acesso à informação.

E ao responder a questão: O que, no seu entendimento, representou o título de estância turística para a cidade? Obteve-se a tabela a seguir:

#### **TABELA XV –CONSCIENTIZAÇÃO TURISMO II -TURISTAS**

**O que, no seu entendimento, representou o título de estância turística para a cidade?**

|                        | Destaque para cidade: aumentando o número de turistas, mais dinheiro e mais empregos - | Tem possibilitado a restauração da cidade e a preservação do casario colonial.- | mais turistas e mais desordem | não mudou em nada |
|------------------------|--|---|-------------------------------|-------------------|
| <b>Carnaval</b>        | <b>47%</b>   | <b>40%</b>  | <b>13%</b>                    |                   |
| <b>Festa do Divino</b> | <b>80%</b>   | <b>20%</b>  |                               |                   |

Ao cruzar as informações dos quadros acima, percebe-se que o turista que frequenta o Carnaval possuía maior conhecimento sobre a questão do turismo, assim como o maior grau de conscientização sobre as interferências

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

desestabilizadoras do processo do turismo , do que os turistas freqüentadores da Festa do Divino. Entretanto, observou-se que, apesar de não possuírem acesso à informação do turismo, assim como o conhecimento sobre o seu processo desestabilizador das identidades culturais, os turistas do Divino, ao saberem das questões, demonstraram que estabelecem uma identidade mais profunda com a cidade, pois 80% relacionaram o título de estância turística ao destaque para a cidade (aumentando o número de turistas, mais dinheiro e mais empregos).

Respondendo a questão: Você ficou sabendo da reforma da praça?

Obteve-se o seguinte quadro:

**TABELA XV –CONSCIENTIZAÇÃO TURISMO II -TURISTAS**

| <b>Você ficou sabendo da reforma da praça?</b> |            |            |
|--|------------|------------|
|  | Sim        | Não        |
| <b>Carnaval</b>                                | <b>67%</b> | <b>33%</b> |
| <b>Festa do Divino</b>                         | <b>64%</b> | <b>38%</b> |

E, posteriormente ao responderem a questão: O que você achou? Obteve-se a seguinte situação:

| <b>O que você achou?</b> |  |  |                             |
|--------------------------|--|--|-----------------------------|
|                          | Prefere como está agora, pois ficou mais bonita e com mais espaço. | Prefere como era anteriormente, pois retiraram as arvores e a cara da praça. | tanto faz não mudou em nada |
| <b>Carnaval</b>          | <b>47%</b>   | <b>30%</b>   | <b>23%</b>                  |
| <b>Festa do Divino</b>   | <b>86%</b>   | <b>5%</b>  | <b>11%</b>                  |

Sobre as referências espaciais, ao serem perguntados sobre a reforma da praça tanto no Carnaval quanto na Festa do Divino, mais de 60% estavam a par

da questão. Porém, quando inquiridos a opinar sobre como preferem a praça, os turistas que freqüentam o Carnaval tiveram um maior esclarecimento sobre a retirada das árvores, diferente dos freqüentadores da Festa do Divino, cuja maioria acredita que como está agora é melhor. Contraditoriamente, demonstrando ausência do valor histórico e ambiental.

Desenvolvendo o trabalho proposto sobre as suas referências espaciais, foi apresentada a seguinte afirmação: São Luiz do Paraitinga é conhecida pela presença do casario colonial e pelas festas (o Carnaval e a Festa do Divino), para posteriormente serem inquiridos a responder: o que você acha deste cartão postal?

Tanto no Carnaval quanto na Festa do Divino os turistas concordaram com a associação realizada, porém mais uma vez ficou demonstrado que os turistas do Carnaval possuem maior conscientização do processo comunicacional existente entre o patrimônio arquitetônico e a festa, como se pode observar nos depoimentos mais interessantes, os quais abordaram vários aspectos desta pergunta:

É bom porque as pessoas preservam sim o casario colonial e ele faz parte do carnaval.<sup>183</sup>

Neste depoimento observa-se a análise do patrimônio arquitetônico enquanto espaço essencial para realização da festa, demonstrando a relação dialética estabelecida.

---

<sup>183</sup> Depoimento concedido entre os dias 4 e 8 de fevereiro de 2005.

Representa a questão histórica do país e o carnaval também representa a nossa cultura, que está preservada aqui em São Luiz.<sup>184</sup> Ou ainda;

Excelente, tem que ser mantida esta tradição onde a cidade se diferencia das outras cidades grandes.<sup>185</sup>

Estas duas respostas, ao relacionarem a história do país à história da cultura da cidade, fortalecem a importância da identidade cultural local como elemento de garantia para o desenvolvimento de um turismo de caráter emancipador.

O melhor de tudo porque parece que a gente está até em outra época.<sup>186</sup>

E por fim, este depoimento reforça o poder que a festa possui: através do processo de reviver o passado trazer para a realidade as possibilidades de pensar o futuro, na sua totalidade.

---

<sup>184</sup> Depoimento concedido entre os dias 4 e 8 de fevereiro de 2005.

<sup>185</sup> Depoimento concedido entre os dias 4 e 8 de fevereiro de 2005.

<sup>186</sup> Depoimento concedido entre os dias 4 e 8 de fevereiro de 2005.



**FOTO: Fabiana Amaral- Carnaval/2005**

Quanto à faixa etária o turista que frequenta a Festa do Divino possui um perfil muito diferente dos frequentadores do Carnaval. Na Festa do Divino, 80% das pessoas possuem mais de 40 anos, já no Carnaval mais de 68% dos entrevistados estão na faixa etária de 20 a 40 anos. Este fato remete a ideologia de cada festa, sendo o Carnaval o momento de euforia e fuga da realidade do dia a dia, onde os mais jovens são a maioria. No Divino, não deixa de ser uma sublimação da realidade, pois as pessoas estão num momento mágico de devoção, com uma ideologia de agradecimento às graças alcançadas no ano.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

Em relação ao número de turistas: o Carnaval movimentou um número de 20 mil turistas por dia, já no Divino são apenas 6 mil turista por final de semana.<sup>187</sup>

Ao vivenciar as duas festas observa-se que a ideologia da festa é um dos elementos essenciais de referência e garantia de identidade.

Entretanto, tanto o Carnaval quanto a Festa do Divino estão passando por problemas estruturais. O Divino, como já foi relatado, vem perdendo seus referenciais simbólicos; já no Carnaval parece que as tradições estão cada vez mais fortalecidas; porém, um dos grandes problemas consiste na sua gestão, pois a divulgação da festa não corresponde à infra-estrutura oferecida, trazendo grandes discussões entre a comunidade e a prefeitura.

Estas discussões foram formalizadas num projeto realizado pelo CONTUR - Conselho de Turismo da São Luiz do Paraitinga – o qual resultou na elaboração de uma lei municipal que limita o número de turistas por meio da cobrança de uma zona azul, além de outras propostas que apontam as deficiências da festa e buscam possíveis caminhos para efetivação de um turismo emancipador.<sup>188</sup> Este fato fortalece as perspectivas apontadas na pesquisa, pois este quadro atual indica que de alguma forma a comunidade vem resistindo as interferências do

---

<sup>187</sup> Estimativa concedida pelo Secretário de Turismo da cidade em 29 de outubro de 2005.

<sup>188</sup> Estes dados foram concedidos por integrantes do CONTUR.

turismo massificador, ao garantir, por meio desta lei municipal<sup>189</sup>, a preservação da identidade cultural local.

---

<sup>189</sup> “A PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA comunica que, considerando a necessidade de se promover melhorias na infra-estrutura para recepcionar os turistas que nos visitam durante o período de Carnaval, bem como tomar medidas para preservar nosso Patrimônio Arquitetônico elaborou, em parceria com o COMTUR – Conselho Municipal de Turismo desta cidade, um Projeto de Lei que foi encaminhado à Câmara Municipal, tendo sido aprovado pelos nobres vereadores desta cidade. Basicamente, no Projeto aprovado constam as seguintes medidas: Durante o período de Carnaval todas as vias públicas desta cidade onde não for proibido o estacionamento, serão consideradas “Zona Azul”, e os veículos particulares nela estacionados deverão portar o “Selo de Estacionamento”, o qual será vendido na entrada da cidade, ao preço de R\$ 30,00 por dia Os valores arrecadados na forma acima deverão ser aplicados em sua totalidade na melhoria da infra-estrutura do próprio Carnaval, tais como, contratação de banheiros químicos, empresas de segurança, fiscalização do trânsito, etc.” Documento disposto no site da Prefeitura de São Luiz do Paraitinga.

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

## CONCLUSÕES PRELIMINARES

Esta pesquisa, ao compreender os processos comunicacionais do patrimônio arquitetônico inserido na perspectiva das manifestações culturais subalternas, comprovou a sua função de comunicador de vivências e de ideais da comunidade envolvida nas suas buscas cotidianas, caracterizando-se como espaço formador de uma possível transformação social e de um processo identitário.

É importante apontar alguns aspectos do debate que, com a retomada do trabalho de campo, apresentaram significativas transformações, direcionando a discussão sobre o patrimônio arquitetônico como elemento de comunicação das classes subalternas na realidade do turismo massificador.

Ainda que o turismo massificador atue no espaço das cidades, especificamente no patrimônio arquitetônico, de forma desestabilizadora das identidades culturais, configurando um número elevado de cidades transformadas em meras ilustrações históricas, vislumbram-se possibilidades de transformação

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

"Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's" A.Sarras - USA

social ao entendê-lo a partir dos processos comunicacionais estabelecidos com as manifestações culturais subalternas.

Ao abordar a problemática patrimonial, algumas pesquisas do campo das Ciências Urbanas se ocupam de questões de como preservar, restaurar e proteger o patrimônio arquitetônico, o que não deixa de ter sua importância. Porém, este trabalho buscou apontar caminhos que evidenciem novos critérios de análise sobre o patrimônio arquitetônico, a partir da visão das Teorias da Comunicação e da Cultura, focando no entendimento das culturas subalternas, num movimento contra-hegemônico. Esta análise foi realizada a partir desta visão, e especificamente, na análise da festa como objeto de estudo, considerando que a festa traz para o indivíduo a possibilidade de, ao reviver um passado remoto, encontrar forças para viver no presente as buscas e sonhos do futuro; e considerando ainda que, o que na cotidianidade é fragmentado, neste momento encontra uma unidade.

Desta forma, o patrimônio arquitetônico foi analisado durante o processo festivo. Por ser o espaço da realização da festa é visto pelo indivíduo na sua totalidade, como elemento aglutinador, diferentemente do cotidiano quando o indivíduo não possui a percepção do patrimônio arquitetônico, configurando os quadros de ausência de conscientização sobre o seu patrimônio cultural.

As diferentes relações estabelecidas sobre a questão do patrimônio arquitetônico na realidade do turismo cultural, tais como a gestão participativa, a sua essência hegemônica, as relações de paternalismo, a falta de diálogo entre os diferentes órgãos oficiais, entre outras, foram analisadas e discutidas ao longo

deste trabalho. No entanto, em que pese esta realidade, averiguou-se que o que permitiria a comunicação social do patrimônio arquitetônico é a participação efetiva da comunidade como gestora de seu patrimônio cultural/arquitetônico. Mais significativo do que esta análise é o entendimento de que, tanto a teoria como a realidade, não podem ser compreendidas num movimento de causa e efeito, pois as situações demonstraram suas relações dialéticas; por mais que a maioria dos cidadãos não possua a consciência de seu papel de gestor, ele existe e respira nas vivências e nos sonhos dos mesmos.

O momento fundamental de toda a pesquisa concentrou-se nas possibilidades da dialética, nas quais, a teoria, ao deparar-se com a realidade, consegue projetar-se na práxis e, ao interferir na própria história, garante o seu papel funcional, pois ao mesmo tempo em que desvenda o mistério da história, a transforma em instrumento de ação.

O fato do patrimônio arquitetônico ter se configurado como referência hegemônica ao longo dos anos, não impossibilitou a realização de seus processos comunicacionais com as classes subalternas. Trazer exemplos externos dessa situação colaborou para o entendimento da realidade brasileira de anos de dominação e, de vários processos de aculturação, refletidos nas manifestações culturais e nos espaços destas vivências (patrimônio arquitetônico). Também revelou a existência de possibilidades de transformação ao compreender o patrimônio arquitetônico como elemento essencial para o fortalecimento da identidade cultural.

Esta realidade é que justifica entender o patrimônio arquitetônico por meio das Teorias da Comunicação e da Cultura, buscando um diferencial das análises das Ciências Urbanas, as quais não permitem o conhecimento destas relações comunicacionais, pois nesses casos o patrimônio arquitetônico tem se configurado como ilustração histórica, o que impossibilita a compreensão do mesmo na sua totalidade e no seu papel social.

A contribuição desta pesquisa centra-se na seguinte questão: ainda que diagnosticado que as condições materiais de existência, como as relações de paternalismo, impossibilitem a gestão participativa do patrimônio arquitetônico, é possível comprovar os processos comunicacionais estabelecidos, por meio da análise da festa como objeto de estudo, pois o espaço da cidade – São Luiz do Paraitinga - ainda possui o valor de uso das vivências culturais. E porque não compreender o patrimônio arquitetônico a partir desta visão?

O trabalho de campo comprovou que o patrimônio arquitetônico é vivo, possui dinamicidade, elemento de identidade cultural histórica, referências simbólicas, e que, sem ele, as manifestações culturais subalternas perdem os seus sentidos de existência. A análise do patrimônio arquitetônico, a partir desta perspectiva, adquire outros contornos, permitindo a visualização de seus processos comunicacionais. Esta análise não invalida, como já discutido anteriormente, as funções do poder público referentes à gestão do patrimônio ou do turismo, porém comprovou-se que para torná-lo elemento de comunicação social efetivo é necessário que a comunidade possua consciência de seu papel enquanto gestora do mesmo.

Mais do que compreender esses processos, esta pesquisa pretendeu trazer o patrimônio arquitetônico para a vivência das manifestações culturais subalternas, pois este está presente no imaginário do indivíduo, sendo elemento formador de sua historicidade, capaz de possibilitar a ressignificação dos processos simbólicos estabelecidos, atualmente, com as revitalizações do acervo arquitetural no processo do turismo histórico-cultural.

E não esquecendo que o turismo tem se caracterizado como portador de benefícios econômicos para os municípios, o caminho possível será quando este possuir caráter emancipador. O dilema apontado pela pesquisa: a quem cabe essa mudança?

O trabalho diagnosticou as incongruências, apontou as possibilidades do patrimônio arquitetônico como elemento de comunicação social, mas o mais valioso ainda é a capacidade que a posse de conhecimento, seja ele qual for, acadêmico, histórico, cotidiano, possui para a transformação social, como Ferreira confirma na sua reveladora pesquisa sobre as possibilidades transformadoras das classes subalternas:

A cultura subalterna contém elementos que podem contribuir para romper o isolamento a que as classes populares estão condenadas, através de movimentos e mobilizações populares nos quais as pessoas se encontram, identificam-se, geram formas democráticas de comunicação, símbolos, canções, palavras de ordem etc. (...) a cultura das classes subalternas é uma herança social específica que pode obstruir ou dificultar os intentos de desintegração moral dos povos, convertendo-se em fator ativo de resistência.<sup>190</sup>

---

<sup>190</sup> Maria Nazareth FERREIRA. *Globalização e Identidade Cultural na América Latina*. Op cit. pg 85.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ARANTES** Antônio Augusto. “Repensando os aspectos sociais da sustentabilidade: a conservação integrada do patrimônio ambiental urbano” *in* PROJETO HISTÓRIA/18. São Paulo. EDUC- PUC-S.P.1999

**BASBAUM** Leôncio. *O processo evolutivo da História*. São Paulo, Editora Edaglit, 1963.

**BENEVIDES**.Irleno Porto “Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local” *in* **RODRIGUES**, Adyr A. B., org. *Turismo e Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, 1997.

**BENEVOLO**, Leonardo. *A Cidade e o Arquiteto*. São Paulo: Perspectiva .2001

**BRITO**, Marcelo. “Pressupostos de reabilitação urbana de Sítios Históricos no contexto brasileiro”. Texto disponível no site: [www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br).

\_\_\_\_\_ *Urbis, uma estratégia de atuação*. In: [www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp120](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp120)

**FEATHERSTONE**, M. *Cultura de consumo e pós- modernismo*. São Paulo: Nobel .1995

**CORRÊA** Alexandre Fernandes. *Vilas, Parques, Bairros e Terreiros – Novos patrimônios na cena das políticas culturais em São Paulo e São Luis*.São Luis, EDUFMA,2003.

**CHOAY**, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Liberdade .2001.

**FERREIRA** Maria Nazareth. “A festa como objeto de estudo” In: *Comunicação e Política*, Rio de Janeiro - R.J, v. 24, n. 01, 2006. (no prelo)

\_\_\_\_\_ (coordenadora) Projeto: “As espacialidades das culturas subalternas e o Turismo Emancipador”., com término previsto para março de 2006.

\_\_\_\_\_ *As festas populares na expansão do turismo: a experiência Italiana*. São Paulo: Arte&Ciência, 2001

\_\_\_\_\_ *in* Curso “Alternativas do Conhecimento Científico em Cultura e Comunicação Social” . CCA-ECA-USP, primeiro semestre de 2.000.

\_\_\_\_\_ *A tradição e o seu significado para o turismo cultural: o Vale do Paraíba.* São Paulo, CELACC-ECA/USP, 1999

\_\_\_\_\_ Coordenadora. Projeto: "Identidade Cultural e Cidadania: O potencial das cidades históricas para o Turismo" Relatório apresentado para FAPESP e para o CNPq em 2002.

\_\_\_\_\_ (org) *A Cultura Subalterna e Neoliberalismo: a encruzilhada da América Latina.* São Paulo, CELACC/ECA/USP, 1997.

\_\_\_\_\_ *Globalização e Identidade Cultural na América Latina.* São Paulo, CEBELA, 1995.

**FILHO.** João dos Santos. *O turismo brasileiro: equívocos, retrocessos e perspectivas – o balanço que nunca foi feito*, disposto no site: [www.espacoacademico.com.br/a\\_jsf.htm](http://www.espacoacademico.com.br/a_jsf.htm)

**FUNARI,** Pedro Paulo & **PINSKY** Jaime. *Turismo e Patrimônio Cultural* Belo Horizonte: Contexto .2002.

**FUNARI,** Pedro Paulo. "Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil". Texto disponível no site: [www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br).

**GALHARDO.** Soledad. "A formação de novos sentidos na cidade: mídia e processos culturais". Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes – ECA/USP. Dezembro de 2003.

**GARCIA CANCLINI** Nestor, *Cultura transnacional y culturas populares.* Lima, IPAL, 1998.

\_\_\_\_\_ "O Patrimônio Cultural e a construção imaginária do Nacional" In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 23, Rio de Janeiro, 1994.p.00.

**GOMES** Wilson, "A pergunta e o discurso sobre o real na crise da modernidade" In: Antônio Albino Canelas RUBIN (org). *Idade Mídia.* Salvador: EDUFBA, 1995

**GRAMSCI** Antonio. *Literatura e vida nacional.* Rio de Janeiro: Civ. Brasileira. 1968

**HOLANDA** Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras.* São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

**JEUDY**, Henri-Pierre. *Memórias do Social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária 1990

\_\_\_\_\_ Em entrevista publicada no Caderno B do Jornal do Brasil. 12 de setembro de 2000.

**KUWAHARA**, Mônica Yukie. "Consumo: simulacro de democracia e mascaramento do jogo de poder". Roteiro para Discussão. *Seminário Alternativas do Conhecimento Científico em Cultura e Comunicação Social*. Rio de Janeiro, 22-23 de julho 2000. mimeo.

**LEFEBVRE**, Henri. *O Direito a Cidade*. São Paulo, Centauro, 2001.

**LEMOS**, Carlos A. C. *O que é Patrimônio Histórico*. São Paulo: Brasiliense .1995

**MARTINS**, Maria Helena. *Preservando o Patrimônio e Construindo a Identidade*. São Paulo: Moderna .2002

**MENEGUELO**, Cristina. "A Preservação do Patrimônio e o Tecido Urbano". Texto disponível no site: [www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br).

**MORIN**, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.2000.

**MÜLLER**, Nice Lecocq *O fato urbano na Bacia do Rio Paraíba – São Paulo*. Série A "Livros" nº 23. Rio de Janeiro, IBGE/Biblioteca Geográfica Brasileira, 1969.

**ROSSI**, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.1995.

**SIMÃO**, Maria Cristina Rocha. *Preservação do Patrimônio em Cidades*. São Paulo: Autêntica .2001

**TOLEDO**, Francisco Sodero *Caminhos de Penetração, Povoamento e Colonização*, disposto no site: [www.estudosvaleparaibanos.com.br](http://www.estudosvaleparaibanos.com.br).

**TRINDADE**, Jaelson Bitran e **SAIA** Luis. *São Luiz do Paraitinga* - Publicação 02. São Paulo: CONDEPHAAT/Secretaria da Cultura Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. 1977.

**TRIGO**, Luiz G. Godói *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. Campinas, Papirus, 1993.

**ZANCHETI**, Silvio Mendes & **MARINHO**, G. *Estratégias de intervenção em áreas históricas*. Recife: MDU-UFPE .2000

---

\_\_\_\_\_”Conservação Integrada e novas Estratégias de Gestão”. Trabalho realizado para o 4º Encontro do SIRCHAL realizado em Salvador em maio de 2000.

**ZEVI, Bruno.** *Saber ver a arquitetura* São Paulo: Martins Fontes .1995

**pdfMachine - is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

**Get yours now!**

“Thank you very much! I can use Acrobat Distiller or the Acrobat PDFWriter but I consider your product a lot easier to use and much preferable to Adobe's” A.Sarras - USA

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)